



Vol. 848 – 2º quadrimestre de 2022

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS

ISSN 0011-7641



A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade

Pág. 03

Anselmo de Oliveira Rodrigues

A logística russa no contexto do conflito com a Ucrânia: alguns apontamentos

Pág. 18

Jonathas da Costa Jardim

Cavalaria mecanizada: possibilidades doutrinárias

Pág. 57

Endrigo Buscarons da Silva



Comandante do Exército
Gen Ex Marco Antônio Freire Gomes

Departamento de Educação e Cultura do Exército
Gen Ex Flavio Marcus Lancia Barbosa

Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército
Gen Bda Luciano Antonio Sibinel

Editor
Cel Eduardo Biserra Rocha
Diretor da BIBLIEx

Corpo Redatorial
Gen Bda Sergio Manoel Martins Pereira Junior (presidente)
Cel Alexandre Santana Moreira
Cel R1 Sergio Dias da Costa Aita (editor executivo)
TC Inf Anselmo de Oliveira Rodrigues

Composição
ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR
DO EXÉRCITO
Praça Gen. Tibúrcio, 125
Praia Vermelha – Rio de Janeiro-RJ – CEP 22.290-270
Tel.: (21) 3873-3868

Direção, revisão, diagramação e distribuição
BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA (BIBLIEx)
Palácio Duque de Caxias – Praça D. de Caxias, 25
3º andar – Ala Marcílio Dias – Centro – Rio de Janeiro-RJ
CEP 20.221-260
Tel.: (21) 2519-5707

Revisão
Cel Edson de Campos Souza

Diagramação
3º Sgt Tatiane Duarte

Projeto Gráfico
3º Sgt Marcos Côrtes Pimenta

Os conceitos técnico-profissionais emitidos nas matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da revista e do Exército Brasileiro. A revista não se responsabiliza pelos dados cujas fontes estejam devidamente citadas. Salvo expressa disposição em contrário, é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas, desde que mencionados o autor e a fonte. Aceita-se intercâmbio com publicações nacionais ou estrangeiras.

Os originais deverão ser **enviados para o editor executivo** (adefesanacional@gmail.com) e serão apreciados para publicação, sempre que atenderem os seguintes requisitos: documento digital gerado por processador de texto, formato A4, fonte Arial 12, margens de 3cm (Esq. e Dir.) e 2,5cm (Sup. e Inf.), com entrelinhamento 1,5.

Figuras deverão ser fornecidas em separado, com resolução mínima de 300dpi. Tabelas deverão ser fornecidas igualmente em separado, em formato de planilha eletrônica. Gráficos devem ser acompanhados de seus dados de origem. Não serão publicadas tabelas em formato de imagem.

As referências são de **exclusiva responsabilidade dos autores** e devem ser elaboradas de acordo com as prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL



A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

Redatores — Primeiros Tenentes: BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO & J. DE SOUZA REIS

N.º 1

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1913

Anno I

SUMMARIO Editorial. PARTE JORNALISTICA : O efectivo e a organização do Exército. Subsídios táticos. — A instrução de nossa infantaria em face dos actuais efectivos. Carros de munição para a infantaria e metralhadoras. Companhias de artilharia de combate. A metralhadora automática de carregar cartuchos. Correntes táticas na artilharia francesa. NOTICARIO : A partida de 7 de Outubro. A Madaloc. Desenvolvimento do exército do Brasil. Reorganização da Guarda Nacional. Equipamento alegreando o abandono da mochila. Stereototogrametria. Preparação para a cavalaria. Movimento do "Guarany". Questões à margem. A Defesa Nacional. — O ensinamento da guerra dos Balkans sobre artilharia. — A Infantaria Japonesa. Colaboração. BIBLIOGRAFIA : Os intermediários elásticos e a tração animal. — Exercícios de quadros e sobre a carta para a arma de infantaria. — Livros franceses e alemães.

Fac-Símile da portada do Nº 1, Ano I – 10/10/1913 de **A DEFESA NACIONAL**



ACESSE NOSSAS REVISTAS DIGITAIS

NOSSA CAPA

Imagens de capa: Centro de Comunicação Social do Exército



EDITORIAL



A DEFESA
NACIONAL

Prezados leitores.

Esta segunda edição de 2022 da nossa revista *A Defesa Nacional* vem a lume no exato momento em que ocorre o maior conflito armado da Europa desde a Segunda Guerra Mundial. O conflito, envolvendo Rússia e Ucrânia, traz para o tabuleiro geopolítico, além dos dois contendores diretos, organizações e outros atores estatais de relevância em todo o planeta para a condução da grave crise que se instalou na região, com efeitos diversos para muitos países.

Em função desse relevante acontecimento, esta edição dedica três artigos para a análise do conflito, abordando-o de diferentes ângulos, dentre os muitos sob os quais a crise pode ser mais bem compreendida. Com isso, esperamos contribuir para ampliar a visão de nossos leitores sobre as inúmeras variáveis que culminaram com os ataques militares russos ao território ucraniano e seus desdobramentos.

Na primeira abordagem do tema, o tenente-coronel Anselmo de Oliveira Rodrigues, no seu artigo intitulado *A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade*, traça um amplo panorama, desde a década de 1980, sobre os movimentos geopolíticos efetuados pelos principais atores envolvidos na crise que se instalou no Leste Europeu.

A guerra russo-ucraniana vem revelando e atualizando ensinamentos para a doutrina militar. A logística, função de combate fundamental em qualquer conflito, vem mostrando a necessidade de ser cada vez mais flexível e adaptativa. Sobre isso discorre o major Jonathas da Costa Jardim, no seu artigo *A logística russa no contexto do conflito com a Ucrânia: alguns apontamentos*.

E, fechando esse tema, o terceiro artigo aborda a necessidade de alinhamento dos níveis de decisão político, estratégico, operacional e tático para o sucesso no planejamento e no controle das operações militares. Nessa linha, no artigo *O conflito entre Rússia e Ucrânia sob a ótica do nível operacional*, o major Felipe Galvão Franco Honorato demonstra que a correta condução das ações no nível operacional é fundamental para a efetividade das ações militares.

Nosso quarto artigo, escrito pelo coronel Marcelo Oliveira Lopes Serrano – *Como os fracos vencem guerras: uma teoria enganosa* –, traz uma análise crítica sobre o livro de Ivan Arreguín-Toft. O articulista, também tradutor da obra em questão, faz uma minuciosa avaliação dos argumentos apresentados pelo autor e expõe seu ponto de vista sobre eles.

O artigo seguinte, *As operações de múltiplos domínios e a nova prontidão estratégica do Exército dos Estados Unidos*, faz uma avaliação da doutrina militar americana nesse novo foco de operações. Nele o coronel Sérgio Munck explora os trabalhos de prontidão permanente como uma das principais prioridades do maior exército do planeta.

Em *Cavalaria mecanizada: possibilidades doutrinárias*, o major Endrigo Buscarons da Silva apresenta uma perspectiva inovadora, baseada em aspectos doutrinários e tarefas que podem ser incorporados à cavalaria mecanizada no Exército Brasileiro. O artigo aborda as diversas novidades que a transição da era industrial para a era do conhecimento vem trazendo para os combates modernos.

E, encerrando esta edição, o último artigo aborda *A implementação do SISPRON na 5ª Bda C Bld como fator de dissuasão da nação*. Seu autor, o major Andre Rolim da Silva, discorre sobre a implantação do SISPRON no âmbito da Força Terrestre. Esse sistema tem por objetivo a formação de tropas treinadas, certificadas e em estado de prontidão operacional, em permanente condição de pronta-resposta.

Assim, esperamos que os temas abordados nesta edição possam despertar o interesse do leitor e suscitar diálogos e debates sobre assuntos tão atuais e importantes não somente para militares, mas para todos aqueles que se interessam por compreender como essas questões afetam as sociedades de maneira ampla.

Desejamos a todos uma prazerosa leitura!

SUMÁRIO

3

A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade
Anselmo de Oliveira Rodrigues

18

A logística russa no contexto do conflito com a Ucrânia: alguns apontamentos
Jonathas da Costa Jardim

26

O conflito entre Rússia e Ucrânia sob a ótica do nível operacional
Felipe Galvão Franco Honorato

36

Como os fracos vencem guerras: uma teoria enganosa
Marcelo Oliveira Lopes Serrano

49

As operações de múltiplos domínios e a nova prontidão estratégica do Exército dos Estados Unidos
Sérgio Munck

57

Cavalaria mecanizada: possibilidades doutrinárias
Endrigo Buscarons da Silva

67

A implementação do SISPRON na 5ª Bda C Bld como fator de dissuasão da nação
Andre Rolim da Silva

A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade

Anselmo de Oliveira Rodrigues*

Introdução

A invasão realizada pela Rússia ao território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, provocou as mais diversas reações da sociedade. Inicialmente, grande parte dos analistas adotaram cautela e entenderam que aquele momento representava o estopim de um possível conflito entre Estados. A imprensa em geral, em tom mais midiático, rapidamente cunhou a investida russa pelo termo de *guerra*, postura que foi seguida por alguns países, como a Alemanha e os Estados Unidos da América (EUA), que não titubearam em definir a agressão russa como *guerra*, pois entenderam que os russos haviam invadido o território ucraniano e, dessa forma, teriam infringido a soberania de outro país. A Rússia, por seu turno, defendeu que sua ação era uma operação militar especial que visava, tão somente, reconhecer a independência das províncias ucranianas de Luhansk e Donetsk, na região do Donbass. A Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, sem poder fazer nada diante do voto impetrado pela Rússia no Conselho de Segurança Permanente, limitou-se a condenar a Rússia e defendeu que as divergências entre os dois países deveriam ser tratadas pelos canais diplomáticos.

Decorridos alguns meses desde o início da incursão russa, há várias evidências de que o que ocorre atualmente no Leste Europeu é uma guerra clássica entre Estados (COSTA, 2022). Diariamente, as mídias apresentam cenas de um país que está sofrendo os efeitos colaterais típicos de uma guerra: mobilidade humana forçada, cidades literalmente destruídas, mobilização nacional decretada, atuação de companhias privadas

de segurança em solo ucraniano, população civil em armas etc. Ou seja, as imagens e as informações disponibilizadas pelos mais diversos meios de comunicação deixam pouca margem à dúvida de que 24 de fevereiro de 2022 foi o primeiro dia da guerra entre Rússia e Ucrânia.

De maneira impensável ao mundo ocidental até pouco tempo atrás, a guerra entre Estados e, em particular, a que está sendo travada entre Rússia e Ucrânia, paulatinamente vai ocupando uma posição de destaque na agenda internacional, que, desde o término da Guerra Fria, vinha priorizando temas como meio ambiente, direitos humanos e perspectiva de gênero (COSTA, 2022). Entretanto, no Brasil, a defesa e, consequentemente, a guerra são de responsabilidade de todos os integrantes da sociedade (BRASIL, 2012). Em outras partes do globo, as questões associadas à guerra e à paz já vêm sendo estudadas por diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da ciência política, direito, ciências militares e relações internacionais (RODRIGUES; MIGON, 2017). Desde Hugo Grotius até Norberto Bobbio (MIGON, 2012), passando por Clausewitz (HOWARD, 2002), alargado rol de pensadores e perspectivas sobre o fenômeno da guerra têm sido trazidos à lume, o que tem gerado valiosas contribuições à sociedade.

Tendo em vista que a guerra é um fenômeno social, incerto, complexo e que é deflagrada em múltiplos domínios (VISACRO, 2020), inúmeras abordagens vêm sendo realizadas para analisar a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Sem adentrar em juízo de valor sobre determinada abordagem, acredita-se que todas as perspectivas utilizadas não se confundem, mas se complemen-

* TC Inf (AMAN/1998, EsAO/2006, ECEME/2015). Concluiu o doutorado em Ciências Militares pela ECEME em 2019 e possui o Curso de Estudos em Segurança e Defesa na ANEPE/Chile em 2019. Atualmente, é instrutor da ECEME.

tam e se intercruzam (FARIAS, 2022). Afinal, questões complexas não requerem soluções simples e, como a guerra é um fenômeno complexo, torna-se necessário analisá-la nos seus mais variados domínios. Ou seja, tão importante como entender o conflito bélico em si é depreender como estão posicionados e como se movimentam os principais atores dessa crise no tabuleiro geopolítico global.

Em vista dessa realidade, o artigo procura dar sua contribuição e se propõe a analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade. Sem ter a pretensão de esgotar o assunto, esta pesquisa busca se inserir em uma prateleira de conhecimentos relativa à citada crise e, dessa forma, pretende se tornar mais uma fonte disponível para auxiliar a sociedade no entendimento sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Para atingir tal objetivo, este artigo está estruturado da seguinte forma: na introdução, é destacada a conduta de alguns atores na guerra entre Rússia e Ucrânia, da mesma forma que é enfatizada a necessidade de a sociedade estudar o fenômeno da guerra. Na sequência, discorre-se sobre a teoria da complexidade e a metodologia que foi aplicada durante a pesquisa. Posteriormente, são analisados a postura e o comportamento da Rússia, dos EUA, da Europa e da Ucrânia diante de cinco eventos históricos, cuja magnitude e importância são de tal monta que foram capazes de modificar o *status quo* e a atitude desses quatro atores. Na parte final, são realizadas algumas inferências sobre a crise no Leste Europeu.

Considerações teórico-metodológicas

Para analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade, torna-se necessário entendê-la e como dialoga com este artigo, afinal a teoria da complexidade não é algo simples. Como o próprio nome diz, a teoria é complexa, logo requer conhecimento e reflexão aprofundados sobre o assunto. Diante dessas circunstâncias, este artigo busca, precipuamente, dar luz a determinados aspectos dessa teoria, considerados importantes para a proposta deste trabalho.

O que vem a ser a teoria da complexidade?

Uma das pesquisas mais abrangentes realizadas sobre a teoria da complexidade foi elaborada pelo jornalista norte-americano John Horgan e publicada em 1995, no periódico *Scientific American*. Denominado de *From Complexity to Perplexity*, o artigo publicado por John Horgan apresentou um estudo bastante amplo sobre o que vem a ser a teoria da complexidade, oportunidade em que pôde apresentar a presença de, pelo menos, 31 definições existentes acerca dessa teoria. Haja vista o caráter multidisciplinar em sua concepção, Horgan (1995) indicou que a teoria da complexidade poderia ser aplicada a vários ramos da ciência.

Desde então, inúmeros cientistas e acadêmicos se propuseram a aplicar a teoria da complexidade em seus estudos e, consequentemente, diversos debates se sucederam após a publicação desse artigo. Inserido nesse universo, Geyer e Rihany (2010) propuseram que a teoria da complexidade poderia auxiliar o entendimento sobre o comportamento e atitudes de determinados atores de um sistema complexo, haja vista que o sistema e os processos ocorridos nele não possuam a estabilidade adequada para que se pudessem elaborar conceitos teóricos universais sobre o próprio sistema.

No ano seguinte, Bousquet e Curtis (2011) complementaram o estudo realizado pela dupla anterior e compreenderam que a teoria da complexidade era a mais adequada para analisar o comportamento dos integrantes de um sistema complexo, pois ela possibilitava averiguar as causas e os efeitos das interações lineares e não lineares estabelecidas pelos componentes desse sistema. Ou seja, a dupla concluiu que a teoria da complexidade era capaz de identificar e estudar os distintos mecanismos de retroalimentação de um sistema complexo.

E assim, com o tempo, a teoria da complexidade foi se tornando cada vez mais requisitada entre os pesquisadores e os cientistas em suas investigações. Atualmente, a teoria da complexidade vem sendo empregada em situações de toda ordem, que variam desde questões do dia a dia até relações causa-efeito do comportamento dos integrantes de um sistema complexo.

Como a teoria da complexidade dialoga com a proposta desta pesquisa?

Tendo em vista que o sistema internacional é, *per si*, um sistema complexo em sua essência (RODRIGUES; MIGON, 2019), a crise no Leste Europeu pode ser analisada à luz da teoria da complexidade, mais precisamente no entendimento de que o sistema internacional, da mesma forma que o sistema complexo, possui relações lineares e não lineares em sua estrutura, cuja característica principal reside na desobediência a uma regra de proporcionalidade entre as ações de entrada e saída dos componentes desse sistema (BOUSQUET; CURTIS, 2011).

Tal característica ocasiona o famoso “efeito borboleta”, pelo qual determinados eventos podem gerar pequenos estímulos em algumas partes do sistema, da mesma forma que podem ocasionar grandes impactos em outras partes desse mesmo sistema (BOUSQUET; CURTIS, 2011). No caso em estudo, entende-se que determinados fatos históricos ocorridos no sistema internacional foram capazes de moldar o comportamento, em maior ou menor grau, dos principais atores inseridos na crise do Leste Europeu: EUA, Rússia, Europa e Ucrânia.

Sem desconsiderar os fatos históricos e as relações estabelecidas por esses atores anteriormente, este artigo irá analisar o comportamento e os movimentos geopolíticos realizados pelos EUA, Rússia, Europa e Ucrânia diante de cinco eventos históricos ocorridos a partir de 1980: 1) a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder na ex-URSS, em 1985; 2) a queda do muro de Berlim em 1989; 3) os atentados terroristas ocorridos nos EUA, em 11 de setembro de 2001; 4) o surgimento do Estado Islâmico em 2014; e 5) a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão em 2021. Esses fatos históricos foram selecionados, pois acredita-se que eles são determinantes para compreender o que está acontecendo atualmente no Leste Europeu.

A ascensão de Mikhail Gorbachev na ex-URSS e o colapso do comunismo

Antes de analisar a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder e as consequências desse episódio para a ex-URSS, EUA, Europa e Ucrânia, é importante realizar uma breve digressão histórica, procedimento essencial para iluminar alguns pontos, considerados fundamentais para proporcionar uma adequada consciência situacional sobre a crise no Leste Europeu.

No início da década de 1980, sob a égide da Guerra Fria, as divergências entre norte-americanos e soviéticos eram bastante elevadas e estavam presentes em vários segmentos. Para que se tenha uma ideia, nem os esportes ficaram imunes a essa rivalidade. Durante os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, os EUA, juntamente com outros 62 países capitalistas, em protesto à invasão realizada pela ex-URSS no Afeganistão em 1979, recusaram-se a participar das Olimpíadas de Moscou e boicotaram os jogos olímpicos. Segundo Gavini (2020), as Olimpíadas de Moscou foram as que sofreram o maior boicote da história dos jogos olímpicos.

De maneira semelhante, apenas 4 anos depois, por ocasião das Olimpíadas de Los Angeles em 1984, o mundo presenciou outro boicote. Dessa vez, alegando falta de segurança de suas delegações esportivas, a ex-URSS e 13 países da Cortina de Ferro também não quiseram participar das Olimpíadas de Los Angeles e boicotaram os jogos olímpicos (GAVINI, 2020).

Tais fatos ocorridos na esfera esportiva dão uma noção do grau de hostilidades que havia entre russos e norte-americanos no início da década de 1980. Todavia, enquanto os demais países do globo assistiam norte-americanos e soviéticos duelarem nos mais variados campos do poder, internamente a ex-URSS atravessava forte turbulência nos campos econômico, político e psicossocial. E foi nesse ambiente que Mikhail Gorbachev ascendeu ao poder na ex-URSS, em 1985.

De postura neoliberal, Mikhail Gorbachev envidou esforços para retirar a ex-URSS da crise que enfrentava. De todas as ações implementadas por ele, duas se destacaram e ficaram mundialmente conhecidas: *Glasnost* e *Perestroika*. Em síntese, a *Glasnost* era uma política

pública voltada para tornar as ações estatais mais transparentes e aumentar a liberdade de expressão, sobre tudo da imprensa. Já a *Perestroika* era uma política pública que pretendia desburocratizar a máquina estatal e previa a descentralização da tomada de decisões no âmbito econômico (RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

Sem, no entanto, possuir a robustez político-econômica dos EUA e com uma sociedade totalmente despreparada para conviver com o capitalismo e com a globalização que ora se descortinava, o líder soviético não obteve o sucesso esperado com essas ações, e o cenário interno ficou ainda mais instável (RODRIGUES; PEREIRA, 2020). Sem muitas alternativas no plano interno, Mikhail Gorbachev buscou se aproximar do Ocidente, particularmente dos EUA, conduta que arrefeceu a rivalidade entre norte-americanos e soviéticos. Como não poderia deixar de acontecer, tal aproximação com os norte-americanos também se fez refletir internamente na ex-URSS, revelando a debilidade do comunismo perante o mundo. Com isso, não tardou para o comunismo colapsar.

Os EUA, liderados por Ronald Reagan, se aproximaram da ex-URSS após a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder e, sob a justificativa de evitar uma catástrofe nuclear mundial, os norte-americanos realizaram quatro encontros com os soviéticos na segunda metade da década de 1980, todos voltados para negociar os termos do desarmamento em ambos os países (LEBOW; STEIN, 2004). O êxito do capitalismo, associado ao declínio do comunismo durante a segunda metade da década de 1980, propiciou as condições necessárias para que Ronald Reagan encorajasse Mikhail Gorbachev a derrubar o muro de Berlim, desejo que se tornou público em um pronunciamento feito pelo mandatário norte-americano durante um discurso em 12 de junho de 1987, no lado ocidental do muro de Berlim.

A Europa, insuflada pelos EUA, rapidamente começou a emitir sinais de que o comunismo estava caminhando para o seu colapso. Em 1986, um ano após Mikhail Gorbachev assumir o poder, os europeus firmaram o Ato Único Europeu, que, dentre as diversas propostas elencadas, também tinha como objetivo eliminar as fronteiras dos países europeus, facilitar a livre mobilidade dos cidadãos e estimular a circulação das

mercadorias no continente. Essa conjuntura estimulou a entrada de Espanha e Portugal na Comunidade Europeia em 1986, adesões que deram mais corpo ao projeto de unificação político-econômico europeu.

A Ucrânia, juntamente com a Rússia, compunha o centro de gravidade do poder soviético, uma vez que era responsável pela maior parte da produção agrícola soviética, abrigava grande parte do arsenal nuclear soviético, sediava boa parte da base industrial de defesa soviética e era um local onde havia importantes bases militares soviéticas, com destaque para a frota do mar Negro (RODRIGUES, 2022). Sem pontuar as questões históricas e psicossociais que ligam russos e ucranianos, fica claro que, durante a década de 1980, a Ucrânia era vital para a ex-URSS.

De maneira geral, pode-se inferir que a década de 1980 foi o período em que o capitalismo venceu o duelo contra o comunismo na arena global. Ao longo dessa década, o que se viu foi um capitalismo ficando cada vez mais forte e um comunismo caminhando a passos largos para o seu colapso, fatos que ficaram evidenciados após 1985. Em que pese a forte crise interna que assolava a ex-URSS nos primeiros anos dessa década, os soviéticos conseguiram disputar de igual para igual com os norte-americanos em todos os campos do poder. As Olimpíadas de Moscou são um exemplo dessa assertiva. O evento considerado divisor de águas no contexto dessa crise foi a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder na ex-URSS, cuja postura e política por ele adotadas foram capazes de desencadear uma série de eventos nas escalas local, regional e global, que, associados, foram determinantes para o colapso do comunismo.

A queda do muro de Berlim e a hegemonia norte-americana

A debilidade do comunismo permitiu a instauração de uma conjuntura extremamente favorável ao capitalismo na Europa. Com isso, não tardou para que, em 1989, cerca de dois anos após o pronunciamento realizado por Ronald Reagan no muro de Berlim, ocorresse o fato político mais importante do continente europeu durante a década de 1980. Trata-se da queda

do muro de Berlim, o maior símbolo da Guerra Fria, cuja construção foi concebida para separar a Alemanha Ocidental da Alemanha Oriental ou, também, separar o capitalismo do comunismo.

A queda do muro de Berlim representou o xequemate do capitalismo sobre o comunismo. Esse evento teve uma magnitude tão ampla que nenhum local do planeta ficou imune aos efeitos desse fato. E assim, sob a primazia do capitalismo, a última década do século XX se descontou ao mundo. A disputa bipolar de outrora deu espaço para a globalização, cuja concepção era tornar um mundo sem fronteiras, mais justo e igualitário, onde todas as pessoas teriam acesso aos mesmos produtos e teriam as mesmas oportunidades. Entretanto, na prática, a globalização foi um fenômeno que acentuou as desigualdades existentes, em que os ricos se tornaram mais ricos e os pobres ficaram mais pobres.

Com tantas mudanças em curso, não tardou para o combalido Império Soviético se colapsar. Em 1991, apenas dois anos após a queda do muro de Berlim, algumas repúblicas integrantes da ex-URSS começaram a proclamar suas independências, dentre elas a Ucrânia, acontecimentos que deram início ao desmoronamento do maior império que o planeta viu durante o século XX. Sem a força de outrora, Mikhail Gorbachev nada pôde fazer em face dos diversos processos de independência que eclodiram na ex-URSS, e somente restou a ele o papel de passar o poder da Rússia para Boris Yeltsin, também em 1991.

Com a extinção da ex-URSS, a Rússia passou a ser vista pelo sistema internacional como sendo a principal representante do extinto Império Soviético, haja vista que a maior parte do arsenal militar, da população e do território soviéticos haviam permanecido com os russos. Entretanto um indício de que os russos não conseguiram se desvincilar dos soviéticos foi que a forte instabilidade que havia na ex-URSS foi um cenário também presente na Rússia.

Diante desse quadro e sob a égide da globalização, Boris Yeltsin envidou esforços para retirar a Rússia da crise e quis implementar uma economia de mercado no país. Para tanto, o mandatário russo procurou realizar programas de privatização e de liberalização econô-

mica. Sem lograr êxito em tal empreitada, Boris Yeltsin mergulhou a Rússia em uma crise ainda mais sombria, com ápice em 1993, por ocasião da crise constitucional, momento em que o parlamento russo abriu um processo de *impeachment* contra o então presidente Boris Yeltsin, que, em contrapartida, dissolveu o parlamento e, não obstante, bombardeou as instalações do edifício que abrigava o parlamento (SEGRILLO, 2012). Em que pese o vasto território e o robusto poderio militar herdado da ex-URSS, a forte crise interna limitava a capacidade da Rússia em se projetar internacionalmente e exercer sua influência no planeta.

Diante desse cenário, os EUA tiveram seu caminho livre e não demoraram para alcançar o posto de única superpotência global. Os norte-americanos, de maneira hábil e inteligente, aproveitaram-se das transformações em curso e, por meio das instituições majoritariamente norte-americanas, ampliaram sua influência e, consequentemente, o seu poder no mundo. Não por acaso, várias empresas norte-americanas, como Microsoft, Nike e Coca-Cola, passaram a ser expoentes globais em seus ramos de atuação a partir da década de 1990. A ONU, revigorada e fortalecida após o término da Guerra Fria, finalmente conseguiu implementar o que havia sido previsto na Carta de São Francisco e, por meio das operações de paz, atuou para garantir a segurança e a paz no globo (RODRIGUES; MIGON, 2017). A consequência dessa postura se refletiu no aumento exponencial do número de suas missões de paz nesse período (DIEHL, 2008). E assim, sob os auspícios do institucionalismo e empregando uma estratégia indireta, os EUA aumentaram sua presença no globo e ditaram o tom nessa época.

A Europa, impulsionada pelo sucesso dos EUA, agiu rapidamente para erguer o bloco comum europeu, desejo antigo e que vinha desde o término da Segunda Guerra Mundial, mas que não pôde ser concretizado devido à Guerra Fria. Dessa forma, em 7 de fevereiro de 1992, foi assinado o Tratado de Maastrich pelos membros da comunidade europeia, acordo que lançou as bases para a criação da União Europeia em 1993.

Esse ambiente gerou as condições ideais para que a Europa capitalista iniciasse um movimento geopolítico para atrair os países europeus da antiga Cortina de

Ferro para sua esfera de influência. Com uma estratégia semelhante à praticada pelos EUA, a Europa capitalista, por meio das duas instituições supranacionais mais importantes do continente (União Europeia e Organização do Tratado do Atlântico Norte), iniciou seu avanço para o leste e, em 1999, registrou a entrada na OTAN da Hungria, da República Tcheca e da Polônia. Tais movimentos geopolíticos debilitaram ainda mais a frágil economia russa e causaram grande preocupação junto a Moscou, pois os russos entenderam que a estrutura de defesa do país estava comprometida. Sem forças, contudo, para evitar o crescimento da OTAN, coube aos russos somente o papel de se manifestar nas plataformas políticas.

A Ucrânia, da mesma forma que a Rússia, adentrou um período de elevada instabilidade interna, marcada predominantemente, pela corrupção dos agentes estatais e pelo crescimento das dívidas do Estado. Em que pese ter conquistado sua independência em 1991, o país ainda estava sendo tutelado por Moscou.

O principal exemplo disso reside na questão nuclear. Com a independência, a Ucrânia havia se tornado a 3^a maior potência nuclear do globo, ficando atrás apenas da Rússia e dos EUA, condição que chamou a atenção da comunidade internacional. Sob a justificativa de reduzir as armas nucleares no planeta, Rússia, EUA e Reino Unido firmaram o Memorando de Budapeste em 1994. Tal acordo político estabelecia, dentre outras coisas, determinadas garantias de segurança para a Ucrânia aderir ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Em resumo, com esse acordo, a Ucrânia renunciaria ao seu arsenal nuclear e, em contrapartida, os demais países deveriam respeitar a soberania e a integridade territorial da Ucrânia. De maneira rápida, apenas dois anos depois, em 1996, a Ucrânia concluiu a retirada das armas nucleares existentes em seu território. Não por acaso, 100% do arsenal nuclear ucraniano havia sido repassado para as mãos da Rússia.

Sob a perspectiva das relações internacionais, a queda do muro de Berlim foi um divisor de eras, pois foi capaz de desencadear uma série de eventos no globo, que reconfiguraram radicalmente as peças do tabuleiro geopolítico mundial. A paralisia da Guerra Fria deu lugar ao dinamismo da globalização, que, associada à

primazia do capitalismo, decretou o desmoronamento do Império Soviético. A bipolaridade de outrora sucumbiu perante a hegemonia dos EUA. Em termos geopolíticos, não restam dúvidas de que a década de 1990 foi ditada pelos norte-americanos. Sob o chapéu do institucionalismo e por meio da globalização, os EUA se apoiaram nas instituições, como a ONU, OTAN, Coca-Cola, Microsoft, Nike e até a indústria de Hollywood, para serem hegemônicos em todos os campos do poder e, dessa forma, exercerem sua influência nos mais diversos recantos do planeta. E assim, o mundo passou a vivenciar uma nova era: a globalização. Dessa vez, contudo, apenas os norte-americanos detinham a hegemonia no globo.

Os atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 e o vácuo de poder

Na virada do século XXI, enquanto o mundo caminhava a passos largos para consolidar o seu processo de globalização, um fato ocorrido em solo estadunidense reposicionava mais uma vez as peças do tabuleiro geopolítico global. Trata-se dos atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001, nos EUA. Esses episódios marcaram uma mudança na postura política estadunidense. A resposta norte-americana em face dos atentados foi materializada por meio de uma declaração emitida pelo presidente George W. Bush, intitulada de Guerra ao Terror, que, dentre os diversos pontos anunciados, elencava a ameaça terrorista como sendo a prioridade número um da política norte-americana (FERREIRA, 2014).

Dessa forma, os EUA intervieram em países que, em sua concepção, abrigavam e/ou apoiavam células terroristas, como Afeganistão e Iraque. Sem o aval da ONU, mas com o apoio de sua população, os EUA se lançaram pesadamente no combate ao terrorismo no início do século XXI, dando início a uma verdadeira caçada a Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda. Nesse duelo, os norte-americanos obtiveram vitórias, mas também colheram derrotas. O resultado esperado veio após 10 anos de esforços, durante uma ação realizada por inte-

grantes das forças especiais norte-americanas em 2 de maio de 2011, que resultou na morte de Osama Bin Laden (RODRIGUES, 2020a).

Sem a mesma robustez da década de 1990, entretanto, e contando ainda com uma quantidade expressiva de tropas atuando no Iraque e no Afeganistão, os EUA deixaram a Europa à própria sorte. Esse reordenamento de esforços da política externa estadunidense gerou um vácuo de poder na Europa, atitude que foi o fiel da balança para a geopolítica russa (RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

A Rússia, por seu turno, inaugurou um período de profundas mudanças com a ascensão de Vladimir Putin ao poder em 1999. Preocupado com o avanço da OTAN em direção ao Leste Europeu e querendo recuperar o prestígio do país no sistema internacional, Vladimir Putin começou um processo de forte investimento no setor de defesa, dando início a uma grande reorganização de suas Forças Armadas (MCFAUL, 2000). A lacuna deixada pelos EUA na Europa, associada à ascensão de Vladimir Putin ao poder, gerou um cenário extremamente favorável no início do século XXI para os russos atuarem com liberdade de ação em sua área de influência.

Sustentada pela reestruturação das Forças Armadas que estava em curso, a Rússia, paulatinamente, começou a realizar movimentos geopolíticos pontuais em seu entorno regional. A principal manobra geopolítica russa realizada nesse período ocorreu em 2008, em decorrência da manifestação da OTAN em incluir a Ucrânia e a Geórgia em sua aliança militar. Nesse episódio, Vladimir Putin alertou os diplomatas norte-americanos de que as medidas para trazer a Ucrânia e a Geórgia para a OTAN seriam consideradas como um ato hostil à Rússia. Não por acaso, meses depois, a Rússia interveio na Geórgia, deixando claro que uma linha vermelha havia sido ultrapassada (RODRIGUES, 2022). Com um significativo poder militar no Iraque e no Afeganistão, os EUA nada puderam fazer diante da ação russa.

Haja vista o sucesso alcançado nesse acontecimento, Vladimir Putin investiu ainda mais em suas Forças Armadas e passou a destinar cerca de 50% de seu orçamento militar a novos equipamentos (DA SILVA,

2018). Dessa forma, enquanto os EUA combatiam o terrorismo e caçavam Osama Bin Laden, a Rússia foi modernizando o seu poderio militar e, por meio dele, foi se reerguendo no tabuleiro geopolítico global.

A Europa, por sua vez, procurou consolidar o processo de unificação no continente. Da mesma forma como os norte-americanos haviam feito na década de 1990 para exercer a liderança no globo, os europeus se apoiaram nas instituições para exercer sua influência na Europa. Para tanto, a Europa realizou uma manobra geopolítica ousada, que ficou caracterizada pelo alinhamento com as Nações Unidas e pelo crescimento das duas principais instituições supranacionais do continente: União Europeia e OTAN.

Motivada pelos ideais construtivistas, a Europa redefiniu sua postura política. Com base no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, os europeus adotaram uma política voltada para a pessoa e não para o Estado (RODRIGUES, 2020b). Dessa forma, passaram a priorizar outros temas em sua agenda, tais como: terrorismo, meio ambiente, mobilidade humana forçada, segurança alimentar, dentre outros (WOODWARD, 2004). O crescimento das instituições ficou evidenciado pelo rápido alargamento da União Europeia e pela agressiva expansão da OTAN rumo ao Leste Europeu. Para que se tenha uma ideia, entre 2000 e 2010, a União Europeia registrou a adesão de 12 novos Estados. A OTAN, no mesmo período, assinou a entrada de 9 novos países em sua aliança militar.

Entretanto o crescimento da União Europeia e da OTAN não necessariamente resultou no fortalecimento delas, haja vista que ambas ficaram paralisadas e nada puderam fazer diante da intervenção russa na Geórgia em 2008. Com o distanciamento dos EUA, a Europa ficou inerte em face do ataque russo à Geórgia. Nem a adesão à OTAN de nove Estados foi capaz de tornar a instituição robusta o suficiente para gerar uma resposta militar diante de um ataque da Rússia a um país europeu.

A Ucrânia, por sua vez, adentrou um período de forte turbulência interna. Os debates sobre o ingresso ou não na União Europeia e na OTAN ficaram cada vez mais polarizados no seio da sociedade e dividiram a população ucraniana em dois grandes grupos: um

grupo era composto por parte da população que estava atraída pelas promessas de um capitalismo pulsante europeu; o outro grupo era composto por parte da população que ainda estava alinhada com os laços históricos existentes entre russos e ucranianos. País jovem e sem maturidade institucional, não tardou para ingressar em uma grave crise política em 2004.

Sob forte acusação de fraudes, os resultados das eleições presidenciais em 2004 decretaram a vitória para o candidato da situação, Viktor Yanukovych (pró-Rússia), cômputo divergente daquilo que estava sendo apontado pelas pesquisas eleitorais, que davam a vitória para o candidato da oposição Viktor Yushchenko (pró-União Europeia). Esse resultado desencadeou uma onda de protestos em todo o país, com os manifestantes usando a cor laranja em apoio a Viktor Yushchenko, uma vez que ele havia adotado essa cor em sua campanha eleitoral. Conhecida como Revolução Laranja, essa rebelião foi capaz de mobilizar a sociedade ucraniana de tal forma que, um mês depois do ocorrido, a Ucrânia realizou outro plebiscito presidencial. Dessa vez, contudo, o resultado das eleições confirmou aquilo que as pesquisas apontavam e decretou a vitória das eleições presidenciais de 2004 ao candidato da oposição Viktor Yushchenko.

Os ataques terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 nos EUA possuem extrema relevância, porque foi a única vez na história em que os norte-americanos foram golpeados em seu próprio território. Sob a autoria da Al-Qaeda, os atentados descontinaram a fragilidade daquela que era a única superpotência global até então. Com uma população ressentida com o terrorismo, e em especial com Osama Bin Laden, os EUA não tiveram outra opção, senão combater o terror, conduta que reconfigurou o tabuleiro geopolítico global mais uma vez.

Tendo como inimigo o terrorismo, os norte-americanos tiveram que se distanciar da Europa, porque não detinham a robustez geopolítica de outrora. A Europa, por sua vez, equivocou-se em sua análise situacional, pois acreditou que os EUA detinham a força e a vontade necessárias para sustentá-la geopoliticamente em seu projeto de expansão para o leste. De maneira precipitada, a Europa, por meio de suas principais

instituições (União Europeia e OTAN), realizou movimentos geopolíticos claudicantes no continente. Tais movimentos despertaram a Rússia, que, além de estar incomodada com o avanço europeu em sua direção, compreendeu de forma acertada as mudanças em curso no tabuleiro geopolítico global. E, assim, os russos não titubearam em atacar a Geórgia em 2008, dando um recado claro ao mundo de que haviam se recuperado da crise enfrentada na década de 1990 e ocupado o vácuo de poder deixado pelos norte-americanos na Europa. A Ucrânia, com uma democracia jovem e com instituições frágeis, não conseguiu superar as turbulências internas e não soube lidar com as pressões externas oriundas da Rússia e do Ocidente, fatos que a mantiveram na forte crise que assolava o país desde a década de 1990.

O surgimento do Estado Islâmico e o ressurgimento do Grande Urso

A morte de Osama Bin Laden, em 2011, deu espaço para a ascensão do Estado Islâmico no tabuleiro geopolítico mundial. Não por acaso, os números relativos aos atentados terroristas cresceram quase 300% entre 2011 e 2014. Com um *modus operandi* que procurava tornar público, por meio da *internet*, as ações terroristas praticadas pelo grupo, o Estado Islâmico ganhou grande projeção em um curto espaço de tempo, e não tardou para a comunidade internacional reagir. O pronunciamento feito por Abu Bakral-Baghdadi (líder do Estado Islâmico), em 29 de junho de 2014, momento em que autoproclamou o Estado Islâmico um califado, chamou a atenção de todos e gerou a centelha que faltava para que alguns países reagissem diante da ambição geopolítica demonstrada pelo Estado Islâmico (RODRIGUES, 2020a).

E, assim, em 2014, os EUA formaram uma coalizão de Estados e passaram a combater novamente o terrorismo. Dessa vez, porém, o oponente era outro: o Estado Islâmico. A vitória das forças da coalizão se deu em 27 de outubro de 2019, data em que Abu Bakral-

-Baghdadi foi morto pelas forças da coalizão, dando, dessa forma, um xeque-mate nas atividades terroristas do grupo. Os norte-americanos, todavia, ainda estavam comprometidos com suas forças militares em outros dois teatros de operações: Iraque e Afeganistão, locais em que os EUA estavam presentes desde o início do século XXI. Sob a justificativa de capturar Osama Bin Laden e Saddam Hussein e depois tentarem reconstruir o Afeganistão e o Iraque, os norte-americanos foram estendendo seu tempo de intervenção nesses países, postura que manteve os EUA afastados geopoliticamente da Europa.

A Rússia, por sua vez, aproveitou-se do êxito alcançado em sua investida realizada na Geórgia e do distanciamento dos EUA junto à Europa para se estruturar e efetuar movimentos geopolíticos eficientes e oportunos. Para tanto, Vladimir Putin envidou esforços nos mais variados campos do poder para exercer sua influência no entorno regional e recuperar o seu *status de player global*.

No campo psicossocial, a Rússia mostrou seu lado *soft power*, ao sediar os XXII Jogos Olímpicos de Inverno em 2014, realizado na cidade de Sochi, e a Copa do Mundo de Futebol em 2018 (KORNEEVA; OGURTSOV, 2016). Na esfera militar, a Rússia exerceu seu lado *hard power* quando interveio na Síria em 2015, oportunidade em que pôde testar novos equipamentos e colocar em prática uma doutrina militar inédita, baseada na guerra híbrida (BERZINS, 2020). No campo geopolítico, a Rússia foi cirúrgica, pois anexou a Crimeia em 2015, região de grande importância estratégica, haja vista que ela permite a saída da frota naval russa para as águas quentes do mar Negro (LIMA; LIMA, 2021). Tudo isso foi possível graças à manutenção de Vladimir Putin no poder. Com exceção do período compreendido entre 2008 e 2012, momento em que exerceu o cargo de primeiro-ministro, desde 1999 Vladimir Putin sempre esteve à frente da Rússia como presidente.

A Europa, sem o apoio dos EUA, iniciou um período instável, incerto e volátil. As fissuras apresentadas pelas principais instituições europeias no início do século XXI, associadas ao ambiente VUCA¹, desencadearam uma série de fatos que debilitaram ainda mais a OTAN

e a União Europeia, descortinando a fragilidade delas perante ao mundo.

Senão vejamos: o crescimento acelerado da União Europeia entre 2000 e 2010 foi mal planejado e pecou pela ambição, pois contribuiu de forma decisiva para a eclosão de uma grave crise econômica em 2011. Também conhecida como crise dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha), esse episódio ficou marcado pelo endividamento público elevado de alguns países da Zona do Euro. Além disso, a tão sonhada proposta kantiana da União Europeia não foi alcançada, em decorrência da onda de refugiados oriundos de países que estavam em conflitos na África e no Oriente Médio, que inundou a Europa, fenômeno que ocasionou sérios problemas estruturais em um continente que nem havia se recuperado da crise financeira de 2011. Como se não bastasse, a participação da OTAN no combate ao terrorismo foi inoportuna, pois gerou efeitos colaterais na própria população europeia. Como retaliação, o Estado Islâmico, além de aumentar o número de ataques terroristas em solo europeu, também passou a recrutar recursos humanos na Europa para integrar seus quadros. Com problemas e desafios de toda ordem, a Europa ainda teve que se deparar com a saída oficial do Reino Unido da União Europeia em 2020, ou simplesmente Brexit, evento que desencadeou a maior crise de identidade do bloco europeu até então.

A Ucrânia, sem sofrer com o terrorismo em seus limites, continuou instável e com grandes desafios a serem superados. Com uma população polarizada, a Ucrânia adentrou um período marcado inicialmente pela alternância de ideologias políticas no cargo mais alto do país. Para que se tenha uma ideia, após a Revolução Laranja em 2004, o país foi governado por Viktor Yushchenko (alinhado com a Europa), que ficou no poder até 2010, e foi substituído por Viktor Yanukovych (alinhado com a Rússia), que ficou no poder até 2014. Ou seja, a Ucrânia executou movimentos geopolíticos pendulares, ora se alinhando ao Ocidente, ora pendulando para Moscou. Essa postura geopolítica deixou o cenário interno ainda mais volátil, e não tardou para o país vivenciar outra turbulência política.

Com isso, em finais de 2013, eclodiu a *Euromaidan*, que, em síntese, constituiu-se em uma revolução civil liderada por estudantes e que conseguiu derrubar Viktor Yanukovych do cargo de presidente da Ucrânia. A resposta russa veio meses depois, já em 2014, com a anexação da Crimeia. A perda da Crimeia foi uma grande derrota para o país, mas se tornou um ponto de inflexão da política e da geopolítica praticada na Ucrânia. No campo político, o país passou a ter presidentes alinhados com o Ocidente após esse episódio: entre 2014 e 2019, a Ucrânia foi governada por Petro Poroshenko e, desde 2019, o país vem sendo governado por Volodymyr Zelensky. Com relação à postura geopolítica, percebe-se claramente uma mudança abrupta com a ascensão de Volodymyr Zelensky ao poder. Dentre as inúmeras promessas de campanha realizadas, Volodymyr Zelensky enfatizou o desejo de se aproximar do mundo ocidental. Tal ambição se transformou em ações para o país entrar na União Europeia e na OTAN. Uma delas foi a precedência dada ao tema no documento de defesa de mais alto nível do país, elencada como prioritária no Livro Branco de Defesa da Ucrânia de 2021 (MINISTRY OF DEFENCE OF UKRAINE, 2021). E, assim, a geopolítica da Ucrânia passou a atuar de forma mais imperativa e alinhada com o Ocidente.

O protagonismo alcançado pelo Estado Islâmico no cenário internacional em meados da segunda década do século XXI foi de tal ordem que desencadeou importantes movimentos no tabuleiro geopolítico global. Empenhados na luta contra o terror, os norte-americanos sentiram-se obrigados a combater o Estado Islâmico, postura que limitou a capacidade de atuação na Europa, haja vista que também tinham tropas no Iraque e no Afeganistão. A Rússia, agindo de maneira incisiva, estruturou-se em todos os campos do poder e efetuou movimentos geopolíticos contundentes em seu entorno regional. O mais significativo foi a anexação da Crimeia, episódio que passou despercebido do Ocidente, mas que teve importância geopolítica relevante, pois simbolizou o ressurgimento do Grande Urso no tabuleiro geopolítico global. A Europa, pertencente à civilização ocidental, foi o ator que mais colheu derrotas nesse período. Enfrentando crises de toda ordem, o

continente foi o retrato fiel do ambiente VUCA e nada pôde fazer em face da anexação da Crimeia. A Ucrânia, por sua vez, vivenciou um ponto de inflexão em sua história. A perda da Crimeia para a Rússia gerou fortes ressentimentos na população ucraniana, que se tornaram determinantes para a mudança da postura política e da geopolítica adotada pela Ucrânia, que passou a ser mais assertiva e fortemente alinhada com o Ocidente.

A retirada dos EUA do Afeganistão e a perda da liberdade de ação russa

Enquanto o mundo envidava esforços no combate à pandemia da covid-19, um fato ocorrido em agosto de 2021 inseria ingredientes adicionais à crise do Leste Europeu e reordenava mais uma vez as peças do tabuleiro geopolítico global. Trata-se da retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão. Mesmo sendo um Estado colapsado e estando longe de ser um *player* global, o Afeganistão ocupa uma posição estratégica nesse tabuleiro. Não por acaso, a retirada dos EUA desencadeou vários fenômenos importantes em escalas local, regional e global (RODRIGUES, 2021).

Os EUA, além de estar sofrendo os efeitos colaterais da pandemia da covid-19 (quarentena, desemprego, queda do PIB, mortes etc.), passaram a ser pressionados por sua própria população pelo longo tempo de permanência no Afeganistão e os elevados custos decorrentes desse período prolongado. Como Joe Biden havia feito uma promessa de retirar os EUA do Afeganistão até setembro de 2021, ele ignorou os relatórios oriundos da inteligência estadunidense e, no pronunciamento realizado em 30 de agosto de 2021, decretou oficialmente a saída dos norte-americanos do Afeganistão. Mesmo sendo amplamente criticado por vários países do sistema internacional, Joe Biden manteve a decisão. Por mais atabalhoadas que tenha sido, a retirada dos EUA do Afeganistão foi um movimento geopolítico inteligente e preciso, pois permitiu aos norte-americanos a possibilidade de ter a liberdade de ação necessária para concentrar seus esforços em seus objetivos prioritários: China e Rússia.

Com liberdade de ação, os EUA tiveram o fôlego necessário para intervir na guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Nessa guerra, está claro que os norte-americanos estão apoiando a Ucrânia. Para tanto, estão empregando uma estratégia caracterizada por sanções econômicas, pelo envio de materiais de emprego militar (MEM) e pela atuação de instituições. Um exemplo de sanção econômica é a retirada da Rússia do sistema *swift*. O envio de MEM ficou evidenciado durante a declaração emitida pelo secretário de imprensa do Pentágono, John Kirby, em 1º de abril de 2022, quando anunciou a doação de US\$ 300 milhões em equipamentos militares à Ucrânia (EUA, 2022). Com relação às instituições, a saída de empresas, como Nike, Ford e Mc Donalds do território russo, ajuda a degradar ainda mais a economia russa durante a guerra, e a atuação de *Big Techs*, como Google, YouTube, Facebook, WhatsApp, Instagram, Apple, Microsoft e Amazon, no conflito, contribui decisivamente para o Ocidente moldar o ambiente informacional e exercer o domínio da narrativa durante a guerra (CORRÊA, 2022).

A Rússia, por sua vez, não compreendeu a manobra geopolítica realizada pelos EUA quando saíram do Afeganistão. E, assim, Moscou pecou quando invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022, pois acreditava que os norte-americanos não teriam condições de atuar externamente devido aos efeitos colaterais ocasionados pelo covid-19. O ambiente VUCA de outrora deu lugar ao ambiente BANI² (frágil, ansioso, não linear e incompreensível) dos dias atuais, no qual tudo acontece ao mesmo tempo (pandemia, mudanças climáticas, terrorismo, ascensão da China como *player* global, Europa combalida, guerra informacional, guerra cibernética etc.), e o que se viu foi uma forte reação oriunda do Ocidente, ora encorajando, ora auxiliando a Ucrânia na guerra contra a Rússia.

Não se sabe ao certo qual é a intenção geopolítica da Rússia neste momento. Alguns analistas entendem que o país ambiciona desequilibrar a balança de poder e acelerar o processo de tornar o mundo multipolar. Outros analistas inferem que a manobra russa é depor Volodymyr Zelensky do poder e colocar um governo alinhado com a Rússia. A versão oficial de Moscou se traduz em uma operação militar especial que visa aju-

dar as províncias ucranianas de Luhansk e Donetsk em seus processos de emancipação. Independente das versões existentes, a Rússia está encontrando dificuldades para alcançar seus objetivos, pois não vislumbrava que o Ocidente iria se mobilizar e ajudar a Ucrânia da maneira como está ocorrendo.

A Europa, mesmo fragilizada e carente de uma liderança expressiva desde a saída de Angela Merkel à frente da Alemanha, vem realizando movimentos geopolíticos significativos no transcorrer dessa guerra. Da mesma forma que os norte-americanos, os europeus apoiam a Ucrânia. Para tanto, utilizam uma estratégia indireta que contempla o emprego da União Europeia, da OTAN e de algumas empresas.

Por intermédio da União Europeia, a Europa impôs uma série de sanções à Rússia, que abarcam o setor de transportes, a economia, o setor energético e até as vias diplomáticas. Por meio da OTAN, os europeus estão oferecendo ajuda militar aos ucranianos, posicionamento que se tornou público durante o pronunciamento feito pelo secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, em 7 de abril de 2022, momento em que deixou claro que a OTAN prestava ajuda militar aos ucranianos e que a assistência se traduzia, tão somente, no envio de armas e no fornecimento de ajuda humanitária à Ucrânia (DEUTSCHE WELLE, 2022). Por meio de algumas empresas, como Spotify, Adidas e Shell, a Europa busca pressionar ainda mais a economia russa, uma vez que tais empresas encerraram suas atividades na Rússia.

A Ucrânia, sob a liderança de Volodymyr Zelensky, surpreendeu a todos e vem oferecendo uma grande resistência em seu território. A mudança da postura política ucraniana tem encontrado forte apoio de sua população, que tem na figura de Volodymyr Zelensky o líder que o país precisa nessa guerra. Por meio das redes sociais, a Ucrânia está conseguindo obter uma certa vantagem no domínio informacional da guerra. De maneira inteligente e hábil, o presidente ucraniano tem sensibilizado o lado ocidental do conflito, que, por sua vez, tem apoiado os ucranianos por meio de ações no campo político, econômico e militar.

Em que pesem os bilionários prejuízos que a Ucrânia está sofrendo nessa guerra, decorrente dos bom-

bardeios efetuados pela Rússia em seu território, ainda é cedo para concluir se o país está ganhando ou perdendo esse embate. Como diz Clausewitz (1983), há uma névoa cinza que paira sobre uma guerra, pelo que torna difícil depreender sobre seu futuro. E nesse conflito não é diferente, pois o elevado número de variáveis presentes torna difícil o exercício de prever o cenário futuro.

A retirada dos EUA do Afeganistão foi um evento duramente criticado pela sociedade internacional, especialmente pela maneira como ocorreu. Ao saírem do Afeganistão, contudo, os EUA puderam ter a liberdade de ação necessária para intervirem no conflito. Como uma estratégia antiga, a mesma utilizada na década de 1990, mas com uma abordagem ajustada aos dias atuais, uma espécie de “*proxy wars*” contextualizada ao ambiente BANI, os EUA empregam as instituições, notadamente as *Big Techs*, para atuar nessa guerra. A Rússia, por sua vez, não compreendeu os movimentos realizados pelos EUA no tabuleiro geopolítico global. Logo, cometeu um erro ao invadir a Ucrânia, pois não entendeu que a saída dos EUA do Afeganistão resultaria no aumento de liberdade de ação norte-americana e, automaticamente, na perda de liberdade de ação russa. A Europa, encorajada pelos EUA e por meio das instituições, age de forma significativa no transcurso dessa guerra. O apoio da OTAN junto à Ucrânia tem fortalecido a resistência dos ucranianos e, sob a liderança de Volodymyr Zelensky, a Ucrânia, mesmo arrasada, tem surpreendido o mundo.

Considerações finais

Ao analisar os movimentos geopolíticos efetuados pelos principais atores envolvidos na crise do Leste Europeu desde 1980 até os dias atuais, sob a perspectiva da complexidade, esta pesquisa apresenta algumas considerações.

A primeira consideração é sobre os fatos históricos aqui apresentados. De todos, três foram determinantes e desencadearam uma série de eventos no cenário internacional, que influenciaram fortemente os países analisados neste artigo. O primeiro é a queda do muro de Berlim, que reconfigurou radicalmente a ordem mundial, pois decretou simbolicamente

o fim do comunismo, da mesma forma que alçou os EUA ao posto de única superpotência global na década de 1990. O segundo fato histórico de relevo foram os atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001, que não tiveram a mesma magnitude que a queda do muro de Berlim, mas tiveram a capacidade de reorientar a postura geopolítica do principal *player* global, que priorizou o combate ao terrorismo em sua política externa, atitude que fez grande diferença no transcurso dessa crise. E o terceiro episódio histórico proeminente é a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão em agosto de 2021, conduta muito criticada pela sociedade internacional, mas que revelou ser uma manobra geopolítica muito bem conduzida pelos EUA, pois propiciou a tão desejada liberdade de ação aos norte-americanos, condição fundamental para que pudessem atuar em seus dois objetivos estratégicos prioritários: China e Rússia.

A segunda consideração é sobre o comportamento geopolítico dos principais atores nesse conflito. Nessa perspectiva, pode-se concluir que o fiel da balança nessa crise foi a postura adotada pelos EUA ao longo desses 40 anos, que definiu a postura geopolítica russa. Nesse prisma, verifica-se que o único período em que os russos tiveram a liberdade de ação necessária para se estruturar e efetuar movimentos geopolíticos importantes no cenário internacional foi a época em que os EUA desencadearam a Doutrina Bush, que previa o combate ao terrorismo. Nos demais períodos, década de 1980, década de 1990 e a partir de agosto de 2021, por razões diversas, os russos não possuíram a liberdade de ação desejável para realizar movimentos geopolíticos mais incisivos:

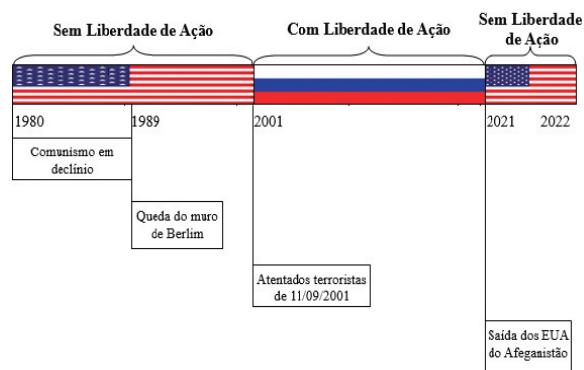


Figura 1 – Liberdade de Ação Geopolítica da Rússia
Fonte: O autor, 2022

A terceira consideração é com relação à Europa. Pelo que foi apresentado, ficou claro que ela atuou alinhada com os EUA nesses 40 anos. O continente, todavia, só foi um ator geopolítico relevante nos momentos em que os norte-americanos o apoiaram de maneira mais incisiva. Entre 2001 e 2021, período em que os EUA estavam comprometidos com a guerra contra o terror, a Europa realizou movimentos geopolíticos claudicantes. Ou seja, a Europa sozinha é um tipo de ator. A Europa com os EUA se torna um ator muito mais forte.

A última consideração é sobre a Ucrânia. Com fortes laços históricos com a Rússia, o país está encontrando muitas dificuldades para sair da órbita de influência russa e ingressar na esfera de influência ocidental. Os ressentimentos ucranianos decorrentes da perda da

Crimeia e os que estão surgindo nesse conflito fortalecem ainda mais o desejo da Ucrânia de se aproximar do eixo euro-atlântico. O futuro da Ucrânia, todavia, ainda é incerto, pois é um exercício de difícil resolução. O mais correto a afirmar, neste momento, é que, enquanto perdurar a guerra, tudo pode acontecer.

Caminhando para a parte final, cumpre destacar que este estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto e nem tampouco quis impor uma verdade aos fatos, mas tão somente procurou analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade. Dessa forma, acredita-se que a perspectiva adotada contribui para o debate em curso, da mesma forma que auxilia o entendimento sobre a guerra que está acontecendo entre a Rússia e a Ucrânia. 

Referências

- BERZINS, Janis. **The theory and practice of new generation warfare: The case of Ukraine and Syria.** The Journal of Slavic Military Studies, Vol. 33, nº 03, 2020.
- BOUSQUET, Antoine; CURTIS Simon. **Beyond models and metaphors: complexity theory, systems thinking and international relations.** Cambridge Review of International Affairs, Vol. 24, nº 1, p. 43-62, 2011.
- BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional – 2012.** Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>. Acesso em: 21 abr 2022.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra.** Tradução do original para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. New York: Oxford University Press, 1983.
- CORRÊA, Marlos de Mendonça. **As Big Techs e o conflito Rússia vs Ucrânia: o domínio informacional.** Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro. 2022.
- COSTA, José Luiz Machado e. **Ameaça externa e defesa nacional.** O Estado de São Paulo, 20 abr 2022.
- DA SILVA, Peterson F. **O Debate sobre Transformação Militar: o caso da força terrestre da Rússia e os reflexos para seu Complexo Industrial Militar.** Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol. 10, nº 4, 2018.
- DEUTSCHE, Welle. **NATO chief pledges more assistance for Ukraine and neighbors.** DW, 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/en/nato-chief-pledges-more-assistance-for-ukraine-and-neighbors/a-61394391>. Acesso em: 29 maio 2022.
- DIEHL, Paul. **Peace Operations.** Malden: Polity Press, 2008.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of Defense. **Defense Department Announces \$300 Million in Additional Assistance for Ukraine.** U. S. Department of Defense, 2022. Disponível em: <https://www.defense.gov/News Releases/Release/Article/2987119/defense-department-announces-300-million-in-additional-assistance-for-ukraine/#.>

YkegNCnR4iA.twitter. Acesso em: 29 maio 2022.

FARIAS, Hélio Caetano. **Geopolítica e Guerra na Ucrânia: algumas considerações.** Observatório Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: ECEME, 2022.

FERREIRA, M. A. S. V. **Panorama da Política de Segurança dos Estados Unidos após o 11 de Setembro: o Espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado.** In: SOUZA, A. Mello. et. al. Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI, p. 45-64. Brasília: IPEA, 2014.

GAVINI, Fernando. **Guerra Fria tirou o brilho de Moscou-1980 e Los Angeles-1984.** Disponível em: <https://www.olipiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/253721-boicotes-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 5 maio 2022.

GEYER, R; RIHANI, S. **Complexity and Public Policy.** London: Routledge, 2010.

HORGAN, J. **From complexity to perplexity.** Science American, Vol. 272, nº 6, p. 104-109, 1995.

HOWARD, Michael. **Clausewitz: A Very Short Introduction.** New York: Oxford University Press, 2002.

KORNEEVA, Vera A; OGURTSOV, Evgeny S. **The Politicization of Sports as a Soft Power Public.** Indian Journal of Science and Technology, Vol. 9, nº 29, 2016.

LEBOW, Richard Ned; STEIN, Janice Gross. **Did Reagan Win the Cold War?** Center for Contemporary Conflict, 2004.

LIMA, Jean S; LIMA, Nathalia S. R. **Crimeia e Além: A política externa assertiva da Rússia e seus impasses com o Ocidente.** Mural Internacional, Vol. 12, 2021.

MCFAUL, Michael. **Putin in Power.** Current History, Vol. 99, nº 639, 2000.

MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **Estudos da Paz e da Guerra: síntese da contribuição de Grotius e Bobbio.** Coleção Meira Mattos, Vol. 2, p. 53-62, 2002.

MINISTRY OF DEFENCE OF UKRAYNE. **White Book 2019-2020 – The Armed Forced of Ukraine and The State Special Transport Service.** Kyiv: Ministry of Defence of Ukraine, 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **A importância geopolítica da Ucrânia para Moscou.** EBLOG, 2022. Disponível em: <http://eblog.eb.mil.br/index.php/menu-easyblog/a-importancia-geopolitica-da-ucrania-para-moscou.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **Afeganistão: epicentro da geopolítica global.** Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro. 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **O terrorismo durante o século XXI.** NEEDS-UFSCAR, 2020a. Disponível em: http://needs.df.ufscar.br/site/lk/sys_download_2017.php?file=fotos/907362a05criacaodesitescrisoft.pdf&newFile=artigo_-5_-needs_-anselmo_de_oliveira_rodrigues_-_vfinal.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **Estados Falidos: Da origem às intervenções das Nações Unidas no pós-Guerra Fria.** Coleção Meira Mattos, Vol. 14, nº 50, p. 211-230, maio/agosto, 2020b. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/3159/3598>. Acesso em: 21 maio 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **O papel do Brasil na evolução das Operações de Paz.** Carta Internacional, Vol. 12, nº 3, p. 77-103, 2017.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. (2019). **Do Acordo Tripartido (1988) ao Acordo de Paz em 2002: O Processo de Paz Conduzido em Angola.** Revista Brasileira de Estudos Africanos, Vol. 4,

nº 7, p. 51-83, 2019.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; PEREIRA, Ricardo de Amorim Araújo. **O conflito entre a Rússia e a Ucrânia em 2014, sob a ótica geopolítica russa.** Revista da Escola de Guerra Naval, Vol. 26, nº 1, p. 198-219. jan/abr 2020.

SCHMID, Alex P. **The Routledge Handbook of Terrorism Research.** New York:Routledge, 2011.

SEGRILLO, Ângelo. 2012. **A questão da democracia na Rússia pós-soviética.** In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pinelli. *O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI*, p. 97-128. Brasília: IPEA, 2012.

SRIDHARAN, MITHUN. **BANI: A new framework to make sense of a chaotic world?** Thinking Insights, 2021. Disponível em: <https://thinkinsights.net/leadership/bani/>. Acesso em: 29 maio 2022.

VISACRO, A. **Não basta vencer em múltiplos domínios: conjecturas sobre a nova doutrina do Exército dos Estados Unidos e os conflitos na zona cinza.** Coleção Meira Mattos, Vol. 14, nº 50, p. 187-209, 2020.

WIGMORE, Ivy. **VUCA (volatility, uncertainty, complexity and ambiguity).** Massachusetts: TechTarget, 2017. Disponível em: <https://whatis.techtarget.com/definition/VUCA-volatility-uncertainty-complexity-and-ambiguity>. Acesso em: 8 maio 2022.

WOODWARD, Susan L. **Fragile States: exploring the concept.** Conference at Fride: Failed States or Failed models. Madrid, 2004. Disponível em: http://conflictfieldresearch.colgate.edu/wp-content/uploads/2015/02/Fragile-States_Exploring-the-Concept.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

Notas

¹ Acrônimo que significa volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Este termo foi inicialmente citado no United States Army War College, durante a década de 1980, e pretendia descrever as condições em que o mundo se encontrava após a Guerra Fria. Nos últimos anos, o termo se popularizou e tem sido adotado também por empresas e por governos (WIGMORE, 2017).

² O conceito BANI (*brittle, anxious, nonlinear and incomprehensible* – frágil, ansioso, não linear e incompreensível) foi cunhado pelo antropólogo norte-americano Jamais Cascio durante um evento do Institute of the Future e se tornou conhecido em 2020, diante do colapso mundial causado pela pandemia do coronavírus covid-19 (SRIDHARAN, 2021).

³ Também conhecido como guerras de procuração, o termo *proxy wars* foi amplamente utilizado durante a Guerra Fria para se referir às guerras que eclodiram na segunda metade do século XX. De acordo com Schmid (2011), as *proxy wars* são uma forma indireta de confronto entre os países que, por meio das guerras de procuração, exercem a sua influência apoiando outros Estados por meio de armas, recursos financeiros, dentre outros.

A logística russa no contexto do conflito com a Ucrânia: alguns apontamentos

Jonathas da Costa Jardim*

Introdução

O conflito russo-ucraniano iniciado em 24 de fevereiro de 2022, após forças russas lançarem uma operação em grande escala sobre a vizinha Ucrânia, com ataques em diversas cidades daquele país, chamou a atenção do mundo por conta do esforço logístico empregado.

Rússia e Ucrânia são países vizinhos que mantêm disputas territoriais ativas. Em 2014, ocorreu a anexação russa do território ucraniano da Crimeia, sob pretexto da proteção de nacionais russos que viviam naquela parte do país, em meio a uma guerra civil que ocorria no país invadido. Já em 2022, o estopim foi a aproximação da Ucrânia com a União Europeia (UE) e com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que desagradou fortemente o governo russo, passando a intensificar a tensão e culminando no atual embate.

No início de 2014, a Crimeia, depois que o ex-presidente da Ucrânia, o líder pró-russo Viktor Yanukovych, foi deposto após uma série de protestos, tornou-se o foco de uma crise diplomática entre a Rússia e outros países ocidentais, como os Estados Unidos da América (EUA) e o Reino Unido. Naquele ano, o povo ucraniano estava dividido entre os desejos de maior integração com a Rússia e outros que apoiavam uma aliança com a União Europeia (CUETO, 2022).

Em um momento de crise interna, Moscou decidiu intervir, mobilizando tropas para as bases russas na Crimeia, em locais que já possuíam estruturas russas

de apoio logístico, além de contar com “voluntários” civis que se mudaram para a península dentro de um plano que foi realizado secretamente e com sucesso, permitindo a sustentação e o fomento do espírito separatista na região. Líderes locais organizaram um referendo em que a população foi questionada se queria que a Crimeia se juntasse à Rússia, o que resultou em uma aceitação superior a 95%. Dois dias após a publicação dos resultados, Putin assinou um projeto de lei incorporando a Crimeia à Federação Russa (CUETO, 2022). A ação não demandou grande demanda logística, já que a anexação ocorreu com relativo “aceite” interpartes.

Já com relação ao desenrolar da guerra de 2022, de forma diversa, os acontecimentos têm mostrado diversos ensinamentos para a doutrina militar, revelando a necessidade de que conceitos sejam revistos e outros confirmados. Entre eles, os que se relacionam com a logística, estrutura-chave responsável em prever e prover os recursos e os serviços para atender as necessidades das tropas e mantê-las em condições de combater.

Segundo o manual *Logística nas Operações – EB70-MC-10.216* (BRASIL, 2018, p. 4-2), as fases do apoio logístico, durante o processo operativo, funcionam concomitantemente à confecção do plano de operações. O apoio logístico é realizado durante a geração, o desdobramento de meios, a sustentação e a reversão.

A *geração* é a fase do processo logístico destinada a completar os níveis de dotação das unidades, permitindo a “prontidão logística” para seu emprego futuro. A geração do poder de combate das forças militares ter-

* Maj QMB (AMAN/2002, EsAO/2010, ECEME/2020). Foi Instrutor da EsAO e da ECEME. É formado em Direito pela Faculdade São José/RJ (2010), pós-graduado em Direito Militar pela Fundação Trompowsky. Possui o curso de aperfeiçoamento para oficiais em Logística na Escuela de Armas (EDA), na Argentina, Curso de Operações de Inteligência na Escuela Militar de Inteligencia, na Bolívia. Atualmente, é aluno do Defense Services Staff College (DSSC-78), na República da Índia.

restres empregadas é executada em três etapas: *atividades preliminares, concentração estratégica e desdobramento*. Esta última termina com os elementos empregados nas respectivas zonas de reunião, em condições de iniciar a operação propriamente dita (BRASIL, 2018, p. 4-4; 4-5).

Segundo o manual *Logística Militar terrestre – EB70-MC-10.238* (BRASIL, 2019, p. 111), entende-se por prontidão logística:

Prontidão Logística – É a capacidade de pronta-resposta das organizações militares logísticas para fazer face às demandas de apoio à F Ter em tempo de paz e em operações, fundamentada na doutrina, adestramento, organização, gestão das informações, efetividade do ciclo logístico e capacitação continuada do capital humano. (BRASIL, 2019)

O *desdobramento dos meios* é o processo que consiste no movimento dos elementos de emprego (pessoal e material, já devidamente integrados nas suas unidades) da área de concentração estratégica (ou aquartelamento, no caso das unidades que já se encontrem no interior do teatro de operações) até as suas zonas de reunião ou bases de combate. Compreende, ainda, a integração de novos meios/unidades aos elementos de emprego. Ao final dessa etapa, a forças militares atingem a sua “prontidão operativa” (BRASIL, 2018, p. 4-6; 4-7).

A *sustentação* consiste em garantir os recursos e os serviços às forças, no espaço e no tempo, gerenciando os fluxos físico, financeiro e informacional relativos ao pessoal e material, sob uma estrutura de comando única, de modo a garantir a unidade de esforços. Normalmente, suas atividades e tarefas aumentam de volume após o desdobramento, coincidindo com as fases do processo operativo da força empregada, inerentes à execução das operações militares propriamente ditas (BRASIL, 2018, p. 4-8).

A *reversão* dos meios refere-se ao retorno do pessoal, dos equipamentos e dos materiais adquiridos, adjudicados ou mobilizados aos seus locais de origem, por ocasião do encerramento das operações, os quais são

avaliados e processados visando a sua destinação final. Normalmente, são utilizados nessa fase os mesmos meios empregados por ocasião da geração e desdobramento (BRASIL, 2018, p. 4-8; 4-9).

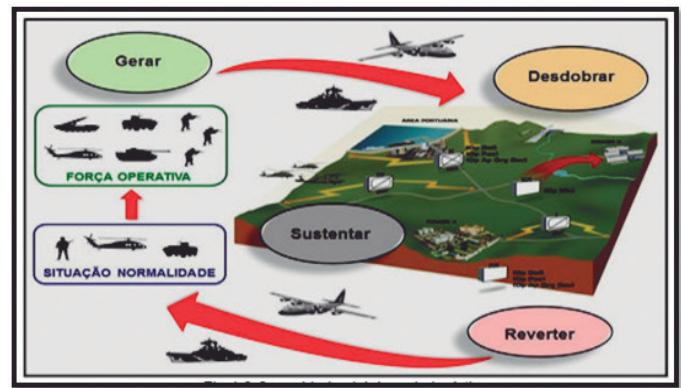


Figura 1 – Capacidades básicas da logística
Fonte: Manual do Exército Brasileiro EB70-MC-10.238

A seguir, o presente artigo pretende apresentar, de forma cronológica, aspectos relativos ao apoio logístico das tropas russas, segundo as capacidades básicas da logística.

O apoio logístico russo segundo as capacidades básicas da logística

A Rússia herdou sua logística militar e seu sistema de apoio do serviço de combate da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O sistema soviético baseava-se na ideia de mobilizar todo o potencial social e econômico da União Soviética para a condução da guerra. Na prática, isso significava que todos os recursos civis poderiam e seriam usados em caso de guerra. Em particular, a fabricação civil, o transporte e a infraestrutura foram projetados para, também, facilitar a condução da guerra, o que é muito beneficiado pela estrutura de indústria de defesa, tradicional desde a guerra fria (LIMA, 2021, p. 25).

Nos últimos anos, a Federação Russa chegou à conclusão de que a mobilização em massa e seus requisitos logísticos necessários não são mais desejados nem sustentáveis (GRAU; BARTLES, 2016, p. 324).

O sistema logístico soviético baseava-se em vários “serviços de retaguarda”, organizações de apoio de suprimentos e material em geral e um outro ramo de armamentos para sustentar a força na guerra e na paz. Para simplificar ou dimensionar corretamente algumas das enormes capacidades logísticas, a logística russa fundiu várias organizações na estrutura de suporte técnico de materiais (LIMA, 2021, p. 26).

Assim, atualmente, nas Forças Armadas Russas, a logística é chamada de “*material technical support*” ou “apoio técnico material” (MTO). Apesar da nomenclatura diferente, as tropas de apoio técnico material têm as mesmas funções que as contrapartes ocidentais (GRAU; BARTLES, 2016, p. 322), particularmente quanto à missão de prever, prover e manter a geração, desdobramento, sustentação e reversão das forças em combate. Para tanto, o MTO trabalha para garantir prontidão constante das tropas da Federação Russa.

[...] superestrutura, destinada a simplificar o sistema, fundiu inúmeras organizações preexistentes. O Departamento de Planejamento e Coordenação do MTO integra os departamentos de recursos e apoio ao transporte, a antiga Direção Principal das Tropas Ferroviárias, a Direção de Veículos Principais, Blindados e Tanques, a Direção Principal de Mísseis e Artilharia e o Serviço Metrológico. Dentro dos distritos militares, foram formadas bases e brigadas MTO, bem como arsenais para armazenamento de mísseis, munições e armas de mísseis e artilharia. Além disso, dentro das brigadas de armas combinadas, foram criados batalhões MTO; estes incluem batalhões separados de logística e manutenção em cada brigada... Subjacente à reforma da estrutura do sistema de serviços de retaguarda, de acordo... foi um esforço para combinar serviços de retaguarda com várias estruturas de apoio material e o cargo de vice-ministro da Defesa em uma organização ‘MTO’. (GRAU; BARTLES, *Apud* Dermott; 2016, p. 324)

A unidade MTO de menor escalão é o “batalhão MTO”, que se encontra em todas as brigadas de manobra das Forças Terrestres russas. No nível do grupo de

exércitos, encontram-se as brigadas MTO, semelhantes aos grupamentos logísticos do Exército Brasileiro. Os depósitos de abastecimento dedicados (semelhantes aos depósitos do EB) e as usinas de reforma (semelhantes aos parques regionais de manutenção do EB) estão no nível do distrito militar/comando estratégico operacional (GRAU; BARTLES, 2016, p. 322-323).

A responsabilidade pelas questões logísticas culmina no Ministério da Defesa, com um vice-ministro da Defesa dedicado à logística. Em termos de apoio orgânico, o MTO, nas brigadas de manobra, desdobra duas estruturas: uma que tem como missão precípua proporcionar o apoio de transporte e suprimentos, e outra que fornece manutenção em nível organizacional para a brigada. Essas duas estruturas são combinadas em um “batalhão MTO” (GRAU; BARTLES, 2016, p. 322). Percebe-se, assim, que a logística russa prioriza, para apoiar suas unidades em primeiro escalão, as funções logísticas *manutenção, suprimento e transporte*.

Ainda, tomando por base as estruturas MTO, a investida de tropas russas sobre o território ucraniano, na fase de geração do poder de combate, utilizou, sobretudo, sua pujança como fabricante e exportador de produtos de defesa (PRODE). O país com maior área territorial do planeta, segundo o *Demographic Yearbook System* (2021) é também o 2º maior exportador de armamento (SIPRI, 2022), o que permitiu que os níveis de dotação de suas unidades fossem completados, permitindo, assim, a prontidão logística para seu emprego atual.

Ainda na fase de geração do poder de combate, os meios russos realizaram um *deslocamento estratégico*, com o transporte de pessoal e material para uma área de concentração, por intermédio de ampla rede ferroviária, utilizando suas 10 brigadas ferroviárias, especializadas em segurança, construção e reparo de ferrovias, apoiadas, em território amigo, por empresas estatais civis (VERSHININ, 2022).

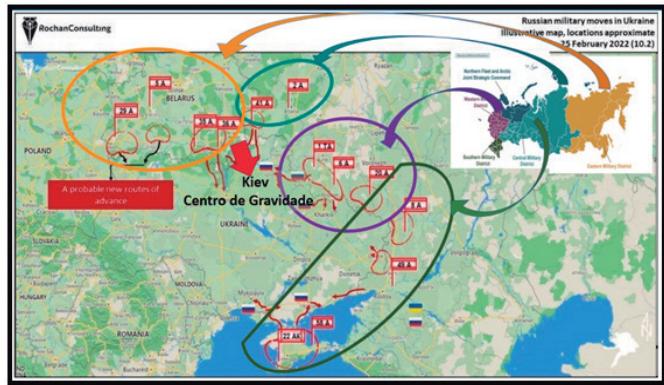


Figura 2 – Deslocamento estratégico de tropas russas
Fonte: Rochan Consulting, disponível em: <https://rochan-consulting.com/>. Acesso em: 5 mar 2022

O deslocamento estratégico foi executado em quatro eixos prioritários de transporte (EPT): Belarus-Kiev; Kharkiv; Donbass e Crimeia-Kherson. Os itinerários permitiram que os meios e o pessoal de cerca de 30 *battalion task groups* (BTG), compostos por 110 *tactical battalions* (TB), chegassem até as áreas de concentração estratégica (ACE).

Os EPT e os EAT (eixos alternativos de transporte), segundo o manual *MD30-M-01 – Doutrina de Operações Conjuntas* (1º Volume) (BRASIL, 2020, p. 123), constituem-se em um conjunto de vias de transporte multimodais georreferenciadas (latitude/longitude) em calco e orientadas para as ACE.

A fase de deslocamento estratégico foi facilitada, segundo o portal de notícias britânico *The Guardian* (2022), pelo fato de os russos terem mobilizado aproximadamente 30 mil militares, 2 batalhões de sistemas de mísseis terra-ar e diversos caças junto à fronteira com a Ucrânia, sob pretexto da realização de um grande exercício militar junto com o país aliado Belarus.

From the border with Belarus, it is only about 130 miles (210km) down a highway to Kyiv, Ukraine's capital, and the joint exercises add a new front to a potential Russian assault on Ukraine. There is also a threat from the south, where Russia annexed the Crimean Peninsula in 2014, and from the east, where Moscow has directed an insurgency against Kyiv's authority and has massed troops close to the Russia-Ukraine border¹. (THE GUARDIAN, 2022)



Figura 3 – Tropas russas desdobradas junto à fronteira ucraniana
Fonte: The Guardian. Belarus military drills to begin as Russia ratchets up Ukraine tensions. Disponível em: [Belarus military drills to begin as Russia ratchets up Ukraine tensions](https://www.theguardian.com/world/2022/feb/06/belarus-military-drills-to-begin-as-russia-ratchets-up-ukraine-tensions). Acesso em: 5 mar 2022

As ACE dos meios foram observadas em três locais distintos. Em Belgorod, território russo, próximo cerca de 80km da cidade de Kharkiv, na Ucrânia, local em que foi desdobrado um hospital de campanha; na cidade bielorrussa de Bokov Airfield, que dista aproximadamente 50km da capital ucraniana, Kiev; e na Crimeia, que oferece sustentação logística das tropas localizadas na porção sudoeste, por intermédio do suporte naval facilitado, até então, naquela área.

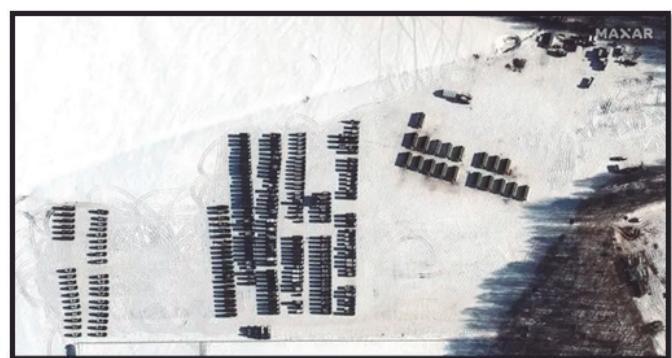


Figura 4 – Tropas e unidades de apoio logístico, estacionadas próximas a Yelsk, Belarus.
Fonte: Maxar Technologies. Disponível em: [world/satellite-images-show-troop-deployment-belarus-border-with-ukraine-ahead-russian-2022-02-06/](https://www.reuters.com/world/satellite-images-show-troop-deployment-belarus-border-with-ukraine-ahead-russian-2022-02-06/). Acesso em: 5 mar 2022

Pela proximidade das ACE com a fronteira russa, acredita-se que tais locais foram também utilizados para o desdobramento dos meios logísticos no nível operacional e parte do nível tático, permitindo que tropas russas atingissem o estado de preparação de sua força militar, com capacidade de pronta-resposta a atos hostis de origem externa, ou seja, nesse momento, a Federação Russa passa a ter prontidão operativa (BRASIL, 2007, p. 214), fechando a fase de geração do poder de combate.

As localidades selecionadas possuem ligação rodoviária e se encontram em *hubs* que facilitam o devido suporte logístico para sustentação das tropas. Em que pese, na concentração estratégica, a Rússia ter utilizado de forma ampla o modal ferroviário, em território ucraniano, mesmo com farta disponibilidade de linhas ferroviárias, que possuem a mesma bitola (1.520mm – 4 pés 11²⁷/32 pol) das russas (UKRAINIAN RAILWAYS, 2022), ou seja, permitem a utilização dos mesmos vagões, de ambos os países, por ora, ainda não foi observado esse emprego.

As ações de sustentação, de forma diversa da geração, têm sido baseadas no amplo emprego das rodovias ucranianas, com viaturas de transporte não especializado (VTNE). Segundo dados médios de planejamento (Manual EB60-ME-11.401 – DAMEPLAN), o primeiro reflexo dessa ação foi o aumento das necessidades de combustíveis em até 20%, a fim de atender o consumo utilizado no suprimento dos diversos escalões. Isso contribuiu para que, logo no 2º dia de conflito, as forças russas já sofressem com a falta de combustível nos escalões brigada e inferiores.

O Kremlin usou trens – centenas deles com muitos milhares de vagões, no total – para montar armas, veículos e suprimentos na fronteira Rússia-Ucrânia para um exército de cerca de 100.000 soldados [...] A Rússia é vasta e suas estradas são ruins em comparação com as estradas dos países ocidentais. [...] Isso ajuda a explicar por que o país e seu exército se apoiam tanto no transporte ferroviário para a logística [...] manejados por brigadas de tropas ferroviárias exclusivas do exército, são “mais do que suficientes para transportar o equipamento de todas as unidades da força terrestre russa.” (AXE, 2022)

Ainda, à medida que as tropas avançam, os eixos de suprimento também se estendem, causando problemas de suprimento das tropas em 1º escalão. Um aspecto ainda mais agravante para a logística russa vem sendo a resistência das forças ucranianas, que contribuem para o acirramento das dificuldades logísticas evidenciadas até então. As forças ucranianas, sobretudo de populares contra a logística russa, têm sido bem sucedidas contra comboios de suprimento (NYT, 2022).

Ressalta-se, ainda, que a Rússia se encontra em território oponente, não possui estoques pre定位ados e não foram utilizadas empresas privadas que fornecem serviços de combate armado ou segurança para ganho financeiro – os *contractors* (CIMINI, 2018, p. 4) –, sendo a dependência de suprimentos, quase que na totalidade, exclusiva de suas forças armadas. Nesse sentido, observa-se que a mobilização não foi adequada e proporcional às necessidades do combate, particularmente quanto à quantidade estimada de VTNE para movimentar a cauda logística utilizando o modal rodoviário (AXE, 2022). Segundo o tenente-coronel do Exército dos EUA Alex Vershinin (2022), é nesse ponto que a logística do exército russo é mais fraca: “O exército russo não tem caminhões suficientes para atender às suas necessidades logísticas a mais de 90 milhas além dos depósitos de suprimentos”.

As condições climáticas também afloraram como problema para a logística russa. Na região do conflito, verifica-se que o tempo está mais quente neste inverno, o que significa que há maior incidência de chuvas, trazendo lama em vez de terra firme. Tal fato tem prejudicado, também, o avanço russo, na medida em que diversas viaturas, entre elas algumas de grande valor estratégico e financeiro – como as do sistema antiaéreo Pantsir-S1, que custam em torno de U\$ 12 milhões (FANDON, 2015) – têm ficado paradas em meio aos atoleiros nos eixos de deslocamento.

Esse óbice denota falha na fase de planejamento e preparação da operação, ao deixar de considerar o fator da decisão *condições meteorológicas*, provocando reflexo na função logística *salvamento*, ao passo que o número de viaturas de transporte especializado (VTE) tipo reboque aparentam figurar em número insuficiente para atender às demandas existentes.

Outro ponto observado na fase de sustentação foi a acentuada exposição dos comboios logísticos, tornando-os alvos de ações descentralizadas das forças de segurança ucranianas, que destruíram farta quantidade de meios de suporte logístico. Assim, fica patente a necessidade de forças de sustentação logística possuírem capacidade de autodefesa proporcional às ameaças.

A grande mobilidade de tropas, o aumento da amplitude do campo de batalha e a necessidade de o suporte logístico estar presente cada vez mais à frente em quantidade, local e momento adequados fazem com que as forças logísticas tenham a necessidade de aumentar sua capacidade de proteção, por vezes valendo-se de outras forças de combate. Nesse sentido, após sensíveis perdas de suprimentos e equipamentos, verifica-se que parte dos deslocamentos logísticos tem sido reforçados por meios de proteção, inclusive antiaéreos, como o sistema TOR (SA-15 “Gauntlet”).



Figura 5 – Comboio de suprimento escoltado por sistema antiaéreo russo TOR

Fonte: Disponível em: https://gettr.com/user/hoje_no. Acesso em: 5 mar 2022

Conclui-se, parcialmente, que a sustentação russa vem sendo desenrolada de forma diversa. A geração do poder de combate russo ocorreu de forma significativamente tranquila, auxiliado pela grande disponibilidade do modal ferroviário, em que os russos possuem grande *expertise*, para levar os meios julgados necessários para o combate até as ACE. A partir do *desdobramento* e seguindo a fase de *sustentação*, a logística apresentou-se como grande “gargalo” para as operações russas, que passaram a ter que priorizar os deslocamentos rodoviários, surgindo, assim, demandas diversas, que têm ocasionado a limitação da liberdade de ação russa.

Conclusão

A recente guerra russo-ucraniana tem revelado diversos ensinamentos para a doutrina militar. A logística, função de combate fundamental em qualquer combate, também vem mostrando a necessidade de ser cada vez mais flexível e adaptativa.

Em síntese, observa-se que a estrutura logística russa tem se revelado como limitador da liberdade de ação de suas forças, a partir do momento em que adentraram em território ucraniano. A impossibilidade da utilização de recursos apoiados em áreas tradicionais da doutrina russa vem causando dificuldades na manutenção do seu esforço de guerra.

A geração do poder de combate russo foi laureada com a eficiente mobilidade de seus meios, proporcionada pela utilização ampla do modal ferroviário, em um país que, por sua extensão, dispõe de uma rede de ferrovias e tropas especializadas em tal tipo de deslocamento.

Dessa feita, é lícito afirmar que, ao empregar diferentes modais de transporte, ampliaram a capacidade russa na fase de geração do poder de combate, tudo isso associado com o aproveitamento da estrutura logística existente no país desde o tempo de paz, interligada por *hubs* logísticos, que facilitaram o fluxo de pessoal e meios.

A partir do desdobramento, e mais fortemente com a sustentação, as ações sobre comboios e estruturas logísticas causaram um considerável número de baixas e revelam a necessidade de se pensar nas tropas que dão suporte de forma diferente ao que era observado até então. Assim, registrou-se a imperiosa necessidade de que pessoal e meios responsáveis por projetar a logística sejam dotados de capacidade de autodefesa, além da necessidade de que os planejamentos logísticos sejam detalhadamente feitos, levando-se em consideração todos os fatores da decisão.

Ainda, a função logística *manutenção* se mostrou essencial para garantir a mobilidade e diminuição de

perda de material, particularmente quando associada à função logística *salvamento*. A avaliação russa, com relação à quantidade de meios de manutenção e salvamento nos eixos de deslocamento, mostrou-se inferior ao volume necessário do combate, o que gerou quantidade de perdas de equipamentos com alto valor agregado.

Sobre a função logística *transporte*, ficou claro que é essencial que os suprimentos, particularmente das classes III e V, devam estar mais próximos dos elementos de 1º escalão. Tal atividade, no entanto, é complexa, particularmente por conta de ações diversionárias ucranianas, que passaram a focar em comboios logísticos de suprimento para limitar o avanço russo, sendo a segurança um fator indispensável.

A grande mobilidade tática, a necessidade da realização de movimentos com velocidade, a dispersão e os aglutinamentos frequentes forçam a logística a

aproximar-se das zonas de ação mais à frente no teatro de operações. Isso significa que os elementos logísticos serão obrigados a dispor de criatividade e flexibilidade para propor medidas alternativas às vicissitudes do combate, além de assumir maior responsabilidade pela autoproteção, valendo-se, cada vez mais, de proteção blindada e antiaérea para suas instalações, comboios logísticos e desdobramento de estruturas próximas aos elementos em 1º escalão.

Por fim, é lícito afirmar que a logística possui inúmeros desafios, para poder proporcionar a geração, o desdobramento, a sustentação e a reversão das forças empregadas. A atual guerra entre Rússia e Ucrânia tem proporcionado, diariamente, ensinamentos que contribuem para a evolução da arte da guerra, além de oportunidades para a modernização, a fim de que tal capacidade se encontre plena e atenda às necessidades do combate. 

Referências

- AXE, David. **The Russian Army Doesn't Have Enough Trucks to Defeat Ukraine Fast**. FORBES. 2022. Disponível em: [The Russian Army Doesn't Have Enough Trucks to Defeat Ukraine Fast](#). Acesso em: 5 mar 2022.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas – MD- 35-G-01**. 2007, p. 214.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas – MD30-M-01**. Volume 1, 2. ed. 2020.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Dados Médios de Planejamento**. Manual EB60-ME-11.401 – DA-MEPLAN. 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Logística nas Operações (EB70-MC-10.216)**. 2018.
- CIMINI, Tea. **The Invisible Army: Explaining Private Military and Security Companies**. E-International Relations. ISSN 2053-8626. 2018. p. 4.
- CUETO, José Carlos. **Guerra na Ucrânia: como terminaram outras ações militares ordenadas por Putin**. International. BBC NEWS. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60645319>. Acesso em: 10 abr 2022.
- DEMOGRAPHIC YEARBOOK SYSTEM. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/demographic/products/dyb/default.htm>. Acesso em: 6 mar 2022.
- FANDOM. Military Wiki. **Pantsir-S1**. 2022. Disponível em: <https://military-history.fandom.com/wiki/Pantsir-S1>. Acesso em: 5 mar 2022.
- GRAU, Lester W.; BARTLES, Charles K. **The Russian Way of War Force Structure, Tactics, and Modernization of the**

Russian Ground Forces. Foreign Military Studies Office. 2016.

LIMA, Marco Antônio. **O transporte de forças blindadas para a Amazônia: uma proposta.** 2021. 36 f.: il.; 30 cm. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

NEW YORK TIMES. **Some Russian troops are surrendering or sabotaging vehicles rather than fighting, a Pentagon official says.** 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/03/01/world/europe/russia-troops-pentagon.html>. Acesso em: 5 mar 2022.

SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute. **International arms transfers.** Disponível em: <https://www.sipri.org/research/armament-and-disarmament/arms-and-military-expenditure/international-arms-transfers>. Acesso em: 6 mar 2021.

THE GUARDIAN. **Belarus military drills to begin as Russia ratchets up Ukraine tensions.** Periódico diário. Versão Digital. Disponível em: Belarus military drills to begin as Russia ratchets up Ukraine tensions. Acesso em: 5 mar 2022.

UKRAINIAN RAILWAYS. **Ferroviás da Ucrânia.** Disponível em: <https://stringfixer.com/pt/Ukrzaliznytsia>. Acesso em: 5 mar 2022.

VERSHININ, Alex. **Feeding the Bear: A Closer Look at Russian Army Logistics and the Fait Accompli.** National security for insiders. Texas National Security Review. Disponível em: <https://warontherocks.com/2021/11/feeding-the-bear-a-closer-look-at-russian-army-logistics/>. Acesso em: 5 mar 2022.

Notas

¹. A partir da fronteira com Belarus, são cerca de apenas 130 milhas (210km) por uma rodovia até Kiev, capital da Ucrânia, e os exercícios conjuntos acrescentam uma nova frente a um potencial ataque russo à Ucrânia. Há também uma ameaça do sul, onde a Rússia anexou a Península da Crimeia em 2014, e do leste, onde Moscou conduziu uma insurgência contra a autoridade de Kiev e reuniu tropas perto da fronteira Rússia-Ucrânia (tradução nossa).

O conflito entre Rússia e Ucrânia sob a ótica do nível operacional

Felipe Galvão Franco Honorato*

Introdução

O conflito entre Rússia e Ucrânia apresenta diversos aspectos do nível operacional em relação ao planejamento e ao controle da operação planejada, etapas do processo de planejamento conjunto (PPC).

O território ucraniano, localizado na porção oriental do continente europeu, é onde ocorrem as ações beligerantes entre a Rússia e a Ucrânia. O conflito atual se iniciou em 24 de fevereiro de 2022. Com o fim da União Soviética, em 1991, a Ucrânia se tornou um estado independente. Em seguida, no ano de 1994, a Ucrânia entregou suas ogivas nucleares à Rússia, mediante o Memorando de Budapeste, dispondo da garantia de que suas fronteiras seriam respeitadas. Nos anos vindouros, a Ucrânia despertou o interesse por uma aproximação ao bloco europeu. Em 2014, após instabilidades no país, a deposição do presidente Víktor Yanukóvich permitiu a ascensão de um governo pró-Ocidente.

A região sul da Ucrânia possui forte presença étnica russa. Por meio de protestos e devido às ações de grupos separatistas armados, no ano de 2014, solicitaram a anexação da Crimeia pela Rússia. Assim, o Kremlin enviou tropas e assegurou o controle da Crimeia. No leste da Ucrânia, a região de Donbass, desde 2014, dispõe de conflitos violentos, em que há a presença de grupos separatistas armados e apoiados pela Rússia.

Em consequência à intensificação das aproximações entre a Ucrânia, a OTAN e a União Europeia, Putin reconheceu oficialmente a independência das regiões de Lugansk e Donetsk, localizados no leste ucraniano, no dia 21 de fevereiro de 2022 (GONCHARENKO,

2022). A Rússia visou realizar uma operação de paz nessas regiões, considerando o término do protocolo de Minsk, pois o cessar-fogo na região de Donbass não foi efetivado.

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia iniciou a ofensiva no território ucraniano, a fim de desmilitarizar e de “desnazificar” a região de Donbass, intitulando essa ação como *operação militar especial*. Putin também alertou para que outros países não interferissem. Em seguida, explosões ocorreram na fronteira e em outras cidades. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, buscou e recebeu apoio em material destinado ao emprego bélico no conflito. Até os dias atuais, a ofensiva russa ainda permanece e essas informações refletem na avaliação do ambiente operacional.

Por ocasião do início do conflito, os Estados Unidos da América (EUA), a União Europeia e o Reino Unido passaram a implementar uma série de sanções econômicas à Rússia. Em virtude da continuidade do conflito e das peculiaridades da Rússia, elevada influência geopolítica e disponibilidades de artefatos nucleares, há indícios de que as limitações econômicas impostas não se sobrepuseram ao conflito de maneira marcante.

O foco do artigo é a verificação de aspectos do nível operacional do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, observando aspectos da doutrina militar de defesa do Brasil, em especial nos manuais de *Doutrina de Operações Conjuntas do Brasil*, MD30-M-01, 1º e 2º volumes. Para isso, a confiabilidade das informações em relação ao conflito é uma das vulnerabilidades, tendo em vista as diferentes narrativas apresentadas, constituindo uma premissa para a adoção das versões obtidas nas referências bibliográficas.

* Maj Art (AMAN/2004, EsACosAAe/2009, EsAO/2014, ECEME/2020). Realizou o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais na França/2015 e o Curso de Planejamento de Emprego do Sistema de Mísseis e Foguetes/2021. Atualmente, é instrutor da ECEME.

Desenvolvimento

A organização, a preparação e a condução da guerra são estruturadas em níveis de decisão, como consta no *Manual de Fundamentos – Estratégia* (BRASIL, 2020b), sendo: político, estratégico, operacional e tático.

O nível político é, sobretudo, representado pelo presidente, como verificado nos dois países envolvidos no conflito. À frente da Rússia, há Vladimir Putin; na Ucrânia, Volodymyr Zelensky. Ambos determinam os objetivos políticos do conflito e formulam as diretrizes para as ações estratégicas de cada campo do Poder Nacional.

O nível estratégico constitui a essência da transformação das condicionantes e diretrizes políticas em ações estratégicas implementadas setorialmente por diferentes ministérios, em coordenação com as ações da expressão militar (BRASIL, 2020a). O ministro da Defesa russo é Sergei Shoigu; o da Ucrânia é Oleksii Reznikov. O encadeamento das ações militares provém das iniciativas desses representantes dos seus países.

Em relação ao nível estratégico, de acordo com Lourenço (2018), a manobra russa teve como objetivos estratégicos o enfraquecimento e a manutenção da Ucrânia sob sua influência, impedindo qualquer possibilidade de seu ingresso na Organização do Tratado do Norte (OTAN) e na União Europeia.

De acordo com Tavares (2022), o impulso estratégico russo é condicionado a quatro fatores: forças materiais, forças morais, tempo e liberdade de ação. A definição de cada um origina-se nos preceitos estabelecidos pelo general André Beaufre, quando o planejamento militar se encontra no nível estratégico. As forças materiais se baseiam nos recursos materiais e humanos existente no país; as forças morais se concentram no apoio da população e na comunicação em massa; o tempo indica as consequências das ações continuadas sobre os atores e sobre o ambiente operacional decorrente desde a anexação da Crimeia pelos russos; e a liberdade de ação indica a autonomia para o emprego da força diante da legalidade e da legitimidade. Assim, no nível estratégico, a invasão russa, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, fundamentou-se na convergência desses fatores.

Conforme consta no *Manual de Fundamentos – Estratégia* (2020b), presume-se que a Rússia realizou uma manobra estratégica *ofensiva*, cuja forma expressa, ao se analisar a ofensiva inicial do conflito, foi a de *linhas exteriores*. Isso se deve à existência de dois ou mais grupos de forças atuando de forma convergente sobre o inimigo.

A Ucrânia, no nível estratégico, desde o ano de 2014, submeteu-se a atualizações e buscou alinhamento aos padrões de planejamentos e execuções estratégicos praticado pela OTAN e pelos EUA, sendo que ambos prestaram apoios. O país atualizou sua Estratégia Nacional de Defesa no ano de 2020, estabelecendo a Rússia como uma ameaça e aperfeiçoando sua doutrina militar, segundo Bowen (2022). A manobra estratégica ucraniana é *defensiva*, e se estima que a forma de manobra predominante é a *em posição*.

O nível operacional retrata o planejamento militar e a condução das operações requeridas pela guerra, em alinhamento com a estratégia estabelecida, consoante com o *Glossário das Forças Armadas* (2015). Para o nível operacional do planejamento e do controle da operação planejada, são estabelecidos o estado final desejado, os objetivos operacionais e a concepção da manobra operacional, de acordo com o *MD30-M-01*, vol. 1 (2020).

As Forças Armadas Russas possuem as seguintes forças componentes para o comando operacional: Força Terrestre, Força Aeroespacial, Força Naval, Força de Mísseis Estratégicos e Tropas Aeroterrestres. De acordo com o *Russian New Generation of Warfare Handbook* (2016), a nova disposição militar russa se organiza no país em distritos militares, com estruturas conjuntas, dispondo das diferentes forças componentes anteriormente citadas.

As Forças Armadas Ucranianas são constituídas pelas Forças Terrestres, Forças Aéreas, Forças Navais, Tropas de Assalto Aéreo e Forças de Operações Especiais, conforme consta no site do Ministério da Defesa ucraniano. O comando e controle das Forças Armadas (FA) da Ucrânia dividiu-se em chefe do estado-maior geral, com a finalidade de planejamento, e chefe do comando das forças conjuntas, responsável pelas operações, como apresentado por Bowen (2022).

Inicialmente, ao se analisar o nível operacional, a ofensiva russa se configurou em quatro direções. Pelo norte, a direção no eixo Belarus-Kiev; na direção leste, no eixo Belgorod-Kharkiv; na direção sudeste, eixo existente na região de Donbass; e na direção sul, no eixo Crimeia-Kherson. A direção norte provavelmente consistiu, inicialmente, em ser o esforço principal, diante do ataque a Kiev, visando ao seu cerco, de acordo com o ISW (2022).

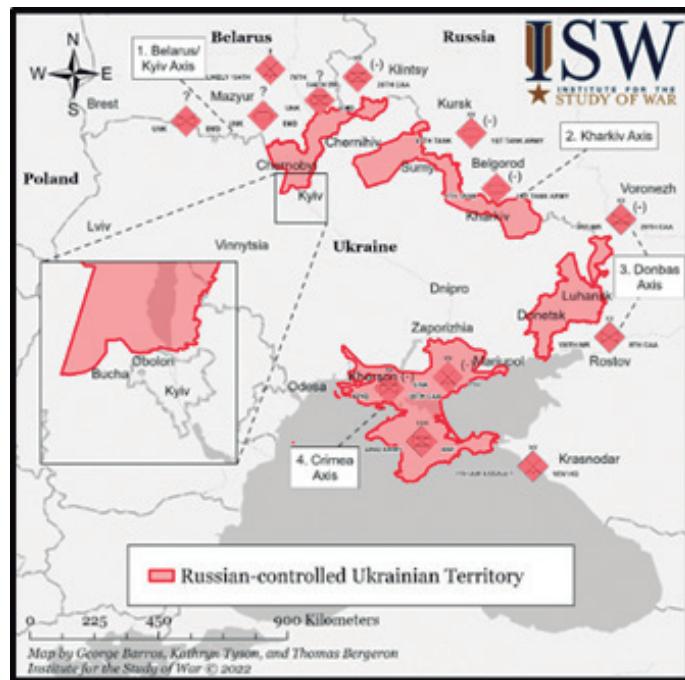


Figura 1 – Controle do território ucraniano pelas Forças Armadas Russas e as direções da ofensiva russa em 28 fev 2022
Fonte: Institute for the Study of War (2022)

Em relação ao processo de planejamento conjunto (PPC), a fase 1 do exame de situação operacional abrange três partes: avaliação do ambiente operacional; análise da missão; e confecção/emissão da diretriz de planejamento. Neste artigo, são apresentados alguns prováveis produtos relacionados à avaliação do ambiente operacional, visando ao reconhecimento e à definição do problema militar existente.



Figura 2 – O processo de planejamento conjunto (PPC)
Fonte: O autor

A avaliação do ambiente operacional se faz com a compreensão das diretrizes e orientações do nível estratégico, prosseguindo pela análise da situação atual e definição da situação final desejada operacional, e concluindo com a definição do problema e dos objetivos no nível operacional (BRASIL, 2020a). Para isso, os principais atores existentes no conflito são identificados e são promovidas as relações, visando a identificar comportamento, tensões e tendências.

A situação atual, estimada, sob a ótica russa, por ocasião do início do conflito, mostra que seu governo não reconheceu o acordo de Minsk, não tolerou o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no seu entorno estratégico, vislumbrou a possibilidade do limite oeste do território russo poder ser estendido até o rio Dniepre (Ucrânia), posicionou-se contrário ao “neonazismo” da Ucrânia e reconheceu a independência das províncias de Donetsk e Lugansk, determinando a operação militar especial com o fito de estabelecer a paz nessas províncias. Além disso, parcela da população russa protestou contra a iniciativa russa. Ainda quanto aos fatores gerais, as Forças Armadas russas apresentaram um poder relativo de combate bem superior às ucranianas, embora haja fortes indícios de limitações logísticas identificadas na segunda semana de conflito, conforme relatado por analistas. Belarus foi um ator relevante para a situação atual, analisada sob a ótica russa, pois concedeu apoio político, cedendo o território para a manobra operacional russa. Por fim, de forma ampla, havia separatistas favoráveis à

Rússia nas províncias reconhecidas como independentes pelos russos.

A Ucrânia, na situação atual, por ocasião do início do conflito, dispunha de um governo com a intenção de legitimar suas ações perante os demais países do mundo, que primou pelo nacionalismo e buscou o apoio de organismos internacionais, como OTAN e União Europeia (UE). A população ucraniana, outro ator relevante, evidenciou o comportamento nacionalista ao empunhar armas para a defesa do seu país. As Forças Armadas (FA) ucranianas receberam o suprimento de meios militares para o conflito provenientes especialmente de países do Ocidente, com destaque para armamentos antiaéreos e anticarro. Em consequência de fatores políticos e de acordos anteriores, a autonomia das províncias de Lugansk e Donetsk foram questionadas pelo governo ucraniano, agravada com a presença de militares russos e de separatistas. Sob o enfoque de fatores econômicos, a UE e os Estados Unidos da América apoiaram financeiramente a Ucrânia, além dos materiais de emprego militar já mencionados (ANSA, 2022).

Para a situação desejada, inicialmente conjecturada pela Rússia, o governo modificaria o regime de governo ucraniano para pró-Rússia, estabeleceria o limite oeste do seu território coincidente com um obstáculo natural (rio Dniepre) para conter o avanço da OTAN no entorno estratégico russo, e regiões de Donetsk e Lugansk seriam controladas e estabilizadas. Sob o aspecto psicossocial, a população russa apoiaria as ações do país. As FA russas concluiriam a manobra operacional de maneira rápida e, caso houvesse necessidade de uma pausa operacional, rapidamente retomariam as ações terrestres, aéreas e navais das forças componentes. Belarus manteria o apoio político e os separatistas das regiões a leste da Ucrânia apoiariam o sucesso das ações das FA russas nessa região.

A Ucrânia, inicialmente, na situação desejada para fins de avaliação do ambiente operacional, cogitou que o governo buscaria legitimar suas ações; daria continuidade à ênfase ao nacionalismo; conquistaria o apoio pleno das organizações internacionais e manteria a soberania do país. Além disso, sob o aspecto econômico, estaria incluída na UE, submetendo-se a uma recupera-

ção econômica diante do conflito. Sob o aspecto psicosocial, por meio de operações de informação no nível operacional, a população se manteria a todo instante favorável à manutenção da soberania do país, mesmo diante de baixas e comprometimento de instalações civis. As FA ucranianas teriam assegurado, durante todo o conflito, o ressurgimento constante de materiais de emprego militar necessários, bem como estariam integradas à OTAN, tal qual previsto na estratégia de segurança nacional, assinada em 2020. Em relação ao território, as províncias de Donetsk e Lugansk seriam retomadas pela Ucrânia.

Em seguida, o estado final desejado operacional (EFD Op) é estabelecido, constituindo-se em uma descrição sucinta das condições que, uma vez atingidas, permitirão ao comandante operacional assegurar que a sua missão foi efetivamente cumprida, consoante com a ótica da doutrina de operações conjuntas brasileiras, *MD30-M-01*. Trata-se de um ponto além do qual a relevância dos esforços e a intensidade da violência empregadas pelo Poder Militar deixarão de ter influência significativa para a obtenção dos objetivos dos níveis políticos e estratégicos.

O estado final desejado no nível operacional, inicialmente, para os russos, entende-se que possa estar expresso pelas seguintes condições: região leste da Ucrânia e capital, Kiev, conquistadas e estabilizadas; forças armadas ucranianas neutralizadas; ações das forças irregulares reduzidas; linhas de comunicações marítimas, aéreas e terrestres da Rússia mantidas e população do teatro de operações (TO) protegida. Já a Ucrânia estima, para o estado final desejado no nível operacional: fronteiras ucranianas integralmente reconhecidas pela Rússia, com patrimônios retomados; tropas russas neutralizadas; ações das forças irregulares (separatistas pró-Rússia) reduzidas; opiniões públicas nacional e internacional favoráveis.

Ademais, foi definido o problema militar: a condição ou o conjunto de condições que impedem ou dificultam o comandante operacional de atingir o EFD Op (*MD30-M01*). A descrição do problema consiste na compreensão dos atores relevantes, suas interações, identificando tendências e possíveis áreas de atuação, ou seja, os pontos em que se deverá atuar para

influenciar e transformar as condições atuais naquelas almejadas para o EFD Op.

Para a Rússia, avalia-se que as Forças Armadas (FA) da Ucrânia constituem o principal óbice para a conquista e estabilização da região leste da Ucrânia e da capital Kiev, já que se visa à conquista e à estabilização. Além disso, civis apoiando militarmente o governo ucraniano é outro óbice para a estabilização da região leste da Ucrânia. A chegada de material de emprego militar (MEM) do oeste da Ucrânia também é um obstáculo. As mídias desfavoráveis às causas russas representam obstáculos para assegurar a opinião pública internacional favorável, dificultando a estabilização das áreas contestadas. A possível falta de assistência humanitária por parte da Ucrânia aos civis na região leste (Rg E) do país representa uma dificuldade para garantia da segurança da população majoritariamente de etnia russa.

O problema para a Ucrânia, avalia-se inicialmente, é que as FA russas constituem o principal óbice, pois comprometem a integridade territorial do país. Além disso, as ações de separatistas pró-Rússia também são óbices, pois prejudicam a estabilização do território ucraniano. A população vitimada pelas escaramuças do combate também representa um problema, que pode gerar instabilidade social na Ucrânia e comprometer o apoio da opinião pública à causa do país. Os grupos étnicos russos presentes na Ucrânia são um problema, pois influenciam a integridade territorial. O fluxo de MEM proveniente de leste e de norte da Rússia também é um obstáculo para a Ucrânia, pelo fato de garantirem as condições necessárias para a manutenção do esforço de guerra do oponente.

Os objetivos operacionais indicam para onde devem ser dirigidas as operações conjuntas a fim de contribuírem para alcançar o EFD Op (BRASIL, 2020a). O objetivo operacional, logo, é uma meta para a qual concorrerão as ações do nível operacional.

Para a Rússia, inicialmente, presume-se que os objetivos operacionais foram: neutralização das FA ucranianas; conquista e estabilização da região da fronteira com a Ucrânia até 150km a oeste do rio Dniepre; conquista da localidade de Kiev; enfraquecimento das forças irregulares (F Irreg) nacionais ucranianas; prote-

ção da população no teatro de operações (TO); e apoio informacional à Rússia.

À Ucrânia, os objetivos operacionais inicialmente estimados são: neutralização das FA russas; redução das ações de separatistas pró-Rússia; manutenção da integridade territorial ucraniana; proteção da população e das estruturas estratégicas do país no TO; e apoio informacional às ações ucranianas.

O centro de gravidade (CG) é um dos elementos que contribuirão para o desenvolvimento da arte operacional, que equivale à concepção e ao planejamento contínuo e sistêmico de operações e campanhas militares sincronizadas, que produzirão efeitos essenciais para a consecução dos objetivos operacionais, gerando, assim, as condições que favoreçam ao atingimento do EFD Op (BRASIL, 2020a). Durante o exame de situação no nível operacional, visa-se identificar o CG do inimigo, suas vulnerabilidades críticas e concentrar as Cpcd Mil para explorá-las. De acordo com a previsão doutrinária militar de defesa do Brasil, nos níveis operacional e tático, dentro de um ambiente de guerra convencional entre dois Estados, normalmente os CG são forças militares específicas.

Nesse sentido, o CG é a principal fonte de força, poder e resistência, que confere ao contendor, em última análise, liberdade de ação ou vontade de lutar. Há duas metodologias para a identificação dos CG: por meio dos elementos críticos ou por meio das capacidades críticas. Desconsiderando o encadeamento de ideias para o processo de identificação e análise dos centros de gravidades dos contendores no conflito, serão apresentados alguns de seus fatores críticos.

Para a Rússia, acredita-se que o centro de gravidade identificado em relação à Ucrânia, no nível operacional, são as Forças Terrestres ucranianas, por ocasião da fase de controle da manobra operacional, e o braço armado das forças irregulares, durante a fase da estabilização da campanha. As forças terrestres são compostas, majoritariamente, por meios pertencentes à força terrestre componente ucraniana, dispondo de algumas vulnerabilidades críticas, como, por exemplo: necessidade de ressuprimento de meios de defesa antiaérea (DAAe), necessidade de ressuprimento de armamento

anticarro, carência de disponibilidade de blindados e demanda recorrente por operações psicológicas para manutenção da legitimidade de suas ações no conflito e para recebimento de apoio internacional. As forças irregulares seriam constituídas pelos nacionais que empunharam armas e grupos paramilitares provenientes de outros locais do mundo com o fim de alcançar o EFD Op ucraniano.

Para a Ucrânia, julga-se que o centro de gravidade identificado constitui a Força Terrestre russa, por ocasião da fase da ação decisiva do conflito, e o braço armado dos separatistas pró-Rússia, por ocasião da fase da estabilização da campanha operacional. Algumas vulnerabilidades críticas em relação à Força Terrestre russa, com ênfase no requisito crítico da estrutura logística, são: limitação ao uso de ferrovias e rodovias nos principais eixos de sua ofensiva, devido às condições meteorológicas e ao terreno; indisponibilidade de contratação/mobilização de meios civis na Ucrânia; indisponibilidade de suprimentos pré-posicionados para a continuidade do apoio logístico ao combate; e necessidade de meios de engenharia para a transposição de curso de água.

Na fase 2 do exame de situação operacional, a abordagem operacional, incorporada ao PPC, é materializada com a elaboração do desenho operacional, produto que também é inferido e apresentado a seguir neste artigo. De acordo com a doutrina de operações conjuntas brasileiras, com base nas análises realizadas até o momento pelo nível operacional, empregando os conceitos de arte operacional, foi desenvolvida uma abordagem operacional, a fim de conceber uma ideia geral sobre “o que deve ser feito” para se chegar ao EFD Op, que é representado graficamente por meio do *desenho operacional* (DO).

Para os russos, avalia-se que o desenho operacional, para o início do conflito, pode ser representado conforme a **figura 3**. A finalidade é transmitir a visão do comandante do nível operacional sobre “o que” deve ser feito para se alcançar o EFD Op; propiciar um parâmetro para sincronização e coordenação da operação ao longo do tempo; guiar a produção das linhas de ação; e servir de referência para avaliação na etapa do *controle da operação planejada* (BRASIL, 2020).



Figura 3 – Desenho operacional da Rússia, no nível operacional
Fonte: O autor, 2022

Com as mesmas finalidades inerentes à ferramenta gráfica correspondente ao desenho operacional, estima-se que os ucranianos elaboraram a manobra defensiva, de acordo com a **figura 4**.

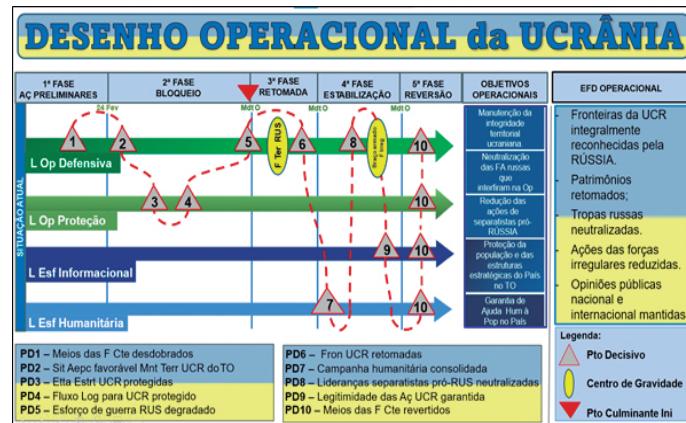


Figura 4 – Desenho operacional da Ucrânia, no nível operacional
Fonte: O autor, 2022

A arte da guerra, inclusive no nível de decisão operacional, consiste em obter e manter a liberdade de ação e impor a sua vontade ao inimigo. A liberdade de ação é conseguida, sobretudo, pelo equilíbrio apropriado dos fatores condicionantes da arte operacional: espaço, tempo e força. O tempo perdido não mais pode ser recuperado, já o espaço perdido pode ser retomado (BRASIL, 2020a). O fator força, nos aspectos tangíveis, está associado às forças componentes que integrarão o comando operacional de cada país. Quanto maior a superioridade desse fator, maior liberdade de ação para a obtenção dos objetivos operacionais.

As Forças Armadas russas, em relação ao comando e ao controle, passaram a se organizar em cinco distritos militares ou comandos operacionais: do Sul, do Centro, do Oeste, do Leste e do Norte, conforme apresentado pelo Ministério da Defesa russo. As forças terrestres russas passaram a priorizar sua composição com militares profissionais em detrimento da conscrição, bem como melhorar as artilharias pesadas e de mísseis e foguetes, além dos meios de guerra eletrônica, segundo Bowen (2020). As forças terrestres russas são compostas por 11 exércitos de armas combinadas, 1 exército de tanques e 5 corpos de exército. Os distritos militares do Oeste e do Sul são os com as melhores capacidades terrestres. De acordo com *Rochan Consulting* (2022), para a ofensiva russa, a direção norte era composta pelos distritos militares do Leste e do Centro; a direção leste pelo distrito militar do Oeste, e as direções leste e sul pelo distrito militar do Sul. Segundo o *Military Balance* (2022), os russos possuíam, por ocasião do início do conflito, 900.000 militares, sendo 280.000 pertencentes à força terrestre. Além disso, de acordo com a BBB (2022), 30.122 veículos blindados de combate russos existiam em fevereiro de 2022.

Consoante com Bowen (2020), as forças aeroespaciais russas são compostas por: Força Aérea, Defesa Aérea, Forças Espaciais e Aviação do Exército. Atualmente, possuem aeronaves de quinta geração, em que houve melhoria no emprego de mísseis e munições de precisão, embora haja limitação da área de transportes. Essas forças realizaram vários bombardeios no início do conflito nas principais localidades e em alvos estratégicos, inclusive na porção oeste da Ucrânia, mas não demonstraram situação aeroespacial favorável para a ofensiva ser impactante. Segundo BBC (2022), a Rússia possui 1.511 aviões de combate e 544 helicópteros de combate.

A Marinha da Rússia é distribuída em Esquadra do Norte, do Pacífico, do Mar Negro e do Báltico, segundo Bowen (2020), dispondo de prioridades para investimento. Cada esquadra possui uma brigada de infantaria naval, com o efetivo de aproximadamente 10.000 militares. Devido, porém, à quantidade reduzida de navios de desembarque, há limitação de capacidade anfíbia. A partir do ano de 2014, a Esquadra do Mar

Negro passou a dispor de maior prioridade. No início do conflito, depois de bombardeios, assumiu o controle da Ilha das Serpentes, no mar Negro, devido às ações do cruzador Moskva (SANGAL *et al.*, 2022). A Marinha russa possui 250 embarcações de guerra e 150.000 militares (MILITARY BALANCE, 2022).

A Força Estratégica de Mísseis russa possui 50.000 integrantes e dispõe dos mísseis balísticos intercontinentais, com alcances superiores a 5.500 quilômetros. Normalmente, esses artefatos militares carregam ogivas nucleares e são empregados como dissuasão pela Rússia, de acordo com o *Military Balance* (2022). Além disso, são complementados pela aviação de longo alcance da Força Aérea russa e pelos submarinos nucleares, lançadores de mísseis balísticos, da Marinha russa.

As tropas aeroterrestres russas são compostas por 45.000 militares, aproximadamente, e são uma vantagem operacional no combate por poderem constituir uma força componente. Possuem 2 divisões aeroterrestres e 2 divisões de assalto aéreo, bem como 1 regimento de forças especiais (MILITARY BALANCE, 2022).

Por outro lado, as forças terrestres ucranianas possuem aproximadamente 125.600 integrantes e fortaleceram-se a partir do ano de 2014, recebendo treinamento da OTAN e dos EUA (BOWEN, 2022). Passaram a valorizar mais a iniciativa dos níveis e escalões de decisão inferiores, nos moldes do que ocorre nas forças terrestres ocidentais, bem como houve uma melhora nas qualidades técnicas e táticas dos meios blindados, mecanizados e de artilharia. Por ocasião do início do conflito, possuíam 12.303 veículos blindados de combate (BBC, 2022). De maneira ampla, as forças terrestres são distribuídas no país em 4 comandos regionais, possuindo: 4 brigadas blindadas, 9 brigadas mecanizadas, 2 brigadas de montanha, 4 brigadas de infantaria motorizada e 1 brigada de infantaria leve. Além disso, também detêm apoio de fogo, engenharia, defesa antiaérea, comunicações e aviação (MILITARY BALANCE, 2022).

As forças aéreas ucranianas ficaram muito debilitadas durante o conflito do ano de 2014, na Crimeia. As aeronaves possuem mais de 30 anos de existência, embora esse setor da defesa tenha recebido prioridade recentemente. Por exemplo, sistemas aéreos remo-

tamente pilotados (SARP) foram adquiridos, tal como o Turkish Bayraktar TB2. De acordo com o *Military Balance* (2022), possuem 45.000 integrantes. Além disso, conforme BBC (2022), dispõem de 98 aviões de combate e 34 helicópteros de ataque. Sua composição integra 4 brigadas MiG-29 Fulcrum, 2 de Su-24M Fencer e Su-25 Frogfoot. Meios de defesa antiaérea, como existente nas demais forças componentes, contribuem para a obtenção de determinado controle aeroespacial em momentos da campanha operacional. O emprego do TB2 foi decisivo para atingir colunas de blindados na fase inicial da manobra defensiva ucraniana.

A Marinha ucraniana perdeu 70% dos seus navios e oficiais na ocupação da região da Crimeia pela Rússia no ano de 2014. Posteriormente, porém, a Marinha passou a priorizar o investimento em navios de guerra pequenos, segundo o *Military Balance* (2022). O efetivo da Marinha é de aproximadamente 15.000 integrantes. Ela vinha passando por uma reformulação, visando ao ano de 2035, mas já possui 2 brigadas de infantaria naval, equivalente aos fuzileiros navais. Uma delas está situada junto à localidade de Mariupol, sendo permanente no mar de Azov. Mísseis antinavio também estão sendo empregados pela Ucrânia, como os Neptune, cuja atuação foi provavelmente utilizada contra o cruzador russo Moskva, causando o naufrágio dessa embarcação de combate. No início do conflito, a Ucrânia tinha 16 embarcações de guerra.

As tropas aeroterrestres ucranianas possuem 20.000 integrantes e estão diretamente associadas ao princípio de guerra de prontidão. A partir do ano de 2016, passaram a ser uma das forças armadas. São constituídas de brigadas aeroterrestres e brigadas de assalto aéreo, de acordo com o *Military Balance* (2022). Por volta de 21 de março do ano de 2022, na região de Mykolaiv, as forças de ataque aéreo das Forças Armadas da Ucrânia libertaram uma vila dos invasores russos, segundo consta em White (2022).

As forças de operações especiais ucranianas são tidas, por especialistas, como a melhor inovação nas Forças Armadas desde o ano de 2014. O 140º Centro de Forças de Operações Especiais, criado sob assistência da OTAN e dos EUA, foi certificado pela OTAN a fim de ser desdobrado como uma força de ação rápi-

da (BOWEN, 2022). Essas forças compõem o 3º e o 8º Regimentos de Operações Especiais, tendo um efetivo aproximado de 2.000 militares. Essas tropas foram preparadas para realizar ações diretas e missões especiais de reconhecimento, como parte de campanhas de segurança interna mais amplas (WHITE, 2022). Emergiram como um componente central da estratégia do governo de Kiev para minar a sustentabilidade logística da invasão russa, incorrendo em aumento das baixas no inimigo, e para neutralizar materiais de emprego militar russos por meio de uma combinação de táticas de guerrilha, defesa móvel e contra-ataques (BORSARI, 2022).

Ao analisar o nível operacional do conflito, não se identificou uma força componente de logística em nenhum dos países beligerantes nos *sites* e em documentos dos Ministérios da Defesa. As tropas russas evidenciaram limitações logísticas na fase inicial do conflito, particularmente na direção norte da ofensiva, balizada por Belarus a Kiev (Ucrânia), devido à estagnação de uma coluna de blindados e à lentidão na impulsão para realização do cerco à localidade de Kiev, embora haja indícios de outros fatores causadores. Houve sinais de uma pausa operacional realizada pelas Forças Armadas russas. Pelo lado ucraniano, suas Forças Armadas vêm recebendo apoio financeiro e de material militar desde o início do conflito, com destaque para os armamentos anticarro e antiaéreos.

Conclusão

A invasão russa na Ucrânia evidencia a necessidade do alinhamento dos níveis de decisão político, estratégico, operacional e tático, com vistas à obtenção do sucesso militar das operações no planejamento e no controle da operação planejada. O nível operacional é fundamental para que os efeitos e as ações militares tenham efetividade diante da correta compreensão do problema militar identificado.

O conflito entre a Rússia e a Ucrânia retomou o combate em larga escala, em que há o emprego de meios militares em todas as dimensões inerentes à tensão entre os dois países. Nos últimos anos, a violência armada não estatal predominou no mundo, sendo ca-

racterístico da guerra irregular. As hostilidades atuais entre os dois países evidenciam, no entanto, a existência do combate convencional, com aplicação de todas as forças sincronizadas e integradas no amplo espectro dos conflitos. Há necessidade, portanto, de que as forças armadas estejam preparadas para as operações de combate em larga escala e para as que privilegiam os cenários voláteis, incertos, complexos e ambíguos do presente, destacando as peculiaridades inerentes à guerra irregular. Mornente no nível operacional, devido aos efeitos militares necessários, as forças armadas que têm a intenção de obter sucessos precisarão dispor da agilidade para atuar em conflitos com níveis variáveis de intensidade, sucessiva ou simultaneamente, em um ou mais teatros de operações.

Outro aspecto relevante no conflito é a importância da dimensão informacional no nível operacional. A comunicação, quando alinhada entre os diferentes níveis de condução da guerra, permite maior efetividade nas narrativas e nos aspectos morais inerentes ao combate.

Ademais, a fase inicial do conflito evidenciou a importância logística para ambos os lados. A Rússia necessitou realizar uma pausa operacional na sua manobra ofensiva, devido aos efeitos e ações apresentadas, em especial na direção norte. Devido ao retraimento das forças russas da porção norte da área do conflito, estima-se que a pausa operacional não tenha sido planejada, mas, sim, uma exigência diante dos indicadores da manobra operacional, ainda durante o primeiro mês de conflito. Além disso, a Ucrânia estabeleceu um fluxo logístico proveniente de apoios recebidos de outros países a fim de realizar a manobra ofensiva, denotando uma logística combinada. A aceitabilidade dos custos

e riscos inerentes às manobras operacionais, portanto, devem estar colimadas com a praticabilidade para suas execuções, sob necessidade de se ter que reajustar o ciclo decisório e até mesmo reformular o estado final desejado operacional e, em consequência, os objetivos operacionais.

Uma outra consideração acerca do conflito no nível operacional é a necessidade de unidade de comando para o controle de uma operação planejada da magnitude existente. A extensão e as diferentes direções estabelecidas pelas Forças Armadas russas no conflito demonstraram indícios de lacunas de integração e da necessidade da aplicação do princípio de guerra da *unidade de comando*.

Por fim, salienta-se que os níveis operacionais de ambos os contendores são essenciais à solução do problema militar existente no conflito entre Rússia e Ucrânia, sob a ótica dos estados finais desejados operacionais de cada um. Para isso, empregam-se as diferentes forças componentes diante da imprevisibilidade do conflito, característica substancial do combate. Desse modo, a reformulação do ambiente operacional será uma constante, tendo em vista a retroalimentação das informações, dos indicadores e das estimativas, validando as reuniões de coordenação e o controle da operação planejada. Nesse sentido, terão êxitos as forças armadas que decidirem melhor no mais curto prazo. Os cenários futuros para o conflito são depreendidos por meio de conjecturas, e o nível operacional de decisão estará atrelado aos demais para que a ordem regional seja restabelecida, sobressaindo, especialmente, as tratativas entre os países contendores e a OTAN para sua solução. 

Referências

- BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**. Brasília. 2016a. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_oestado-e-defesa/PNDeEND_V.MD.10VersoencaminhadaaoCongressoNacionalem24Nov16.pdf>. Acesso em: 20 abr 2022.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília. 2016b. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/PNDeEND_V.MD.10VersoencaminhadaaoCongressoNacionalem24Nov16.pdf>. Acesso em: 20 abr 2022.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina Militar de Defesa. MD51-M-04**. Brasília. 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/PNDeEND_V.MD.10VersoencaminhadaaoCongressoNacionalem24Nov16.pdf>. Acesso em: 20 abr 2022.

sa/pt-br/arquivos/o-estado-maior-conjunto-das-forcas-armadas/doutrina-militar/publicacoes/md51-m-04-doutrina-militar-de-defesa-2a-ed-2007.pdf>. Acesso em: 20 abr 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. 2. ed. Vol. 1 e 2. Brasília. 2020a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. 2015.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos – Estratégia**. EB20-MF- 03.106. 5. ed. Brasília. 2020b.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos – Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. 2. ed. Brasília. 2020c.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha – Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília. 2017.

ANSA. **União Europeia aumentará a ajuda militar à Ucrânia para R \$5,5 Milhões**. 2022 Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2022/03/21/ue-aumentara-ajuda-militar-a-ucrania-para-1-bilhao-de-euros.htm>> Acesso em: 17 abr 2022.

ASYMMETRIC WARFARE GROUP. **Russian New Generation of Warfare Handbook**. 2016.

BBC. **Qual o tamanho do poderio militar da Rússia em comparação com o da Ucrânia?** 24 fev 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/international-60511843>>. Acesso em: 2 mar 2022.

BORSARI, Frederico. **Hunting the Invader: Ukraine's Special Operations Troops**. 2022. Disponível em: <<https://cepa.org/hunting-the-invader-ukrainian-special-operations-troops>>. Acesso em: 2 abr 2022.

BOWEN, Andrew S. **Russian Armed Forces: Capabilities**. Congressional Research Service. 2020.

BOWEN, Andrew S. **Ukrainian Armed Forces**. Congressional Research Service. 2022.

GONCHARENKO, Roman. **Rússia e Ucrânia: a cronologia do conflito**. 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/r%C3%A9ssia-e-ucr%C3%A1nia-a-cronologia-do-conflito/a-60245938>> Acesso em: 29 mar 2022.

HALLAM, Jonny. **Ukraine's State Border Guard says island south of country's coast falls into Russian hands**. 2022. Disponível em: <https://edition.cnn.com/europe/live-news/ukraine-russia-news-02-24-22-intl/h_9fac7aa8767191d8dc77a0bf0bd0fe75> Acesso em: 2 mar 2022.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR (ISW). **Ukraine, Conflict Update**. 2022. Disponível em: <<https://www.understandingwar.org/backgrounder/ukraine-conflict-updates>> Acesso em: 19 abr 2022.

LOURENÇÂO, H; KONRAD, K. D. V. **O Conflito na Ucrânia entre 2014 e 2018 e seu Impacto na Segurança Internacional**. Disponível em: <https://www.enabed2018.abedef.org/resources/anais/8/1534803193_ARQUIVO_43316.pdf>. Acesso em: 2 abr 2022.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE. **Relations with Ukraine**. 2022. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_37750.htm> Acesso em: 12 abr 2022.

ROCHAN CONSULTING. **Russian lines of advance in Ukraine**. 2022. Disponível em: <<https://rochan-consulting.com/issue-14-1-march-2022/>> Acesso em: 1º mar 2022.

Rússia e Ucrânia: um Resumo Histórico do Conflito. Disponível em: <<https://novo.org.br/explica/russia-e-ucrania-um-resumo-da-historia-e-do-conflito/#:~:text=Com%20o%20colapso%20do%20Imp%C3%A9rio,de%2020%25%20de%20sua%20popula%C3%A7%C3%A3o.>> Acesso em: 1º abr 2022.

TAVARES, Daniel. **Doutrina Militar: por que a Rússia atacou a Ucrânia? Por que agora?** 2022. Disponível em: <<https://obrasiliano.com.br/2022/02/26/doutrina-militar-por-que-a-russia-atacou-a-ucrania-por-que-agora-por-daniel-tavares/>> Acesso em: 27 mar 2022.

THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES. **The Military Balance**. 2022.

WHITE, Andrew. **Ukraine conflict: Ukrainian special operations forces in focus**. 2022. Disponível em: <<https://www.janes.com/defence-news/news-detail/ukraine-conflict-ukrainian-special-operations-forces-in-focus.>> Acesso em: 2 abr 2022.

Como os fracos vencem guerras: uma teoria enganosa

Marcelo Oliveira Lopes Serrano*

A elaboração da doutrina militar requer bases sólidas. Nesse sentido, ela pode ser bem exemplificada pela fábula do lobo que, com seu sopro, derrubou as casas sumariamente construídas de palha e paus pelos dois primeiros porquinhos, mas não a feita de tijolos pelo diligente e prático terceiro deles.
(SERRANO, 2019)

Introdução

Quem possui o encargo de estudar as questões estratégicas e de elaborar a doutrina de emprego do Exército em seu mais elevado nível depende fundamentalmente da bagagem cultural adquirida. Uma pessoa desprovida de tal bagagem ou que a tenha em pequena escala ou restrita a uns poucos assuntos não está bem apetrechada para transitar pelos caminhos estratégicos, tanto teóricos quanto práticos. Ademais, esse cabedal necessita de constante reforço com a aquisição de novos conhecimentos úteis ao bom desempenho desse pesado encargo, incluindo os que não tenham relação direta com os fins visados, já que estes têm a função coadjuvante de complementar, emoldurar e condimentar aqueles imprescindíveis e diretamente vinculados aos fins.

Quem pensa as questões estratégicas e concebe a doutrina militar nesse nível necessita acompanhar e compreender as ideias, as teorias e os fenômenos novos, a fim de atualizar-se com o que se passa no mundo e manter-se atento ao rumo de suas evoluções, mas precisa também de uma indispensável base sólida de conhecimentos referenciais, históricos sobretudo, e de princípios extraídos de teorias consagradas, que sirva de raiz ou âncora que o impeça de ser levado e desen-

caminhado pelo sopro de meras novidades ou de teses falaciosas ou descabidas. Nesse sentido, é fundamental que saiba diferenciar o joio do trigo, as ideias lógicas e bem fundamentadas, ainda que contrárias entre si – importantes para firmar as convicções –, das falsas e infundadas, pois estas nunca deixam de circular, frutos de pretensos sábios ou de um academicismo inconsequente, desligado das condições da realidade – a estrela-guia do pensamento militar.

Este artigo busca contribuir para a identificação de pelo menos um desses joios – a teoria da interação estratégica e sua suposta capacidade de indicar o resultado das guerras assimétricas – e, mediante seus argumentos, inspirar os leitores em geral e em particular aqueles anteriormente referidos à prática necessária da leitura crítica, indispensável para o exercício daquela diferenciação.

Em *Como os fracos vencem guerras: uma teoria do conflito assimétrico*¹, Ivan Arreguín-Toft desenvolveu a mencionada teoria para explicar a tendência crescente, a partir do início do século XIX e acentuada sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, de os beligerantes fracos vencerem os fortes nas chamadas guerras assimétricas. Ele afirma que “o melhor previsor do resultado dos conflitos assimétricos é a interação estratégica” (2021, p. 36). Segundo seu pensamento, a interação das estratégias utilizadas pelos atores durante um conflito supera outras teses como modelo explicativo dos resultados desses conflitos.

Apesar de ter como autor um membro do *International Security Program*, da John F. Kennedy School of Government da Universidade de Harvard, e do respaldo da igualmente renomada Universidade de Cambridge, cuja editora a publicou em 2005, essa teoria

* Cel Cav Rfm (AMAN/1977, EsAO/1986, ECEME/1993). Última função na ativa: subcomandante da ECEME.

não está livre de críticas, muito pelo contrário, por isso convém analisá-la para averiguar a consistência lógica e a veracidade histórica de seus argumentos. Para tanto, será seguido o seguinte roteiro: apresentação da teoria, resumo dos exemplos apresentados para justificá-la, apreciação das falhas identificadas e, por fim, uma conclusão.

Apresentação da teoria

Arreguín-Toft aponta problemas nas teses explicativas das guerras assimétricas elaboradas por outros pesquisadores, baseadas em aspectos como assimetria de interesses dos beligerantes, natureza dos atores, difusão de armas aos mais fracos e a aversão social democrática a baixas, e indica que a premissa básica de sua teoria consiste em toda a diversidade de estratégias à disposição dos beligerantes resumir-se a dois tipos de abordagem estratégica: a direta e a indireta. Saliente-se que, no que concerne à teoria, estratégia refere-se à conotação dada por Liddell Hart – o nível de sua aplicação no teatro de operações –, estando fora de seu escopo, portanto, os níveis estratégicos superiores, tanto a grande estratégia deste mesmo autor quanto a estratégia total do general Beaufre, ambas vinculadas à aplicação do poder nacional como um todo, bem como as estratégias gerais, que, também segundo Beaufre, vinculam-se às várias expressões do poder².

De acordo com Arreguín-Toft,

a sabedoria convencional concernente ao resultado dos conflitos é em geral derivada de comparações das forças armadas aprestadas, da capacidade econômica e da população de cada um dos atores no início das hostilidades. Normalmente, espera-se que o beligerante possuidor do maior montante desses recursos vença, e vença proporcionalmente a sua vantagem em termos de poder. (2021, p. 44)

Considerando problemática o que chama de sabedoria convencional, pois muitos resultados seriam

inxplicáveis com base exclusivamente nela, ele apresenta os termos gerais de sua teoria:

Em acréscimo ao conhecimento dos recursos disponíveis de cada ator, a explicação do resultado requer a avaliação das consequências da *interação* da estratégia de cada um deles. Eu pressuponho que as estratégias de cada ator podem se inserir em duas abordagens principais – direta e indireta – e que o resultado dos conflitos assimétricos depende do tipo básico de interação obtido. Se atores fortes e fracos empregarem estratégias que representem a mesma abordagem estratégica – direta contra direta ou indireta contra indireta – os atores fortes devem vencer, conforme a sabedoria convencional indica. Todavia, se atores fortes e fracos recorrerem a estratégias que representem abordagens opostas – direta contra indireta ou indireta contra direta –, os atores fracos têm probabilidade muito maior de vencer, ao contrário do sugerido pela sabedoria convencional. Essa é a teoria da interação estratégica. (2021, p. 44)

Nela, as modalidades estratégicas são tipificadas como estratégias ofensivas, relacionadas ao ator forte (ataque convencional ou barbarismo), e estratégias defensivas, relativas ao fraco (defesa convencional ou guerra de guerrilhas), as quais são assim definidas:

– Ataque convencional: emprego de forças armadas para capturar ou destruir as forças militares do adversário e, dessa forma, obter controle sobre bens valiosos do oponente (população, território, cidades ou centros industriais e de comunicações vitais), sem destruí-los. O objetivo é vencer a guerra em um engajamento decisivo ou em uma série de engajamentos desse tipo, mediante a destruição da capacidade física do adversário de resistir (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 52 e 68).

– Barbarismo: ataques sistemáticos a não combatentes (e.g., estupros, assassinatos, torturas), emprego indiscriminado de armas ou aceitação de danos colaterais em uma campanha de bombardeio aéreo após a avaliação de danos ter lançado dúvidas quanto à necessidade da campanha em geral (Ibidem, p. 53 e 68).

– Defesa convencional: uso de forças armadas para impedir a tentativa adversária de capturar ou destruir

valores, como território, população e recursos estratégicos. À semelhança das estratégias de ataque convencional, elas visam as forças armadas do oponente (Ibidem, p. 54).

– Guerra de guerrilha: organização de parte da sociedade com o propósito de impor custos a um adversário que emprega forças armadas adestradas para o confronto direto, mas sem se arriscar a travar batalhas acirradas (Ibidem, p. 55 e 68).

O ataque e a defesa convencionais inserem-se na estratégia direta, e a guerra de guerrilhas e o barbarismo, na indireta. Outras modalidades indiretas são ainda consideradas, como a conciliação promovida pelo ator forte e o terrorismo ou a resistência não violenta pelo fraco (Ibidem, p. 52).

Arreguín-Toft elaborou quatro hipóteses, uma para cada interação estratégica possível (direta-direta, indireta-indireta, indireta-direta e direta-indireta), apontando em todas elas qual ator deve vencer, com a importante ressalva de *todos* (grifo meu) os demais fatores permanecerem iguais. Substituindo essas quatro hipóteses, ele apresentou uma quinta, de caráter geral, que as sintetiza excluindo aquela ressalva: *Atores fortes têm mais probabilidade de vencer nas interações de estratégias de mesmo tipo e de perder nas de tipo oposto* (Ibidem, p. 66).

Exemplos apresentados para justificar a teoria

A teoria apoia-se no estudo de cinco casos históricos. Após a apresentação geral de cada guerra tomada como exemplo, o autor a analisa segundo os três aspectos por ele considerados explicações concorrentes – baseadas nos interesses dos atores, nos tipos de regime e na difusão de armas – e os compara com a interação estratégica:

- A Guerra Murid (1830-1859), na qual a Rússia conquistou a região do Cáucaso.
- A Guerra dos Bôeres (1899-1902), anexação das repúblicas africanas pela Grã-Bretanha.
- A Guerra Ítalo-Etiópe (1935-1940), conquista e tentativa de colonização da Etiópia pela Itália.
- A Guerra do Vietnam (1965-1973), envolvimento dos EUA na luta entre o Vietnam do Norte e facções marxistas rebeldes do Vietnam do Sul contra o governo deste, aliado aos Estados Unidos.
- A Guerra Civil no Afeganistão (1979-1989), tentativa soviética de impor um governo marxista, alinhado com a URSS, no Afeganistão.

Todas essas guerras apresentaram várias interações estratégicas, conforme a tabela abaixo (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 279).

Fase	Estratégia (atores)		Interação estratégica	Vencedor
	Forte	Fraco		
Guerra Murid				
1	Barbarismo	Guerrilha	Mesma abordagem	Rússia
2	Ataque convencional	Guerrilha	Abordagem oposta	Murids
3	Conciliação	Guerrilha	Mesma abordagem	Rússia
Guerra dos Bôeres				
1	Ataque convencional	Defesa convencional	Mesma Abordagem	Inglaterra
2	Ataque convencional	Guerrilha	Abordagem oposta	Bôeres
3	Barbarismo	Guerrilha	Mesma abordagem	Inglaterra
Guerra Ítalo-Etiópe				
1	Ataque convencional	Defesa convencional	Mesma abordagem	<i>Etiópia</i>
2	Ataque convencional/ barbarismo	Defesa convencional	Mesma abordagem	Itália
3	Barbarismo	Guerrilha	Mesma abordagem	Itália
4	Ataque convencional	Guerrilha	Abordagem oposta	Etiópia
5	Conciliação	Guerrilha	Mesma abordagem	Itália ⁱ
Guerra do Vietnam				
1	Barbarismo	Defesa convencional	Abordagem oposta	Vietnam do Norte
2	Ataque convencional	Defesa convencional	Mesma abordagem	EUA
3	Ataque convencional	Guerrilha	Abordagem oposta	Vietcong
4	Barbarismo	Guerrilha	Mesma abordagem	EUA ⁱⁱ
Guerra Civil no Afeganistão				
1	Ataque convencional	Guerrilha	Abordagem oposta	Mujahedins
2	Barbarismo	Guerrilha	Mesma abordagem	Mujahedins

Obs: os resultados em itálico não se explicam totalmente pela interação estratégica.

Falhas da teoria⁵

Foco exclusivo nos fatores materiais

Arreguín-Toft inicia seus argumentos com a transcrição dos versículos bíblicos que narram a luta entre Davi e Golias, à qual se segue a pergunta: “Por que o forte perde para o fraco?”

Evitada por ele, a resposta fácil e direta a essa pergunta é a seguinte: porque o fraco, assim como Davi, pode ser mais hábil, mais resoluto e mais inteligente que o fisicamente forte. E Napoleão já afirmava que a “inteligência supera a força, e esta sem inteligência nada vale” (BERTAULT, 1916, p. 21). Com a premissa hipotética de os fatores não materiais manterem-se igualmente repartidos entre os dois contendores, a teoria procura escamotear o efeito deles. Essa, entretanto, é uma falha fundamental em que ela incorre, pois tais fatores impalpáveis nunca se equivalem na prática; há sempre diferenças de liderança, de coesão, de adestramento e eficiência, de motivação e de moral das forças.

O poder material é isolado teoricamente, mas este nem sempre é o aspecto que mais contribui para a força de um beligerante. Se assim fosse, dificilmente se explicariam as vitórias gregas diante das forças persas esmagadoramente superiores, ou as da Prússia, o mais fraco dos reinos europeus envolvidos na Guerra dos Sete Anos, ou ainda as de Israel nas guerras de 1948, dos Seis Dias e do Yom Kippur. O exército francês era provavelmente mais forte em termos materiais que o alemão em 1940; o que o derrotou foi a superioridade operacional e tática do exército germânico e a determinação de suas tropas.

Apesar de reconhecer que o poder material não é “o único aspecto explicativo da vitória ou da derrota nas batalhas, campanhas ou na guerra” (2021, p. 17), Arreguín-Toft baseia-se nele e justifica isso em razão de ser um fator que, além de útil, é “quantificável e comparável *no mundo da teoria* (grifo meu), o que sorte e liderança, por exemplo, não são” (2021, p. 17).

Ainda de acordo com Napoleão, mestre indiscutível da arte da guerra e observador perspicaz da condição humana, “as forças morais respondem por três quartos

do resultado final, e as forças numéricas e materiais por um quarto apenas” (ROYAL, p. 85), e Clausewitz, por sua vez, o mais renomado teórico da guerra, atesta no mesmo sentido que

os elementos morais estão entre os mais importantes na guerra. Eles constituem o espírito que a permeia como um todo e, desde o início, estabelecem cerrado vínculo com a vontade, que move e lidera toda a massa da força, praticamente mesclando-se com ela, pois a vontade é, em si mesma, uma grandeza moral. Infelizmente, eles não se submetem à sabedoria acadêmica, pois não podem ser classificados ou medidos; precisam ser vistos ou sentidos. (1984, p. 184)

Apesar de toda a importância dos fatores imateriais, a insubmissão deles às tentativas de classificação e mensuração não inibe, contudo, alguns acadêmicos, que insistem no desenvolvimento de teorias baseadas no poder material, de possível aferição, indiferentes ao fato de elas não expressarem verdadeiramente o efeito de todos os fatores que influenciam a guerra *no mundo da prática*.

Em vista disso, salvo eventuais interferências das forças da natureza, como no caso do “vento divino” (*kamikaze*) que salvou o Japão ao destruir a frota invasora de Kublai Khan no século XIII, ou o da tempestade que livrou a Inglaterra das garras de Filipe II ao dispersar a “invencível armada” espanhola em 1588, é contraditório caracterizar como fraco o ator que venceu, a despeito de sua inferioridade numérica ou de poder material. Os fatores subjetivos da força são os que preponderam em tais vitórias.

Indefinição da ideia de guerra assimétrica

Quando se fala de guerra convencional e irregular, ou de guerrilha, todos compreendem de imediato do que se trata, mas, ao se falar de guerra assimétrica, assim como de outras noções correlatas (conflito de baixa intensidade, operações militares de não guerra, guerra híbrida, de quarta geração etc.), não se tem a mesma clareza de entendimento. A teoria não define claramente o termo. Ela não vai além de considerar a assimetria tão somente como uma luta entre o forte e

o fraco, sem estabelecer um critério indiscutível para caracterizar a relação entre um e outro; ora alude à proporção de 10:1, ora à de 5:1 e chega mesmo a considerar que, literalmente, a desproporção de 1,1:1 já caracterizaria a assimetria (2021, p. 18, 19). Ademais, conforme os exemplos apresentados em suporte a ela, percebe-se também que é atribuída à guerra assimétrica uma conotação ampla, abrangendo tanto guerras convencionais quanto irregulares.

A teoria, por exemplo, considera assimétrica a Guerra Russo-Japonesa de 1905,⁶ com a Rússia sendo o ator forte (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 284). Contudo, nesse confronto de grande envergadura, o Japão contou, além do apoio técnico da Grã-Bretanha, com uma marinha moderna, armada com encouraçados, também modernos, de construção britânica, que se revelou muito mais eficaz que a russa,⁷ e com um exército equiparável ao russo em efetivo e armamentos. Na última grande batalha terrestre da guerra, a de Mukden (de 20 de fevereiro a 10 de março de 1905), uma das maiores ocorridas antes da Primeira Guerra Mundial, o vitorioso exército japonês empentou 270.250 homens, 992 peças de artilharia e 200 metralhadoras contra uma força russa com 340.000 homens, 1.219 peças de artilharia e 88 metralhadoras.⁸ Além desse e de outros exemplos (incluindo a luta de box entre Mohamed Ali e George Foreman no Zaire⁹), a *blitzkrieg* alemã na União Soviética em 1941 é também vista como assimétrica (2021, p. 39). Por meio desses exemplos, nota-se que Arreguín-Toft flexibiliza demais a noção de guerra assimétrica, pois indica a possibilidade de qualquer guerra se encaixar nela, mesmo a Segunda Guerra Mundial, pois, sendo bem mais forte, a Alemanha invadiu sucessivamente a Polônia, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a Grécia, todas muitos mais fracas, e, antes da mencionada invasão da União Soviética e da entrada dos EUA na guerra, a Grã-Bretanha, sozinha contra a Alemanha, podia ser considerada bem mais fraca que esta, a senhora absoluta da Europa. Na verdade, não há como escapar da assimetria nas guerras, pois sempre há um beligerante que pode ser considerado mais forte que seu inimigo.

Segundo o dicionário Merriam-Hebster, guerra assimétrica é aquela travada por “forças oponentes que

se diferenciam grandemente em poder militar e que envolve tipicamente o uso de armas e táticas não convencionais (como as associadas às guerrilhas e aos ataques terroristas)”. E, em 1999, a *Joint Strategy Review* divulgou o entendimento oficial dos Estados Unidos acerca da assimetria:

Abordagens assimétricas são tentativas de evitar e de solapar as forças dos EUA, ao mesmo tempo em que exploram suas fragilidades por meio de métodos que diferem significativamente dos métodos operacionais usualmente empregados pelos Estados Unidos. Elas buscam geralmente um grande impacto psicológico, tal como choque ou confusão que afete a iniciativa, a liberdade de ação ou a vontade do oponente. Métodos assimétricos requerem a apreciação das vulnerabilidades do adversário. Abordagens assimétricas empregam frequentemente táticas, armas e tecnologias inovadoras e não tradicionais, capazes de serem aplicadas em todos os níveis de condução da guerra – estratégico, operacional e tático –, bem como por todo o espectro das operações militares. (METZ e JOHNSON, 2001)

Convém, no entanto, destacar a conclusão a respeito do tema divulgada pela AUSA (*Association of the United States Army*) alguns anos depois, em outubro de 2006:

Guerra assimétrica é um termo que ganhou notoriedade em documentos do governo e no meio acadêmico dos EUA no final dos anos 1990, mas que perdeu expressão em 2003 e que está praticamente em desuso atualmente. Em seu período áureo, ele significava tudo, desde os ataques terroristas de 11 de setembro a bombas na beira de estradas, de vírus de supercomputadores à proliferação nuclear. Na verdade, por expressar tantas coisas diferentes, o termo se tornou um conceito ambíguo e inútil. Compreender a noção de guerra assimétrica sempre foi desafiador. [...] Dada a definição estrita de simetria, se qualquer guerra fosse balanceada em perfeita simetria, o impasse seria então a norma, e a vitória dependeria apenas da sorte. [...] Quando um termo abrange tantos significados na mente de tantas pessoas, ele perde facilmente sua utilidade. Muitos acadêmicos tentaram defini-lo, estabelecendo sua significação. O Instituto de Estudos Estratégicos do Exército dos EUA criou uma comissão que se esforçou durante três anos para dissecá-lo, assim como suas implicações. Todavia, em virtude da falta de entendimento concreto, o termo tornou-se ineficaz. (BUFFALOE, 2006)

A noção de guerra assimétrica é produto, na verdade, do que já se chamou de “indústria de conceitos” (GRAY, 2010) e, do ponto de vista filosófico, da inobservância da lei da unificação, preceito da razão humana segundo o qual, de acordo com Kant, os princípios não devem ser multiplicados sem necessidade (KANT, 2021, p. 496).

Em vista disso, há de se admitir que uma teoria extraída de uma ideia tão vaga não pode ser mais consistente do que essa mesma ideia.

Arbitrariedade das classificações direta e indireta

Em primeiro lugar, não está absolutamente fora de questão o fato de a guerra de guerrilhas consistir numa estratégia. Ela é, sem dúvida, uma forma de guerra, à semelhança da guerra convencional, e, assim como esta, pode ser conduzida de acordo com várias estratégias diferentes, relacionadas a locais de atuação, a objetivos perseguidos, a *modus operandi* etc. Estratégia pressupõe a escolha de uma entre outras opções possíveis, ou seja, que possibilitem atingir os objetivos colimados. Segundo o próprio Arreguín-Toft explicita, “Mao [Tse Tung], por exemplo, afirmava que ‘a derrota era o inevitável resultado sempre que forças nativas lutassesem com armas inferiores contra forças modernizadas no *estado da arte*” (2021, p. 56-57). Contudo, para forças dessa natureza, a luta convencional não é uma opção cabível, uma verdadeira estratégia portanto, pois a única forma de guerra que elas podem empreender inteligentemente com possibilidade de êxito é a irregular.

Com base no pensamento de Liddell Hart, a teoria considera que a redução da estratégia a duas abordagens mutuamente excludentes está bem documentada na literatura dos estudos estratégicos (2021, p. 57, nota). Em seu livro *As Grandes Guerras da História*,¹⁰ Liddell Hart, de fato, dividiu a estratégia em estratégias de ação direta e de ação indireta, ambas relacionadas, no entanto, às operações convencionais, de acordo com os

exemplos das guerras analisadas em seu livro. A ação indireta diferencia-se da direta pelo fato de propiciar o ataque aos pontos fracos do inimigo, de preferência de direções ou modos inesperados por ele, “com o objetivo de enfraquecer sua resistência antes de tentar dominá-la, e o efeito será mais bem alcançado afastando a outra parte da proteção de suas defesas” (HART, 1982, p. 20). Esse teórico britânico da estratégia afirma que a ideia de ação indireta liga-se “intimamente a todos os problemas de influência de uma mente sobre outra, o fator mais influente na história da humanidade (grifo meu)” (HART, 1982, p. 20), outra afirmação incisiva do valor preponderante dos fatores imateriais na guerra.

Se a teoria estratégica tradicional, referendada pelo próprio Arreguín-Toft, estabelece que o ataque convencional pode caracterizar-se como ação indireta, por que ele afasta tal possibilidade e credita a condição indireta apenas à guerrilha empreendida pelo defensor? Estaria, por acaso, inteiramente fora do alcance do ator forte a possibilidade de conduzir suas ações contra uma força guerrilheira de modo inesperado e surpreendente? Não há motivo plausível para essa exclusão, a não ser o fato de que admitir a condição indireta de uma ação ofensiva do ator forte modificaria o tipo de interação estratégica, invertendo o resultado previsto pela teoria.

É possível contra-argumentar que, por meio de uma ação convencional, é praticamente impossível surpreender e derrotar uma força de guerrilha. Convém, a esse respeito, voltar os olhos para a teoria das operações contrainsurrecionais. Após analisar a possibilidade tanto de os exércitos agirem convencionalmente contra as forças de guerrilha quanto de adotarem os métodos próprios a estas, David Galula,¹¹ veterano das guerras da Indochina e da Argélia e destacado teórico desse gênero de operações, concluiu:

Se a ação convencional não serve, se os métodos rebeldes não servem, a conclusão inescapável é que a contra-rebelião¹² deve aplicar um método próprio, que leve em consideração, não só a natureza e as características da guerra revolucionária, como também

as leis peculiares à contra-rebelião e os princípios dela derivados. (1966, p. 82)

A teoria da interação estratégica, no entanto, desconsidera as operações de contrainsurreição como modalidade estratégica à disposição dos atores fortes, pois a inclui entre os barbarismos, afirmando que estes “funcionam como estratégia de COIN¹³ porque, ao atacar um ou ambos os elementos essenciais – o santuário e o apoio social – para a estratégia de guerrilha, eles destroem a capacidade de luta do adversário” (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 65-66). Em primeiro lugar, a destruição da capacidade de luta do adversário não é exclusividade do barbarismo. É objetivo de qualquer operação de guerra, o que desqualifica a justificativa dada. Em segundo, os barbarismos, de modo geral, se fazem inevitavelmente presentes em todas as guerras. Em vista disso, portanto, sua classificação como modalidade independente – o que, diga-se de passagem, também não é absolutamente algo livre de questionamentos¹⁴ – deve vincular-se à prática exacerbada, sistemática e abrangente de destruições, violações e abusos cometidos contra a população não combatente. Nesse sentido, as operações de contrainsurreição, na lógica específica de seu modo de atuar, não precisam necessariamente recorrer a ações brutais e descomedidas em tal escala e, por conseguinte, distinguem-se do barbarismo como modalidade estratégica tanto quanto se distinguem do ataque convencional.

Como, porém, classificar as operações de contrainsurreição: diretas ou indiretas? Tal classificação é um ato arbitrário de quem o fizer, assim como é arbitrário caracterizar o ataque convencional como direto e a guerrilha como indireta. Esta, afinal de contas, na generalidade das definições apresentadas, também busca, tanto quanto o ataque convencional, destruir forças militares e bens valiosos do inimigo. Por que então a diferença, se a ação convencional também pode ser indireta, conforme visto? Por que não considerá-las, muito mais naturalmente, apenas como duas formas distintas de fazer a guerra? Essa arbitrariedade, pelo fato de poder inverter os resultados previstos pela teoria e, até

mesmo, pôr em dúvida a própria diferenciação entre o que é direto e o que é indireto, desqualifica a hipótese geral em que se baseia a teoria.

Reducionismo excessivo da diversidade das guerras

Abstraindo-se do que já foi exposto, pode parecer à primeira vista que os resultados das guerras apresentadas como exemplo por Arreguín-Toft confirmam sua teoria. Entretanto, uma apreciação mais cuidadosa revela que essa suposta confirmação decorre do esforço reducionista de enquadrar toda a miríade dos fatores influenciadores das guerras na camisa de força de uma teoria que os restringe a dois aspectos generalíssimos: “mesma abordagem ou abordagens opostas¹⁵” (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 69).

Tamanho reducionismo contraria outro preceito da razão humana, que atua em sentido oposto ao da já citada lei da unificação: a lei da especificação. Esta estabelece que “a variedade dos entes não deve ser diminuída precipitadamente” (KANT, 2021, p. 498). Quem trabalha com a razão precisa, portanto, atentar a essas duas leis. A redução dos fatores que influenciam o resultado das guerras a esses dois únicos aspectos permitiu a Arreguín-Toft interpretar os fatos segundo sua teoria, mas ao custo de eliminar a complexa diversidade singular desses fatores em prol do afã acadêmico de tudo querer enquadrar em um sistema explicativo de aplicação geral. Em decorrência disso, a teoria parece confirmar-se, mas ela foi estruturada justamente de modo a se confirmar. O fato de serem todos mamíferos, unificação sem dúvida legítima, não é suficiente para explicar a imensa diversidade de morfologia, instintos, *habitats*, hábitos alimentares e interação com o meio ambiente das espécies dos leões, elefantes, ratos, baleias, morcegos e cangurus.

Interações múltiplas, resultado único

A tese da interação estratégica possui ainda uma incongruência intrínseca ou uma indefinição básica. Ela

afirma que a interação das estratégias adotadas pelos atores (forte e fraco) explica o resultado dos conflitos assimétricos. Os conflitos, no entanto, têm apenas um resultado, e a teoria aceita, conforme já salientado, a ocorrência de várias interações diferentes, com diferentes vencedores, durante um mesmo conflito. Se a interação explica o resultado, por que, então, a primeira delas não é a que necessária e suficientemente o faz? Por que o resultado é produzido de fato só pela última? A teoria precisaria então definir essa peculiaridade, mas não o faz. A proposição simplista de a última das interações representar toda a guerra (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 69, nota) não é satisfatória. A comparação com batalhas e campanhas, também variadas em número e possivelmente em vencedores, não é pertinente, pois estas não têm a faculdade de determinar necessariamente o resultado dos conflitos – o objetivo precípua da teoria –, e a soma de seus efeitos é compreendida com facilidade, ao contrário de todas as interações, salvo a última, cujos efeitos ficam no ar.

A crítica seguinte relaciona-se com esta.

Critério inadequado para a relação forte e fraco

Um conflito foi classificado como assimétrico se metade do produto das forças armadas e da população de um ator tiver igualado ou excedido o produto simples das forças armadas e da população de seu adversário na proporção de 5:1 ou mais. (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 68)

Além de não serem apresentados números que confirmem que a relação de forças correspondeu a essa proporção em todos os exemplos citados, o critério adotado nem sempre representa as reais condições de força e fraqueza no campo da luta, pois se baseia em um dado externo ao teatro de operações (população) e em outro que não se envolve necessariamente por completo na luta (forças armadas). É certo que um beligerante mais poderoso terá capacidade de, ao longo do conflito, apresentar poder correspondente a seu verdadeiro potencial no campo de batalha e merecer de

fato a caracterização de forte em termos materiais e de efetivos. Mas isso pode não acontecer nas fases iniciais de uma guerra e mesmo nas finais, caso o forte decida, por qualquer motivo, reduzir suas forças ou retirar-se paulatinamente dos combates. São incontáveis os exemplos desse tipo na história. Segundo esse critério, o Brasil seria indiscutivelmente o lado forte na guerra que o opôs ao Paraguai. Contudo, ele não foi de modo algum o mais forte no início do conflito, quando as tropas paraguaias numericamente superiores conquistaram com facilidade o sul do Mato Grosso, enfrentando apenas a pequena guarnição do Forte de Coimbra e o irrisório destacamento militar da Colônia de Dourados. A Grã-Bretanha não foi o partido forte na Batalha de Isandhlwana, ocorrida em 22 de janeiro de 1879, na qual 20.000 zulus massacraram a força britânica de 1.800 homens, saindo vitoriosos na primeira tentativa da Grã-Bretanha de invadir o território zulu. O próprio Arreguín-Toft apresenta exemplos desse tipo ao referir-se à Batalha de Adowa, travada em 1º de março de 1896 e que pôs fim à primeira tentativa italiana de conquistar a Etiópia,¹⁶ e à fase final da Guerra Ítalo-Etiópe (1935-40), quando os italianos transferiram tropas e a prioridade da Etiópia para o norte da África, a fim de enfrentarem a ameaça maior dos ingleses em 1940. A despeito disso, a teoria não deixa de considerar a Itália como o lado forte em todos os seus conflitos contra a Etiópia. Esse caráter mutável da relação forte e fraco no campo de batalha ao longo de uma guerra mistura e confunde os termos da teoria em questão.

Outros aspectos críticos: distorções, estereótipos e exageros

– Arreguín-Toft alega que o barbarismo soviético não foi decisivo no Afeganistão numa interação de mesma abordagem, “porque os mujahedins foram capazes de obter informações e de se abastecerem logisticamente por meio de potências estrangeiras, a partir de santuários no Paquistão e no Irã” (2021, p. 254). No entanto, segundo os exemplos apresentados, a conciliação e o barbarismo foram decisivos, em interações de mesma abordagem (contraguerrilhas), a favor dos russos na Guerra Murid e dos britânicos na Guerra dos

Bôeres, ocasião em que tanto chechenos quanto sul-africanos não contaram com apoios externos. A falta ou existência desses apoios à força de guerrilha parecem, portanto, explicações mais plausíveis para o fracasso ou o êxito desta do que a interação estratégica. Reforça essa ideia o fato de a Itália ter sido derrotada na Guerra Ítalo-Etíope graças à intervenção britânica junto às forças nativas. André Corvisier, por sua vez, atesta categoricamente: “Não há exemplo de guerrilhas que tenham triunfado sem ajuda externa” (1999, p. 351).

– O autor da teoria afirma que as interações de abordagens opostas tendem “a se prolongar no tempo, e o tempo favorece o fraco” (2021, p. 58). Sem considerar a estranheza de a abordagem oposta conciliação x defesa convencional prolongar a duração da luta, essa efetiva vantagem do fraco não é infalível, pois o tempo nem sempre o favorece, e vários casos históricos demonstram isso: a luta do ETA pela independência do país basco; as diversas guerrilhas sul-americanas, especialmente a guerra civil na Colômbia; a resistência palestina contra Israel; a quase centenária luta do Exército Republicano Irlandês contra o domínio britânico; o esforço identitário de diversas minorias oprimidas em Estados totalitários e vários outros. Afirmações induktivas dessa natureza, retiradas muitas vezes de alguns casos notórios, são insuficientes para lhes assegurar a condição de verdade geral.

– A colocação de aspas em vitória ao se referir à “vitória” dos italianos na Primeira Guerra Mundial (2021, p. 158) revela atitude depreciativa e desdenhosa em relação ao esforço italiano na Grande Guerra, reproduzindo de modo pouco científico um estereótipo acerca do valor militar das tropas italianas. Retirar conclusões gerais de desempenhos isolados ou da comparação com tropas de outros países nem sempre é apropriado, porque as condições das lutas e as motivações são sempre únicas, nunca iguais, e embora derrotas e insucessos decorram sempre de erros e deficiências, estes nem sempre indicam falta de valor militar. Na realidade, durante mais de três anos (1915-18), os italianos atacaram e fixaram em sua frente (um difícil terreno montanhoso) significativos contingentes de tropas

das potências centrais, que, de outro modo, teriam sido livremente empregados contra a Rússia ou na Frente Francesa. Além disso, eles tiveram influência decisiva na derrota final da Áustria-Hungria no último ano da guerra, quando a Rússia já abandonara a luta.

A mesma distorção depreciativa se reproduz no exemplo da Guerra Ítalo-Etíope com o argumento que se segue:

O motivo de a 3^a Brigada Eritreia não ter sido ‘empregada na ocupação do vale’, depois de ter liderado o avanço para sua captura, deveu-se ao fato de ser composta por negros, e a honra da ‘reconquista’ da área, assim que tornada segura pelos negros, estava reservada para os italianos brancos¹⁷. (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 161-62, nota)

Nesse caso, contudo, a 3^a Brigada Eritreia foi claramente empregada como força de cobertura, e é usual que essas forças, após terem se acercado do objetivo, sejam ultrapassadas pelo grosso da tropa, incumbido do esforço principal.

– Ao afirmar que o continuado recurso ao barbarismo pode tornar-se problemático e arruinar os soldados para as missões convencionais, o autor exemplifica com a seguinte citação: “A América Latina foi palco de poucas guerras interestatais porque os soldados de seus Estados especializaram-se em opressão doméstica (tortura, assassinato, violações e assim por diante)” (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 25, nota). Essa, todavia, é uma afirmação preconceituosa, generalizante e infundada para explicar o pequeno número de guerras na região, pois o que essa suposta característica generalizada de seus soldados teria a ver com os interesses políticos dos Estados, a verdadeira causa de os levar à guerra?

– “Em interações de abordagens opostas, os recursos do ator forte são evitados (os atores fracos buscam se esquivar da confrontação aberta com as forças militares dos fortes) ou direcionados a objetivos que não afetem necessariamente a capacidade do adversário fraco de continuar infligindo custos ao ator forte (*e.g.*, a captura de cidades e vilas)” (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 262). A captura e o controle de cidades, no entanto, afetam a capacidade de luta dos atores fracos quando estes baseiam seu poder no controle de ambientes ur-

banos, como o caso recente da guerra na Síria tem bem demonstrado.

– Ao afirmar que “a Alemanha fascista apresentou a mais eficaz liderança militar que o mundo jamais vira” (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 185), o autor da teoria comete um exagero nada científico, pois, para fazê-lo, ele precisaria ter comparado a eficácia dos comandantes alemães com a de todos os comandantes militares de todas as nações e de todas as épocas, o que não é factível e que ele evidentemente não fez. Essa afirmação parece fruto da tendência, de certo modo chauvinista, dos autores anglo-saxões de enaltecer exageradamente as qualidades (reais) do inimigo germânico, pois subentende enaltecimento ainda maior das qualidades de suas próprias forças armadas, já que o venceram.

Conclusão

Ivan Arreguín-Toft parece ter feito os fatos se ajustarem a sua teoria em vez de uma teoria ajustada aos fatos.

As falhas aqui identificadas não resultaram de lufubrações obscuras, extraídas de uma obra de difícil interpretação. Elas transparecem naturalmente da leitura de um texto claro e objetivo. Por que, então, as pessoas ilustradas que tomaram conhecimento prévio de sua teoria, como aquelas às quais ele dirigiu seus agradecimentos e as que em Cambridge chancelaram seu livro publicando-o, não apontaram esses múltiplos defeitos, a fim de que ele os corrigisse ou reconhecesse

o engano de sua tese? Este artigo, por exemplo, precisará passar pelo crivo de uma avaliação antes de ser publicado pela revista à qual for encaminhado.

Arrisco-me a supor que talvez haja excessiva benevolência dos acadêmicos com os trabalhos uns dos outros, segundo a lógica do não julgar para não ser julgado, ou, então, acatamento irrestrito à liberdade de expressão, por considerarem que as ideias, a despeito de sua qualidade, não podem absolutamente ser reprimidas, o que, em minha opinião, não é próprio de uma instituição acadêmica, que deveria zelar pela consistência científica dos conhecimentos que difunde.

Ao contrário dos acadêmicos, porém, os militares aplicam na prática e sentem na pele os efeitos do que aqueles podem se dar ao luxo de tratar apenas no *mundo da teoria*. Portanto, em prol da própria segurança e do sólido preparo intelectual para o adequado desempenho de seus encargos doutrinários e, por consequência, do bom cumprimento de eventuais missões bélicas, os militares não podem aceitar de bom grado e sem a devida avaliação crítica quaisquer teorizações que se proponham, sobretudo as que acenem com soluções fáceis para problemas complexos e difíceis. E não devem aceitá-las nem por crédulo respeito à magnitude intelectual, suposta ou verdadeira, de quem quer que seja, nem muito menos pelo impulso vaidoso de um mero pseudointelectualismo, pois a infalibilidade, não sendo um atributo humano, não se aplica também aos autores delas. 

Referências

- ARREGUÍN-TOFT, I. **Como os fracos vencem guerras: uma teoria do conflito assimétrico.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2021.
- BERTAULT, J. **Napoleon in his own words.** Chicago: A. C. McClurg & Co, 1916. Disponível em: <https://archive.org/details/napoleoninhi00napo/page/n9/mode/2up>.
- BUFFALOE, D.L. **Defining asymmetric warfare.** AUSA, 2006. Disponível em: <https://www.ausa.org/publications/defining-asymmetric-warfare>.

CLAUSEWITZ, C. **On war**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1984.

CORVISIER, A. **A guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999.

GALULA, D. **Contra-rebelião: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.¹⁸

GRAY, C. War continuity in change, and change in continuity. **Parameters**, 2010, Disponível em: <https://press.armywar-college.edu/parameters/vol40/iss2/5/>.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Editora Vozes, 7. impr., 2021.

LIDDEL HART, B.H. **As grandes guerras da história**. São Paulo: IBRASA, 1982.

METZ, S. e JOHNSON II, D. V. **Asymmetry and U.S. military strategy: definition, background, and strategic concepts**. Strategic Studies Institute, U S Army War College, 2001.

ROYAL, B. **L'Éthique du soldat français**, Paris: Economica, 3. ed., 2014.

SERRANO, M. O. L. As bases do pensamento doutrinário. **Doutrina Militar Terrestre em revista**, ed. 18, abril a junho de 2019.

Notas

¹ Bibliex, 2021.

² Não confundir, portanto, com as estratégias da ação direta e da ação indireta, inspiradas no pensamento de Beaufre e codificadas no *MD35-01-Glossário das Forças Armadas*.

³ O autor não incluiu nessa tabela a fase final da guerra, quando a intervenção britânica ao lado dos rebeldes etíopes eliminou enfim as pretensões italianas no país (2021, p. 173-175).

⁴ O autor afirma que os EUA venceram o confronto militar contra o Vietnam do Norte em 1969, mas perderam a guerra pela capacidade deste de postergar o conflito (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 205). Entretanto, como fenômenos de natureza política – militar apenas pelos meios empregados –, as guerras só terminam de fato com a admissão da derrota ou com a completa destruição do poder político, econômico e militar do inimigo, e não por mera afirmação do lado momentânea e aparentemente vitorioso no campo militar.

⁵ O autor deste artigo foi também o tradutor do livro *Como os fracos vencem guerras: uma teoria do conflito assimétrico*, publicado pela BIBLIE em 2021, e expressa neste trabalho sua opinião crítica sobre a referida obra.

⁶ Diante da constatação de que sua teoria não explica o resultado dessa guerra (interação de mesma abordagem com vitória do mais fraco), Arreguín-Toft atribui a derrota russa ao fato, não muito convincente, de o Japão ser uma potência marítima e a Rússia, continental (2021, p. 284). Todavia, além de antecipar para o início do século a condição de potência marítima que o Japão só viria a adquirir inequivocamente depois da Primeira Guerra Mundial, os grandes confrontos da luta, pelo controle da Manchúria e da Coreia, se deram tanto no mar quanto em terra, e o Japão valeceu nos dois ambientes.

⁷ Em 8 de fevereiro de 1904, numa antecipação de Pearl Harbor, a marinha japonesa atacou de surpresa a frota russa baseada em Port Arthur três horas antes de declarar guerra, danificando seriamente as melhores belonaves russas ali ancoradas.

⁸ Conforme Wikipédia.

⁹ Atual República Democrática do Congo.

¹⁰ Título original em inglês: *Strategy*.

¹¹ O general norte-americano David Petraeus inspirou-se na obra de Galula para desenvolver o novo manual de contrainsurreição do Exército dos EUA, publicado em 2006.

¹² Grafia da época.

¹³ Sigla em inglês de contra-insurreição.

¹⁴ Segundo a teoria, a Alemanha deveria ter vencido no decorrer do último ano da Segunda Guerra Mundial, pois os aliados passaram a realizar bombardeios sistemáticos contra as maiores cidades alemãs, em evidente barbarismo conforme a teoria. Todavia, essa interação de barbarismo contra defesa convencional (os lançamentos de bombas voadoras contra Londres, além de terem sido interrompidos pela ação aliada durante o período, eram localizados e, portanto, não tiveram a escala necessária para afetar a população aliada em sua maioria, o que contraindica uma interação indireta-indireta), não proporcionou a vitória ao lado nitidamente mais fraco na ocasião: a Alemanha. Se praticado em concomitância com a ação convencional, por que o barbarismo configuraria a estratégia sobrepondo-se àquela ação, da qual é apenas uma particularidade?

¹⁵ Em evidente manifestação de dois pesos e duas medidas, Arreguín-Toft critica os argumentos de outro autor nos seguintes termos: “Segundo meu entendimento, os interesses dos atores são complexos demais para serem reduzíveis à fórmula simples de Mack” (2021, p. 45).

¹⁶ Nessa batalha, um exército de 100.000 etíopes, com quase um terço dele armado de modernos fuzis e dotado de largo estoque de munição, fornecidos anteriormente pela própria Itália, e disposto de 28 peças de artilharia, derrotou a força invasora italiana de 17.700 homens (ARREGUÍN-TOFT, 2021, p. 151 e 152).

¹⁷ Se essa alegação fosse justificada, ela poderia estender-se a britânicos e franceses, que sempre fizeram largo uso de tropas coloniais em suas guerras.

¹⁸ Há edições modernas em inglês com o título *Counter-insurgency warfare: theory and practice*.

As operações de múltiplos domínios e a nova prontidão estratégica do Exército dos Estados Unidos

Sérgio Munck*

O Exército dos Estados Unidos da América (*US Army*) trabalha em ritmo acelerado para atingir as metas contidas no plano estratégico *multi-domain operations*, que objetiva modernizar a força terrestre, capacitando-a às operações de múltiplos domínios até 2028. O conceito de múltiplos domínios descreve como o *US Army* apoiará a força conjunta no planejamento e no desencadeamento de ações em todos os domínios da guerra – terra, ar, mar, espaço e ciberspaço – de forma simultânea e sincronizada para atingir a vitória.

A doutrina do *US Army* está evoluindo rapidamente para estar pronta para o combate sob esse novo foco de operações. Diversas novas capacidades foram solicitadas à indústria de defesa, que trabalha no desenvolvimento de tecnologias. O orçamento do *US Army*, da ordem de 175 bilhões de dólares para o ano fiscal de 2022, com ligeiro incremento esperado para os próximos anos, reflete a dimensão das mudanças que se pretende atingir até 2028.

A prontidão estratégica almejada no conceito das operações de múltiplos domínios constitui um desafio significativo para a força. As metas de desenvolvimento preveem o recebimento de capacidades mais ágeis, resilientes e autossuficientes para servir às equipes de combate, sem abandonar o que já existe atualmente, uma vez que não se deseja a ocorrência de lapso de prontidão. Em última análise, o *US Army* planeja evoluir da era industrial para a era da informação em um curto espaço de tempo.

Para nortear os planejamentos, o *US Army* foi reorganizado buscando a capacidade de gerar poder de

combate para sustentar os esforços de guerra. Foram elencadas sete áreas de foco para perseguir os objetivos elencados: (1) disponibilidade de fornecimento e prontidão de equipamentos, (2) prontidão da base industrial, (3) prontidão de instalações, (4) projeção estratégica de poder, (5) prontidão de munições, (6) prontidão dos militares e famílias e, por fim, (7) prontidão da informação logística. Estabelecidas as prioridades, os trabalhos foram iniciados em um ambiente de prontidão permanente e meticoloso planejamento, evitando ao máximo a ocorrência de circunstâncias não planejadas ou fatos inesperados que provoquem medidas de reação.

Disponibilidade de fornecimento e prontidão de equipamentos

A disponibilidade de fornecimento e a prontidão de equipamentos representam a base da logística. Esses dois itens permitem que os combatentes recebam os suprimentos necessários e tenham os equipamentos corretos para cumprir a missão recebida, no tempo e no local desejados. O *Army Materiel Command* (Comando de Material do Exército) realiza um estudo da cadeia de suprimento, que objetiva identificar possíveis falhas antes que elas aconteçam e prejudiquem a manobra militar. É um trabalho que tem como objetivo final a construção de um cenário de prontidão logística permanente, em que não haverá a necessidade de ações adicionais quando a ordem de emprego for recebida, independentemente do local. Como medida prelimi-

* Cel Art (AMAN/1998, EsACosAAe/2002, EsAO/2005, ECEME/2016). Comandou a 9ª Bateria de Artilharia Antiaérea (Macaé/RJ, 2013/14), foi oficial de ligação do Exército Brasileiro junto ao Centro de Excelência de Fogos do Exército dos Estados Unidos em Fort Sill, Oklahoma, EUA (2019/20). Foi instrutor na ECEME e atualmente comanda o 14º GAC (Pouso Alegre/MG).

nar, recentemente o *US Army* movimentou mais de 685.000 equipamentos, transferindo-os para as unidades mais aptas ao seu emprego.

O ciclo de manutenção também recebe uma atenção especial. A identificação da vida útil dos componentes objetiva permitir que o suprimento seja providenciado e os equipamentos tenham partes substituídas antes que deixem de funcionar. Trata-se de uma manutenção preditiva, realizada a partir de dados verificados em sistemas de controle do material. A indústria está sendo demandada a fornecer os itens elencados, na quantidade necessária, considerando o ciclo de manutenção. Isso permite que os itens de reposição abastecam a cadeia de suprimento e os equipamentos sejam mantidos com elevadíssimo índice de disponibilidade. Essa técnica também favorece o prolongamento da vida útil dos equipamentos e é bastante importante em operações prolongadas.

A fim de não sobrecarregar as equipes de manutenção, cerca de 1,2 milhão de equipamentos obsoletos foram vendidos ou doados. Essa ação também permitiu a liberação de espaço de armazenamento, com redução de custos, e gerou receitas para investimentos em novas tecnologias.

Um ponto de atenção na prontidão de equipamentos refere-se ao teste dos materiais e sua conectividade. Todos os equipamentos precisam funcionar corretamente, segundo os requisitos de produção, e ser corretamente integrados aos demais itens, multiplicando as capacidades entregues ao combatente em campo.

A avaliação de novas armas e munições abrange verificar se elas produzem os efeitos desejados, se existe algum risco para os operadores e se isso pode afetar os meios amigos. Um exemplo disso seria um míssil voltando-se contra tropas, equipamentos ou instalações da própria força, produzindo o fraticídio ou a perda de meios de combate em momentos cruciais, com reflexos para toda a operação. Nesse sentido, os exercícios militares são reconhecidos como de fundamental importância para testar os materiais e identificar possíveis falhas, permitindo a correção antes do início do emprego em combate e evitando baixas.

Prontidão da base industrial

O *US Army* trabalha para desenvolver a base industrial de defesa do país, de forma a ter à disposição suprimentos a todo o tempo, sem que exista o risco de interrupção de fluxo quando a atuação da força for exigida e as necessidades de fornecimento aumentarem. Trata-se de uma prontidão permanente com capacidade de produção ociosa, que pode ser acionada a qualquer momento para atender o que for demandado pelas frações empregadas. O entendimento é no sentido da impossibilidade de previsão do emprego da força com grande antecedência e, assim, a base industrial de defesa precisa estar constantemente pronta para fornecer todos os suprimentos de combate nas quantidades demandadas, considerando munições, armamentos, equipamentos de uso individual, itens de manutenção etc.

O setor privado, demandado pelo *US Army*, está modernizando as instalações e os equipamentos, o que permitirá um aumento da produção em um curto período, atendendo as necessidades militares. Tal trabalho já foi realizado antes e existe histórico de como proceder. Quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, a base industrial já havia se preparado para atender as necessidades das tropas, o que permitiu que os efetivos militares se multiplicassem sem que ocorressem graves problemas de fornecimento de suprimentos. A diferença hoje é que os itens a serem produzidos exigem maior tecnologia nas linhas de produção. Não é possível criar uma infraestrutura de produção de elevada complexidade em curto espaço de tempo. Também não é possível prever com precisão quando as tropas serão desdobradas e, assim, pode-se deduzir que a base industrial de defesa precisa estar pronta, aguardando os pedidos.

O *US Army* trabalha parcerias com a indústria de defesa, montando o mapa das capacidades e das necessidades. O *US Army* possui 23 arsenais, distribuídos estratégicamente pelo mundo, onde existem suprimentos estocados que podem sustentar o combate por um certo período, mas, depois disso, a indústria precisa re-completar os itens empregados, sustentando as forças em combate. Para facilitar o processo, elementos logís-

ticos trabalham com as equipes que definem os requisitos operacionais dos novos materiais, estabelecendo critérios que facilitarão a manutenção e a reposição de itens, a partir do conhecimento da vida útil dos módulos dos equipamentos.

O objetivo é manter as linhas de produção aquecidas, inclusive com pessoal altamente capacitado. Planeja-se conseguir isso por meio da aquisição constante de itens de reposição e de atualizações dos materiais entregues, aumentando a eficiência e sanando eventuais vulnerabilidades identificadas. Essa sinergia entre o *US Army* e a indústria deverá garantir a prontidão do setor.

Prontidão de instalações

Ao mudar o foco das operações de contrainsurgência para as operações de múltiplos domínios, o *US Army* identificou uma maior importância das instalações, onde o poder militar é gerado, projetado e sustentado durante os treinamentos, exercícios e desdobramentos em combate. Em outra abordagem, as instalações fornecem a infraestrutura crítica que permite organizar, treinar, equipar, implantar e conduzir operações de combate pelas forças terrestres. A nova forma de combater do *US Army*, sob o conceito das operações de múltiplos domínios, produziu a necessidade de modernizar e melhorar as instalações para que todas as carências do combate sejam supridas no tempo oportuno. Uma das linhas de trabalho é a verificação da capacidade de movimentar equipamentos entre as posições atuais e os portos marítimos, permitindo o emprego dos equipamentos em qualquer parte do mundo. A ênfase é observar as instalações não apenas como o local de trabalho, mas como plataformas capazes de projetar o poder de combate para onde for necessário o seu emprego.

Em uma análise realizada, considerou-se que o sistema de transporte terrestre, naval e aéreo à disposição do *US Army* atende as demandas em momentos de normalidade, mas precisa melhorar para suprir as necessidades em momentos extraordinários. Nesse sentido, foi lançado o Programa Estratégico de Porto Marítimo para desenvolver as capacidades de transporte pelo

mar e garantir que as necessidades de movimentação de material de emprego militar e militares sejam atendidas durante um desdobramento em combate. Trata-se, na verdade, de uma preparação de portos militares e civis para que possam ser usados para o embarque e desembarque de meios militares, permanecendo em prontidão para o uso em caso de necessidade. Fatores como a segurança e o treinamento do pessoal que opera os meios são considerados na escolha dos portos que passarão a fazer parte do programa.

Em um painel durante a exposição anual da Associação do Exército dos Estados Unidos (AUSA) em 2019, o general Gus Perna, então chefe do Comando de Material do Exército dos Estados Unidos, ao destacar a importância das instalações fora do território continental, afirmou que

nosso inimigo está nos observando na luta há anos e eles sabem que, se enfrentarem o maior exército que o mundo já viu, não vão vencer. Por isso, sua estratégia poderia ser potencialmente impedir nossas forças de deixarem os EUA e nos dificultar entrar em combate.

Instalações adequadas fornecem a infraestrutura necessária para que as operações sejam desencadeadas com oportunidade. O *US Army* considera não somente os quartéis-generais e as unidades militares, mas leva em consideração os alojamentos, as residências familiares, os locais de armazenamento, as vias de transporte, campos de aviação etc.

Também durante um painel na AUSA/2019, o Sr. Jordan Gillis, primeiro vice-secretário adjunto do *US Army*, citou que, para ter sucesso, uma instalação militar precisa ser resiliente para manter as suas atividades independentemente do recebimento de energia, água e afins de fornecedores externos, eficiente para ter acesso a dados que permitam decisões apropriadas, eficaz para permitir a antecipação das necessidades logísticas e de pessoal, e acessível para as ações de manutenção e modernização. Ele também citou que as instalações precisam de ações da indústria privada e das comunidades adjacentes para que possam empregar todas as capacidades instaladas.



Figura 1 – Ferrovia e trem do US Army no interior do Fort Sill
Fonte: O autor

As residências e facilidades militares também estão recebendo uma atenção especial. O *US Army* reconhece que o militar precisa saber que a família está sendo bem assistida em suas necessidades para que esteja mais focado, tornando-se mais resiliente. Nesse sentido, as residências estão recebendo melhorias, assim como as facilidades existentes dentro das bases militares que atendem as famílias.

Projeção estratégica de poder

O *US Army* trabalha para estar pronto para lutar em qualquer lugar e a qualquer momento, projetando estrategicamente o seu poder. Para que isso seja possível, porém, precisa atender duas premissas básicas: pessoal permanentemente capacitado e capacidade logística inicial e de sustentação confiáveis. O preparo do pessoal leva em consideração o adestramento das frações, englobando a ação de comando e o domínio na operação do equipamento disponível. Uma logística confiável permite que o *US Army* esteja pronto para suportar a movimentação de suas tropas e de todo o material necessário, inclusive dos reforços oriundos da mobilização nacional para atender as necessidades do combate.

Ao lançar o plano estratégico *Multi-Domain Operations 2028*, Mark Esper, o então secretário do *US Army*, declarou que o objetivo era “lutar e vencer contra qualquer adversário em um conflito conjunto, de múltiplos domínios e de alta intensidade”. Uma das ações desencadeadas de imediato foi o aumento gradativo do efetivo, com meta de cerca de 500.000 homens na ativa. Outra importante ação foi o planejamento de exercícios militares de grandes dimensões em pessoal e equipamentos a partir de 2020, testando a

prontidão operacional e a estratégica. Um bom exemplo foi o exercício *DEFENDER 2020*, planejado para ser executado no continente europeu, com a previsão de ser o maior dos últimos 25 anos, com a participação de tropas de 18 países e com ações militares em solo de dez Estados Nacionais¹.

A capacidade de projetar forças expedicionárias é de fundamental importância. As tropas precisam ser dispostas no local e no momento apropriados, garantindo uma vantagem estratégica. Para isso, o *US Army* trabalha para manter estoques pré-posicionados de armas e suprimentos de tamanho adequado para atender as necessidades iniciais do combate. É um trabalho que, ao ser concluído, pretende permitir alta velocidade no desdobramento de tropas em qualquer lugar, com o material e o armamento mais apropriado para a área de atuação. Para facilitar o acionamento, estão sendo montados *kits* de acordo com o ambiente operacional. Os *kits* possuem material de comunicações, sistemas modernos de armas, sistemas de detecção de explosivos e o Sistema de Proteção Ativa (APS)².



Figura 2 – Veículos blindados de estoque pré-posicionado na base do *US Army* na Alemanha sendo transportados para emprego no Exercício *Defender 2020*

Fonte: O autor

Em entrevista a repórteres do canal de notícias *Breaking Defense*, em 4 de fevereiro de 2020, o general Paul LaCamera, então comandante do *US Army Pacific*³, destacou que trabalha para expandir os *kits* pré-posicionados de material militar na área do Pacífico, além

daqueles que já existem para atender as tropas da base da Coreia do Sul. Atualmente, o Exército dos Estados Unidos está movendo do Oriente Médio para a China a sua atenção e, assim, a área do Pacífico, que estava em segundo plano desde o final da Segunda Guerra Mundial, recebe novamente prioridade de atenção. Ainda segundo o general Paul LaCamera, as ações não se limitam a pré-posicionar os estoques na região, mas também atualizar o material conforme a evolução tecnológica, realizar exercícios militares com frequência e demonstrar que tudo está integrado para um desdobramento rápido e eficiente na área. Ao mesmo tempo em que medidas ativas são tomadas, ações de proteção da infraestrutura também foram descritas, como medidas preventivas contra ataques cibernéticos, sabotagem e desinformação.

Prontidão de munições

Uma grande quantidade de munições é necessária para atender o adestramento da tropa e permitir a prontidão necessária ao emprego imediato de grandes frações no campo de batalha. Assim, é necessário que se cumpram diversos passos na cadeia logística, que se inicia na indústria e passa pelo recebimento, armazenagem, transporte e distribuição. O Exército dos Estados Unidos trabalha não só para ter a munição pronta para o emprego como também para apoiar exércitos aliados caso seja necessário.

A fim de distribuir oportunamente a munição para atender as primeiras necessidades de uma nova frente de combate, o *US Army* realiza pré-posicionamento de munições em suas bases nas diversas partes do mundo, considerando o Comando Central dos Estados Unidos, o Comando Europeu e o Comando do Pacífico. Isso garante uma infraestrutura de apoio que permite rapidez na distribuição de munição. Outra ação desencadeada é o estudo prévio de qual armamento está disponível na área, evitando o empaiolamento desnecessário de munição.

A capacidade de ressuprimento de munição a partir dos Estados Unidos é também um foco de estudo, já que a fabricação ocorre na indústria nacional. Atualmente existem 18 fábricas de munições nos Estados

Unidos que são tuteladas pelo Comando de Material do Exército. Estão sendo consideradas as capacidades de produção e de transporte, baseando-se na expectativa de consumo *versus* o tempo necessário para a entrega dos suprimentos nos níveis tático, operacional e estratégico. O estudo leva em consideração uma complexa sincronização entre a capacidade logística, os esforços de sustentação e as necessidades da frente de combate.

Prontidão dos militares e das famílias

Para estar pronto para o combate sob o conceito das operações de múltiplos domínios, o *US Army* trabalha continuamente na atualização de sua doutrina. À medida que as novas tecnologias são desenvolvidas com vantagens significativas para o emprego em combate, exercícios de experimentação são realizados e novas técnicas, táticas e procedimentos são implementados, com o cuidado de atender às características do conceito de múltiplos domínios. O uso de jogos de guerra e ambientes de simulação são empregados em larga escala para o treinamento prévio das frações, sendo que grandes exercícios devem coroar as atividades de preparo no terreno, validando todo o processo. As lições aprendidas devem realimentar todo o planejamento, levando a um processo de reciclagem constante. Estão sendo previstos exercícios militares em diversas partes do mundo, de forma a identificar as melhores técnicas de emprego nos diferentes teatros de operações, mantendo os militares prontos para atuar nas melhores condições.

Em 2021 o *US Army* realizou exercícios nível grande de unidade com 24 brigadas, incluindo 4 da Guarda Nacional, nos centros de treinamento de combate. Os exercícios consistiram em ações de mobilização do pessoal e do material, deslocamento para os centros de treinamento de combate valendo-se da infraestrutura existente, deslocamento de retorno e desmobilização.

Fornecer o melhor suporte aos militares é uma prioridade do Comando de Material do Exército dos Estados Unidos. Isso inclui uniformes e equipamentos individuais de qualidade, que permitem que o militar combata com relativo conforto e segurança, ao mesmo tempo em que dispõe de elevado poder de fogo e pro-

teção. O apoio à família do militar também está sendo considerado pelo *US Army*, o que ganhou importância ao ser verificado que o militar fica mais focado e resiliente quando sabe que a família está sendo bem atendida durante a sua permanência no campo de batalha.

Existem três programas principais voltados para o apoio à família dos militares norte-americanos no interior das bases militares. O Programa de Manutenção da Missão desenvolve atividades que permitem o bem-estar físico e mental das famílias. Consiste na oferta gratuita de academias de ginástica, esportes aquáticos, bibliotecas, parques com áreas para piquenique e competições desportivas diversas. O Programa de Apoio Comunitário oferece serviços como desenvolvimento infantil, recreação ao ar livre, desenvolvimento de habilidades de artes e ofícios, desenvolvimento de habilidades automotivas, dentre outras. O Programa Moral, Bem-Estar e Recreação (*Morale, Welfare and Recreation – MWR*, na sigla em inglês) destina-se a oferecer uma série de atividades para a família com preços reduzidos. Estão incluídos campos de golfe, alojamentos recreativos, pista de boliche, clubes, atividades náuticas e outros. Há ainda outras ações, como prevenção ao suicídio, abuso de substâncias lícitas, educação preventiva contra o uso de substâncias ilícitas etc.



Figura 3 – Shopping com praça de alimentação localizado dentro do Fort Sill para atender a família militar com isenção de impostos
Fonte: O autor

Para atender os interesses de militares cujas famílias não se encontram no interior ou próximo das bases militares, o *US Army* criou o programa Grupo de Prontidão para Militares e Famílias (*Soldier and Family Readiness Group – SFRG*, na sigla em inglês). Esse programa tem o objetivo de abrir e manter um *link* de contato permanente entre os militares e seu núcleo familiar mais importante, que podem ser os pais, os cônjuges ou ambos. Por meio do programa, espera-se sempre poder colocar o militar em contato com sua família em caso de uma necessidade inesperada, inclusive quando ele estiver em um exercício ou desdobrado em áreas isoladas e de difícil comunicação.

Prontidão da informação logística

Para que se tenha o controle da situação das instalações, do volume da produção industrial, dos estoques pré-posicionados ao redor do mundo, validade dos itens, além de diversos outros elementos, o *US Army* trabalha para obter um eficiente sistema de integração de dados. As informações estão sendo agrupadas em plataformas que permitirão que os comandantes tenham uma consciência situacional em tempo real, contribuindo para decisões oportunas e acertadas. Almeja-se, em última análise, ser capaz de controlar tudo o que foi consumido e o movimento de reposição dos itens necessários ao esforço de guerra, garantindo que eles cheguem ao local desejado nos momentos apropriados.

Vislumbra-se que o novo sistema permita que os dados inseridos sejam sincronizados, integrados e avaliados para a tomada de decisões, com amplo processamento em computadores. Uma visualização inicial indica que o programa terá a capacidade de acompanhar todas as fases da logística, como número de equipamentos prontos para o transporte e sua localização, data e local do próximo lote de suprimentos a ser entregue pela indústria, meios de transporte disponíveis e sua capacidade, dentre outros. Para isso, conforme foi divulgado, pretende-se realizar um amplo trabalho de interconectividade de dados, reunindo plataformas de diversas origens.

Considerações finais

As operações de múltiplos domínios, ao encerrar a prioridade de planejamento para as operações de contrainsurgência, levaram o *US Army* a novamente focar o planejamento em conflitos regulares. Ao iniciar a análise da situação, variadas necessidades de melhoria parecem ter sido identificadas, considerando diversos campos. Importante destacar que o Exército dos Estados Unidos é uma força eminentemente expediçãoária e, nesse sentido, precisa estar pronta para atuar em teatros de operações diversos a fim de defender os interesses de Estado. Vale a pena lembrar o pensamento de Clausewitz de que “a guerra é a continuação da política por outros meios”.

A pretendida evolução do Exército dos Estados Unidos da era industrial para a chamada era informacional, sob o foco das operações de múltiplos domínios,

apresentou diversas necessidades de evolução, considerando os sistemas de armas, a doutrina de emprego e a estrutura material. Para atingir os objetivos pretendidos, uma dupla carga de trabalho precisa ser desenvolvida, por tratar-se de evolução, mantendo o poder de combate durante todo o processo. Nesse sentido, o adestramento é feito com o material e a estrutura disponível no momento, experimentações doutrinárias são realizadas quando novos equipamentos são entregues pela indústria e a doutrina vai sendo atualizada à medida que novas capacidades são incorporadas.

Por fim, pode-se perceber que o *US Army* trabalha para atingir uma prontidão de elevada confiabilidade, valendo-se de ferramentas da era da informação. Aliando um meticoloso planejamento a um vultoso orçamento, tudo indica que o Exército dos Estados Unidos estará em excelentes condições de ser desdobrado em remotos teatros de operações a partir de 2028. 

Referências

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **Army doctrine publication Sustainment**. ADP 4-0, 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **Army modernization strategy final publication**. Outubro 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **Army Sustainment Magazine**. Janeiro-fevereiro 2018.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **Army Sustainment Magazine**. Janeiro-março 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **Field Manual Logistics Operations**. FM 4-95, 2014.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. US Army. **US Army Materiel Command Resource Guide**. Outubro 2019.

ASSOCIATION OF THE UNITED STATES ARMY. **Piggee: Logistics Must Move Faster**. Disponível em: <<https://wwwausa.org/news/piggee-logistics-must-move-faster>> Acesso em: 23 dez 2019.

ASSOCIATION OF THE UNITED STATES ARMY. **2021 budget boosts training, exercises**. Disponível em: <<https://wwwausa.org/news/2021-budget-boosts-training-exercises>> Acesso em: 24 fev 2020.

BREAKING DEFENSE. **Army Adding New Arms Stockpile In Europe**. Disponível em: <<https://breakingdefense.com/2020/02/army-adding-new-arms-stockpile-in-europe-gen-perna/>> Acesso em: 18 fev 2020.

U.S. ARMY. **Aggressive depot repair capability improves readiness**. Disponível em: <https://www.army.mil/article/227555/aggressive_depot_repair_capability_improves_readiness> Acesso em: 15 fev 2020.

U.S. ARMY.. **Ensuring Readiness for the Strategic Support Area: Industrial Base Readiness**. Disponível em: <https://www.army.mil/article/220598/ensuring_readiness_for_the_strategic_support_area_industrial_base_readiness> Acesso

em: 10 dez 2019.

U.S. ARMY. Ensuring Readiness for the Strategic Support Area: Installation Readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/222615/ensuring_readiness_for_the_strategic_support_area_installation_readiness> Acesso em: 10 nov 2019.

U.S. ARMY.. Ensuring Readiness for Strategic Support: Logistics Information Readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/222897/ensuring_readiness_for_strategic_support_logistics_information_readiness> Acesso em: 10 dez 2019.

U.S. ARMY. Ensuring Readiness for the Strategic Support Area: Munitions Readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/221743/ensuring_readiness_for_the_strategic_support_area_munitions_readiness> Acesso em: 10 dez 2019.

U.S. ARMY. Ensuring Readiness for Strategic Support: Strategic Power Projection. Disponível em: <https://www.army.mil/article/222299/ensuring_readiness_for_strategic_support_strategic_power_projection> Acesso em: 15 nov 2019.

U.S. ARMY. Ensuring readiness for Soldiers and Families. Disponível em: <https://www.army.mil/article/221962/ensuring_readiness_for_soldiers_and_families> Acesso em: 10 dez 2019.

U.S. ARMY. Ensuring Readiness for the Strategic Support Area: Supply Availability and Equipment Readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/220315/ensuring_readiness_for_the_strategic_support_area_supply_availability_and_equipment_readiness> Acesso em: 10 dez 2019.

U.S. ARMY. Half of BCTs now at highest level of readiness, as Army looks to add more. Disponível em: <https://www.army.mil/article/228513/half_of_bcts_now_at_highest_level_of_readiness_as_army_looks_to_add_more> Acesso em: 22 fev 2020.

U.S. ARMY.. Installation readiness keeps the Army trained, ready and deployable. Disponível em: <https://www.army.mil/article/228748/installation_readiness_keeps_the_army_trained_ready_and_deployable> Acesso em: 28 dez 2019.

U.S. ARMY. SFRG: Social support, connection key to building readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/228516/sfrg_social_support_connection_key_to_building_readiness> Acesso em: 30 nov 2019.

U.S. ARMY.. The Strategic Seaport Program: Ensuring Transportation Readiness. Disponível em: <https://www.army.mil/article/180466/the_strategic_seaport_program_ensuring_transportation_readiness> Acesso em: 18 fev 2020.

U.S. Army. USARPAC. Disponível em: <<https://www.usarpac.army.mil/comgen.asp>> Acesso em: 10 fev 2020.

Notas

¹ Em virtude da pandemia do covid-19, o Defender 2020 ocorreu com dimensões reduzidas em pessoal e material. No início da pandemia, as tropas do Exército dos Estados Unidos que já estavam desdobradas para o exercício no continente europeu foram repatriadas a fim de evitar que grande número de militares contraísse a doença.

² O APS é uma proteção contra mísseis e outros projéteis guiados inimigos, evitando que eles atinjam alvos amigos e causem baixas ou perdas materiais de valor estratégico.

³ Segundo o descrito em sua página na internet, o *US Army Pacific* é um comando militar que objetiva posicionar e preparar as forças, sustentar e proteger essas forças na área do Pacífico, organizar o teatro de operações, apoiar o desenvolvimento de uma força conjunta integrada de múltiplos domínios e construir relacionamentos militares que fortaleçam alianças e desenvolvam a capacidade de defesa de parceiros para promover um Indo-Pacífico gratuito e aberto.

Cavalaria mecanizada: possibilidades doutrinárias

Endrigo Buscarons da Silva*

“A Cavalaria é a Arma da Tradição e a tradição na Cavalaria significa a constante evolução doutrinária.”

(BRASIL, 1999, p. 1-2)

Introdução

O presente artigo pretende apresentar uma perspectiva inovadora, baseada em aspectos doutrinários e tarefas que podem ser incorporados à cavalaria mecanizada (C Mec) do Exército Brasileiro.

A C Mec é uma tropa singular, vocacionada para emprego nas atividades de reconhecimento e segurança (Rec e Seg), além da economia de forças em frentes selecionadas, tanto em ofensiva quanto em defensiva, e que deve continuamente adaptar-se às novidades dos campos de batalha.

Nesse contexto, cada divisão de exército pode apresentar um regimento e/ou uma brigada de cavalaria mecanizada para emprego durante o transcurso de suas operações, bem como as brigadas de infantaria, dos diversos tipos, apresentam uma subunidade orgânica, o esquadrão de cavalaria mecanizado.

A Estratégia Nacional de Defesa (END) brasileira, em suas diretrizes, determina ações focadas no trinômio estratégico constituído de *mobilidade, presença e monitoramento*, além da mobilidade estratégica como a capacidade de monitorar/controlar e responder prontamente a qualquer ameaça ou agressão.

Com isso, as tropas deverão possuir capacidades específicas para atuar em cenários complexos, com vários domínios, e que trarão impactos no seu DOA-MEPI (doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura).

Nesse contexto, os combates contemporâneos têm promovido constante atualização da doutrina e de técnicas, táticas e procedimentos (TTP) dos diversos níveis operacionais. Os conflitos assimétricos exigem forças com uma organização baseada em capacidades, alinhando doutrina com o uso de modernas tecnologias, o que trará influência nas dimensões humana, física e informacional dos ambientes operacionais.

É notório que as mudanças da era industrial para a era do conhecimento trouxeram, e ainda trazem, muitas novidades aos combates modernos, como, por exemplo, a concentração das batalhas decisivas em torno das cidades e dos eixos rodoviários.

Com isso, alguns temas são cada vez mais presentes nos processos decisórios dos mais altos níveis, como, por exemplo, o domínio informacional, a redução dos riscos, a obtenção da opinião pública e os assuntos civis. Isso impactará na preocupação do emprego da expressão militar com rapidez e precisão, baseado na letalidade seletiva e na redução dos efeitos colaterais.

A cavalaria mecanizada deve ser baseada no FAMES (flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade), capaz de operar com mobilidade estratégica e tática, com elasticidade e projeção de poder nas áreas de interesse, com durabilidade nas ações, com interoperabilidade, com eficácia dos sistemas de inteligência e deve, ainda, ser eficiente no monitoramento e no comando e controle, além de atuar em operações de informação e assuntos civis.

* Maj Cav (AMAN/2003, EsAO/2012, ECEME/2020). Atualmente, é instrutor na ECEME.



Figura 1 – Dimensões do ambiente operacional

Fonte: EB70-MC-10.223 – Operações, 1. ed. (2017, p. 2-2)

Alinhado a isso, o novo manual *EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado* traz como análise sobre o domínio da dimensão humana que, nas áreas urbanas, o terreno, a população, as infraestruturas e os meios de comunicação em massa estão interligados e são interdependentes, o que aumenta a importância das considerações civis durante o planejamento e na condução das operações. A cuidadosa análise dessas considerações, já durante o estudo de situação, permite:

- a) a compreensão da situação (consciência situacional);
- b) a redução potencial dos confrontos e do combate aproximado; e
- c) a redução dos efeitos colaterais, por meio do desenvolvimento de operações que utilizem os meios necessários sobre os pontos decisivos de modo mais eficaz.

Cresce de importância, portanto, a preocupação com tais efeitos e com as perdas de vidas humanas, com o controle informacional, com a correta e permanente consciência situacional, com a manutenção das infraes-

truturas estratégicas e, em especial, com a obtenção da opinião pública local, nacional e internacional.

Qual impacto esse cenário terá na cavalaria mecanizada do Exército Brasileiro? Que desafios enfrentará diante da evolução tecnológica e características dos conflitos atuais? Quais capacidades deve agregar para cumprir com as suas missões típicas?

Capacidades da cavalaria mecanizada

A cavalaria mecanizada deve buscar sempre manter suas características e missões básicas, adaptando-se aos meios modernos de combate e às tecnologias agregadas, necessitando sempre de meios que permitam maior liberdade de ação e resposta tática enquanto opera.

Uma de suas missões precípuas é buscar o contato com o inimigo, portanto adquirir a iniciativa e obrigar o adversário a reagir, tomando decisões cada vez mais desordenadas e ineficientes. Isso visa a prejudicar o processo decisório do inimigo enquanto inicia a moldagem do ambiente, o que permitirá o emprego de seu escalão enquadrante com precisão e eficácia.

Nesse sentido, cresce de importância a necessidade de as tropas C Mec possuírem capacidades que possibilitem a seus comandantes em todos os níveis uma consciência situacional dinâmica e oportuna, um fluxo de comunicações preciso e devidamente protegido das ações inimigas, além de um poder de fogo e proteção blindada apropriados. Com isso, irá garantir tempo e informações necessárias para o seu escalão superior atuar com oportunidade.

Deve, portanto, manter-se focada no combate embarcado, como elemento altamente móvel e potente, executando ações de reconhecimento e segurança, ou como elemento de economia de forças em frentes secundárias de combate.



Figura 2 – O RC Mec e o ambiente operacional moderno
Fonte: EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado, 3. ed. (2020, p. 2-15)

Assim, operará em situação de guerra e não guerra para obter dados sobre o inimigo e a área de operações, propiciando melhores condições para a tomada de decisões e maior proteção ao grande comando enquadrante. Suas atribuições contêm a obtenção de informações sobre o DICOVAP do inimigo (dispositivo, composição, valor e particularidades) e da área de operações (terreno e condições meteorológicas) para moldar os ambientes físico, humano e informacional.

Essas observações se alinham no sentido de que a cavalaria, em suas operações, visa responder aos requisitos de informação prioritários do Cmt e aos elementos essenciais de informação (EEI), levantando dados necessários ao Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), em especial nas 1^a e 2^a fases do Planejamento Detalhado (Exame de Situação) e nas 1^a, 2^a e 3^a fases do Planejamento Conceitual (MCOE), como importante vetor nos processos de integração que sincroniza funções específicas, tais como:

- Processo de Integração Terreno, Inimigo, Condições Meteorológicas e Considerações Civis (PITCIC);
- Seleção, Análise e Aquisição de Alvos (Busca de Alvos);
- Gerenciamento de Risco; e
- Avaliação.

Assim sendo, a cavalaria mecanizada precisará atuar no levantamento de dados e na produção de conhecimentos necessários ao processo decisório dentro do PITCIC, integrado com o exame de situação do comandante dos grandes comandos operacionais, em especial nas duas primeiras fases.

EXAME DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE	PITCIC
FASES	FASES
01 Análise da Missão e Considerações Preliminares	01 Definição do Ambiente Operacional
02 A situação e sua compreensão	02 Identificação dos Efeitos Ambientais sobre as Operações
03 Possibilidades do Inimigo, Linhas de Ação e Confronto (Jogo da Guerra)	03 Avaliação da Ameaça
04 Comparação das Linhas de Ação	04 Determinação das Possíveis Linhas de Ação da Ameaça
05 Decisão	X
06 Plano/Ordem de Operações	X

Figura 3 – Exame de Situação do Comandante. Em vermelho, as fases de atuação com protagonismo para as tropas C Mec
Fonte: EB70-MC-10.307 – Planejamento e Emprego da Inteligência Militar, 1. ed. (2016, p. 5-7)

Percebe-se, nesse caso, que aspecto importante é o momento de emprego que deverá preceder a principal operação no tempo e no espaço, para, justamente, poder proporcionar informações oportunas ao processo de planejamento do comando enquadrante e ainda dificultar a preparação e o processo decisórios inimigos. A cavalaria mecanizada é empregada, portanto, no início do processo de planejamento detalhado, de forma isolada, e continuamente durante a missão.

As tropas C Mec realizam, por exemplo, operações de segurança, enquanto os demais elementos de combate estão em zonas de reunião, preparando as ações principais. Nesse caso, executam missões de reconhecimento (Rec), buscando o contato com o inimigo. Nesse escopo, negarão ao inimigo dados sobre nossas tropas, alterando sua capacidade de tomar decisões, provendo segurança (Seg) ao escalão superior, o que faz indissociáveis esses dois tipos de operação (Rec e Seg).

Ainda nesse sentido, o manual de Corpo de Exército (C Ex), EB70-MC-10.244, diz que, nas duas primeiras fases do processo operativo, o C Ex pode conduzir

operações que não chegam ao patamar de combate terrestre de grande vulto, nas quais há o emprego de métodos, cinéticos e/ou não cinéticos, abaixo do limiar do conflito armado, para abalar o *status quo*, buscando moldar o ambiente e dissuadir o oponente.

Deduz-se que se torna imprescindível, dentro do mais alto escalão da força terrestre e, por consequência, nos demais escalões, uma tropa com essa vocação, que possa atuar em largas frentes e em profundidade, em ações de reconhecimento, vigilância e segurança, que apoiem as ações decisivas.

A aquisição de um ambiente seguro (segurança) nega liberdade de ação e reduz as ações do oponente, criando condições favoráveis às ações subsequentes e permitindo a proteção de ativos, da população e das infraestruturas críticas.

Sob o ponto de vista das *propriedades gerais da cavalaria*, percebe-se que a flexibilidade é um imperativo que deve ser decorrente da mobilidade conjugada com comunicações eficientes, além da possibilidade de mudanças de organização em face dos desafios impostos. A cavalaria mecanizada já adota tal característica quando emprega pelotões provisórios, ou quando tem material de emprego militar diferente para tropas do mesmo tipo, como é o caso dos esquadrões de cavalaria de selva, paraquedista e mecanizado orgânicos de brigadas de infantaria.

Faz-se necessário, portanto, considerar a característica da modularidade como fundamental para a cavalaria, que deve ter capacidade de alternar meios em decorrência da missão a ser cumprida, além de agregar capacidades e frações em caso de necessidade, tais como meios de aviação e modernos meios de monitoramento das condições meteorológicas. A versatilidade e a agilidade das tropas C Mec, combinando exploradores com uma forte inclusão de especialistas, permitirão o máximo emprego de efeitos nos diferentes domínios.

Ainda nessa análise, a cavalaria mecanizada deve manter sua alta capacidade de manobra, conjugando mobilidade tática com movimentos rápidos (velocidade), combinando fogo e movimento com capacidade de durar na ação em combate. Seus meios devem possuir, portanto, a necessária proteção blindada, potência de fogo, autonomia logística e comando e controle flexí-

veis para atuar contra o inimigo com eficiência e letalidade, em profundidade e em largas frentes.

As formações de cavalaria, se providas de capacidades fortes e praticadas em diferentes domínios, continuam sendo instrumentos ideais para estender o alcance operativo terrestre, além de moldar, agressivamente, as condições ao longo de eixos e cidades.

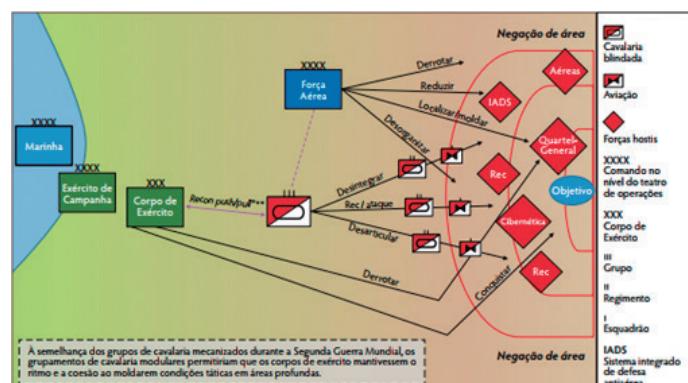


Figura 4 – Grupamentos de cavalaria modulares

Fonte: Military Review, Combates nas áreas avançadas, 3º trimestre (2020, p. 74)

Uma discussão recorrente, porém necessária, é a possibilidade de contar com plataformas mais manobráveis com menores restrições logísticas – ou seja, trocar um certo grau de proteção blindada por maior mobilidade tática e estratégica – o que também pode acarretar riscos a serem gerenciados durante as operações.

Nesse sentido, uma padronização das plataformas da brigada de cavalaria mecanizada, que conta com ao menos quatro tipos diferentes de blindados nas unidades de manobra, bem como a inserção de mais seções de mísseis antincarro nas subunidades, podem vir a ser uma solução.

Novas áreas de atuação e preocupação dos comandantes táticos

Uma observação importante é que a escassez de elementos de cavalaria reflete um despreparo mais amplo para conflitos de maior alcance, intensidade e duração, mesmo após prolongadas campanhas de

contrainsurgência, como tem ocorrido nos dias de hoje. (JENNINGS, 2020)

O novo manual *EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado* traz como análise sobre o domínio da dimensão física que as infraestruturas críticas (água, energia elétrica, combustíveis, alimentação, saúde, comunicações, entre outras) são objetivos significantes e, sempre que possível, devem estar sob controle de nossas forças. De qualquer forma, deve-se procurar evitar danos colaterais sobre a infraestrutura da localidade, de forma a interferir o mínimo possível na vida da população.

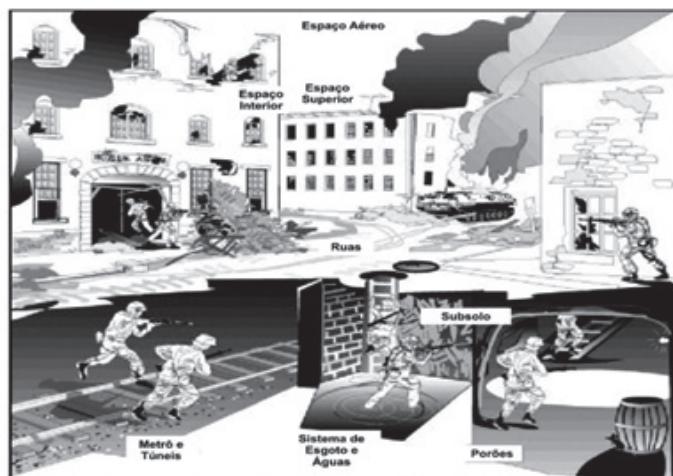


Figura 5 – Campo de batalha multidimensional em área urbana
Fonte: EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado, 3. ed. (2020, p. 5-56)

Nesse sentido, o manual *EB70-MC-10.307* ampara que a evolução tecnológica, juntamente com a necessidade de processamento instantâneo de grande volume de dados, obtidos em extensas áreas de interesse e oriundos de múltiplas fontes, fez surgir o conceito de IRVA (inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos), com o fim de melhorar o entendimento da situação pelos comandantes em todos os níveis (consciência situacional), e garantir, consequentemente, os seus processos decisórios.

A obtenção de dados/informação é a principal tarefa do IRVA, orientado para atender às necessidades de inteligência. As ações de reconhecimento englobam a missão empreendida para se obter informações sobre

as atividades, instalações ou meios de forças oponentes, atuais ou potenciais.

A seleção dos elementos essenciais de inteligência (EEI) e o emprego de ferramentas para a busca de dados sobre alvos são evidências de rotinas que compõem o trabalho de sincronização da inteligência. Essas capacidades devem ser agregadas às tropas de cavalaria mecanizada com sensores tecnológicos e adestramentos necessários para operações diante de ambientes urbanizados e em presença da população civil.



Figura 6 – Exemplos de materiais que devem ser incorporados às tropas C Mec atuais
Fonte: EB20-MC-10.207 – Inteligência, 1. ed. (2015, p. 4-4)

Durante a metodologia D3A (detectar, decidir, disparar e avaliar), a integração dos fogos precisos com as ações de IRVA da C Mec trará elevada capacidade de interferir no combate para o comandante do grande comando enquadrante, em especial durante as primeiras fases de seu estudo de situação, com a letalidade seletiva adequada.

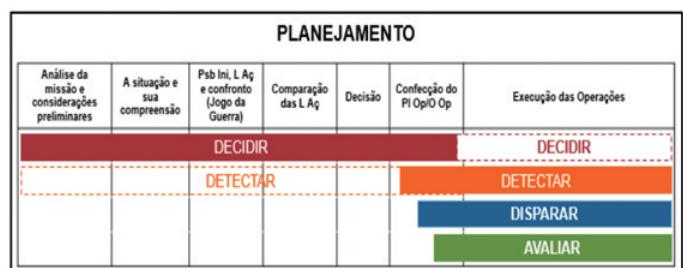


Figura 7 – Metodologia D3A
Fonte: EB70-MC-10.346 – Planejamento e Coordenação de Fogos, 1. ed. (2017, p. 4-2)

A judiciosa aquisição de alvos, devidamente integrada com o trabalho de inteligência, trará impacto no planejamento do apoio de fogo do escalão superior, em especial no levantamento de necessidades, na aquisição, na análise e na seleção dos alvos para aplicação de fogos na dosagem apropriada e de forma sincronizada, obtendo a letalidade seletiva e evitando os danos colaterais.

Torna-se, portanto, a cavalaria mecanizada um dos principais vetores IRVA de seu grande comando enquadrante.

Outra atividade importante, nos dias atuais, são os assuntos civis, especialmente as ações de coordenação civil-militar (CIMIC), que contribuem para garantir um ambiente seguro e estável no apoio às comunidades e em favor da população. Essas ações dizem respeito à obtenção de informações e ao uso de áreas, instalações e recursos locais, sendo, portanto, ações típicas de reconhecimento e segurança, proporcionadas, nesse caso, a outras tropas, como, por exemplo, à de engenharia (facilitando seu emprego correto e judicioso), com a finalidade de proporcionar legitimidade, liberdade de ação e preciso controle de danos.

Atividades como a distribuição de alimentos, segurança de comboio e de obras de infraestrutura, apoio à administração civil e outras junto à população local podem compor o espectro dessa atividade, ou, ainda, das operações de cooperação e coordenação com agências, em especial na fase de geração de poder de combate, na normalização e na contrainsurgência.

Com isso, cresce a importância de a C Mec possuir uma *interface* interagências para o cumprimento de suas missões para dar suporte adequado ao planejamento e ao processo decisório, a fim de obter e manter a opinião pública favorável às operações, além de facilitar a reconstrução do cenário operativo, dar autonomia à população local e propiciar a reversão das tropas empregadas em um cenário estável.

A conjugação da letalidade com a prevenção aos efeitos colaterais e a presença da população civil e da mídia deixam evidente, ainda, que a cavalaria mecanizada entra como tropa partícipe em outro tipo de operação, as operações de informação (Op Info). O apoio da obtenção da superioridade de informações é defini-

do, na doutrina, como o apoio cerrado sobre medidas e planejamentos que possam interferir no desempenho das tropas em campanha, alterando o processo decisório em andamento.

A execução prévia e constante das Op Info poderá tornar a cavalaria mecanizada uma importante *capacidade relativa à informação* (CRI) no período em que estiver atuando isoladamente ou antes das forças principais do escalão superior, quando deve ser a protagonista na zona de ação determinada.

Essas atividades subsidiam o planejamento e a condução de operações militares, sendo fundamentais na identificação de ameaças (reconhecimento) e na proteção da tropa (segurança). A doutrina traz, ainda, que os esforços organizados para obtenção, análise e difusão de informações claras, precisas, completas e oportunas sobre a área de operações (terreno e considerações civis), o inimigo, ameaças ou forças oponentes e as condições meteorológicas são tarefas inerentes à função de combate *inteligência*.

As operações de informações e o esquadrão C Mec

Corroborando o que diz o manual *EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado* sobre o domínio da dimensão informacional, devido às características do ambiente urbano, tornam-se maiores as necessidades de informação sobre esse ambiente. Conhecer as características da localidade em que se vai operar, assim como a exata localização e valor do inimigo e a situação da população presente, é fundamental para poder optar pela melhor maneira de conduzir a operação urbana.

Diz ainda o referido manual que a influência da opinião pública cresce ao se operar em ambiente urbano, pois as ações realizadas pela força empregada poderão ser acompanhadas pelo público civil com mais frequência, sobretudo pela presença de outros atores no campo de batalha, como a mídia, ONG e outros agentes, apoiando ou rejeitando as ações e formando opiniões.

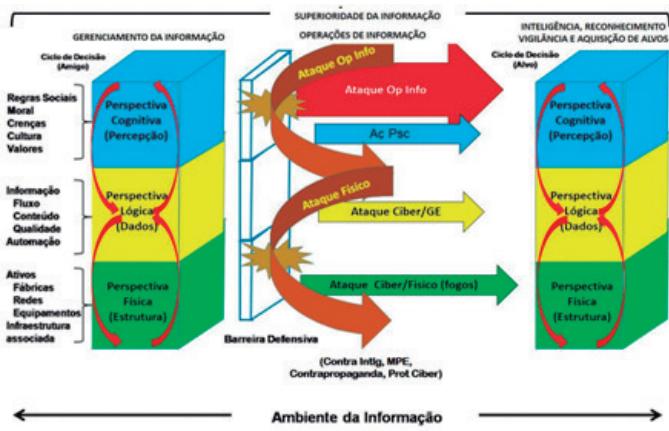


Figura 8 – Ambiente da informação

Fonte: EB70-MC-10.213 – Operações de Informação, 2. ed. (2019, p. 3-3)

Por outro lado, as missões da cavalaria mecanizada podem incluir, ainda, a proteção de locais e áreas importantes, como infraestruturas críticas e serviços essenciais à população, o que implica que pode ser importante vetor de cooperação civil-militar (CIMIC ou C3M), apoiando a construção de um ambiente favorável às ações militares.

Nesse contexto, a tropa C Mec atuará também como importante vetor das operações de informação, apoiando a diminuição dos efeitos colaterais e as ações CIMIC, protegendo os ativos de informação com objetivo de obter e manter o apoio local, e apoiando na construção de narrativas favoráveis à obtenção da opinião pública nacional e internacional.

As ações da cavalaria mecanizada, no ambiente operacional, compreenderão, dentro da aplicação dos princípios de guerra, uma profunda percepção das características do combate moderno. Isso, aliado às características dessa tropa, irá impor a utilização do fogo e da manobra, a obtenção da iniciativa, a exploração dos pontos fracos do inimigo, o emprego máximo da mobilidade, a flexibilidade das estruturas organizacionais (modularidade), o planejamento centralizado com execução descentralizada, a atribuição de missões pela finalidade e a continuidade das operações, dentre outras possibilidades.

Observa-se que as ações de reconhecimento terão ênfase no reconhecimento de localidades e de instalações, além dos reconhecimentos de eixo, zona, área, do reconhecimento em força e do contrarreconhecimento.

Nesse contexto, nas operações básicas, a presença de forças escalonadas de reconhecimento e segurança, a fim de moldar o ambiente e buscar o contato com o inimigo, dará liberdade de ação para as peças de manobra para que não se perca o ritmo operativo e se preserve a coesão das formações táticas, que permitirão, como requisito essencial, a desarticulação das posições inimigas.

A cavalaria mecanizada atuará, ainda, na vigilância de áreas passivas, na ligação entre tropas, no tamponamento de brechas, como elemento mitigador dos riscos operacionais e na transição entre fases de uma determinada operação na moldagem do ambiente operacional subsequente.

A tropa C Mec é capacitada para esse emprego, atuando em ações de reconhecimento e segurança. Por consequência, trará economia de forças ao escalão enquadramento, dando-lhe oportunidade de manobrar, com uso do princípio da massa no momento e local oportunos, decidindo o combate com rapidez.

É importante pensar na modularidade, entendida como uma característica a ser incorporada, que propiciará melhor adaptabilidade para a cavalaria mecanizada, tendo em vista a possibilidade de seu emprego ocorrer de maneira isolada, no espaço e no tempo, de seu escalão enquadramento.

Com isso, poderá incorporar meios de acordo com a missão recebida, tais como elementos de cibernetica e guerra eletrônica, vetores aéreos, elementos de operações especiais e de inteligência, bem como vetores de vigilância terrestre e letalidade seletiva, como equipe de caçadores e radares terrestres.

Uma atenção especial deve ser dada a ações de reconhecimento, tais como reconhecimento de localidade e de instalações críticas, identificando locais de homílio, rotas logísticas, principais eixos de atuação, locais de maior intensidade de combate, serviços essenciais, ameaças e regiões de domínio do inimigo, dentre outros EEI prioritários do escalão enquadramento.

Conclusão

Os conflitos modernos requerem flexibilidade com o máximo de adaptabilidade a circunstâncias de emprego, buscando-se, à luz da informação, deixar o inimigo em desequilíbrio permanente, surpreendendo-o. Para isso, é importante que os comandantes estejam preocupados com uma precisa consciência situacional e uma rápida moldagem do ambiente operacional, visando a um correto planejamento e execução das operações, além da consecução dos objetivos propostos. Isso impactará sobremaneira na tomada de decisões e na utilização da expressão militar com oportunidade nos momentos decisivos, em busca de soluções mais rápidas e com menos efeitos para as sociedades em geral.

A cavalaria mecanizada deverá se ajustar a essa realidade, a fim de cumprir com as suas missões precípuas em todos os domínios nos conflitos, tanto nas operações de guerra quanto nas de não guerra. Para tanto, a cavalaria mecanizada necessitará atuar com liberdade de ação, por vezes isoladamente, buscando apoiar o processo decisório do escalão enquadrante, enquanto prejudica o ciclo decisório inimigo, o que implicará a manutenção das suas características de elevada potência de fogo e ação de choque.

A integração das funções de combate *movimento e manobra* com *inteligência e fogos* é essencial para o ciclo decisório, na medida em que existe uma tropa, a cavalaria mecanizada, apta ao emprego durante as duas primeiras fases do planejamento detalhado dos grandes comandos operacionais para reconhecer e levantar dados sobre o inimigo e ameaças, do terreno e das considerações civis, que servirão para análise e aquisição de alvos (busca de alvos).

A conjunção de todos esses meios propiciará a possibilidade de levantar alvos de alto valor (AAV), alvos individuais de alto valor (AAIV) e alvos prioritários, que poderão se tornar alvos compensadores (AAC) para armamentos cinéticos e não cinéticos.

Conclui-se, portanto, que essa conjunção será importante vetor nas ações IRVA, integrando fogos, reconhecimento e inteligência, a fim de ampliar a letalidade e reduzir danos colaterais, apoiando o gerenciamento de risco dos mais altos níveis presentes. Importante lembrar que isso também interage com as capacidades relacionadas a informações (CRI) das operações de informações, na medida em que inicia a moldagem do ambiente para as ações decisivas.

Nesse contexto, fica clara uma ampliação no rol de atividades das tropas de cavalaria mecanizada com a introdução de diversas ações ligadas à função de combate *inteligência*, expressas nas necessidades de inteligência e aplicadas a tarefas associadas ao IRVA e às Op Info.

Por fim, percebe-se que novos estudos devem ser direcionados no sentido de ampliar o rol de capacidades da cavalaria mecanizada no Exército Brasileiro, dando-lhe suporte adequado (meios modernos e tecnológicos) para que possa cumprir suas missões com maior eficiência, propiciando ao seu comando enquadrante maior capacidade decisória.

Nesse sentido, percebe-se, ainda, uma necessidade de se adestrar as tropas em ações voltadas para o combate de localidade, na presença de população civil, atuando como vetor Op Info, CIMIC e IRVA, com meios e capacidades agregadas, ao mesmo tempo em que realiza ações de reconhecimento e segurança para levantar informações sobre o inimigo e o terreno.



Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6021** – Publicação científica impressa. Documentação. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2008.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Movimento e Manobra** – EB20-MC-10.203. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Logística** – EB20-MC-10.204. 3. ed., 2014.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Comando e Controle** – EB20-MC-10.205. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Fogos** – EB20-MC-10.206. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Inteligência** – EB20-MC-10.207. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Proteção** – EB20-MC-10.208. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Operações de Informação** – EB20-MC-10.213. 1. ed., 2014.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Fundamentos – O Exército Brasileiro** – EB20-MF-10.101. 1. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Fundamentos – Doutrina Militar Terrestre** – EB20-MF-10.102. 2. ed., 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Fundamentos – Inteligência Militar Terrestre** – EB20-MF-10.107. 2. ed., 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Fundamentos – Planejamento e Emprego da Inteligência Militar** – EB20-MC-10.307. 1. ed., 2016.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Operações** – EB70-MC-10.223. 6. ed., 2017.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Operações Ofensivas e Defensivas** – EB70-MC-10.202. 1. ed., 2017.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – A Cavalaria nas Operações** – EB70-MC-10.222. 1. ed., 2018.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Divisão de Exército** – EB70-MC-10.243. 1. ed., 2020.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Corpo de Exército** – EB70-MC-10.244. Edição Experimental, 2020.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Brigada de Cavalaria Mecanizada** – EB70-MC-10.309. 1. ed., 2020.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Regimento de Cavalaria Mecanizado** –

EB70-MC-10.354. 3. ed., 2020.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Forças-Tarefas Blindadas – EB70-MC-10.355.** 1. ed., 2020.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando do Exército. **Manual de Campanha – Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas – C 21-30.** Brasília, 2002.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior. C 2-1: **Emprego da Cavalaria.** 2. ed. Brasília, DF, 1999.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **FM 3-20.96 Cavalry Squadron (RSTA).** Washington, DC. 2002.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **ADP 2-0 Intelligence.** Washington, DC. 2018.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **ADRP 2-0 Operations.** Washington, DC. 2017.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **ATP 3-20.96 Cavalry Squadron.** Washington, DC. 2016.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **FM 3-20.96 Reconnaissance and Cavalry Operations.** Washington, DC. 2010.

EUA. Headquarter. Department of the Army. FM 3-98 Reconnaissance and Security Operations. Washington, DC. 2015.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **SM 3-90 ABCT Force Structure.** Washington, DC. 2017.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **SM 3-90 SBCT Force Structure.** Washington, DC. 2017.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **SM 3-90 IBCT Force Structure.** Washington, DC. 2017.

JENNINGS, Nathan. **Combate nas Áreas Avançadas Modernizando o Reconhecimento e Segurança no Exército dos EUA para Conflitos entre Grandes Potências.** Military Review, Terceiro Trimestre, 2020.

A implementação do SISPRON na 5^a Bda C Bld como fator de dissuasão da nação

Andre Rolim da Silva*

Introdução

A capacidade de dissuasão de uma nação é fator essencial para a segurança nacional, pois confere a ela a certeza da garantia da integridade territorial, da proteção de sua população e da preservação dos interesses nacionais. Por sua vez, determina a necessidade de as forças armadas estarem com pessoal capacitado, com meios disponíveis e em condições de pronta-resposta às suas destinações constitucionais: defesa da Pátria, manutenção dos poderes constitucionais e garantia da lei e da ordem.

Ainda dois séculos antes da Era Cristã, Sun Tzu, em sua principal obra, *A Arte da Guerra*, enfatiza que o Estado deve ser forte e o faz com a ideia de proporcionar-lhe condições de dissuasão. Tal conceito ainda reside entre os Estados modernos quando se trata de Defesa Nacional.

No ano de 2020, a Força Terrestre (F Ter) implementou o projeto-piloto do Sistema de Prontidão Operacional (SISPRON) como alternativa para a busca da prontidão preconizada por documentos de destinação das Forças Armadas. Esse projeto foi iniciado pelas brigadas caracterizadas como *forças de emprego estratégico* (FEE)¹, das quais pode ser destacada a 5^a Brigada de Cavalaria Blindada (5^a Bda C Bld).

Nesse contexto, a 5^a Brigada de Cavalaria Blindada (5^a Bda C Bld) é uma grande unidade (GU) do tipo pesada² do Exército Brasileiro, integra uma das FEE da F Ter e é um comando enquadrado pela 5^a Divisão de Exército (5^a DE), sediada em Curitiba/PR e do

Comando Militar do Sul (CMS), com sede em Porto Alegre/RS. Por sua vez, é uma das principais brigadas necessárias à manutenção dos preceitos constitucionais das Forças Armadas. Conceitualmente, a brigada blindada é empregada nas operações militares para decidir o combate, pois tem a capacidade de conjugar, em si mesma, grande mobilidade tática, potência de fogo e proteção blindada (BRASIL, 2019).

Por caracterizar essa importância no contexto tático da F Ter, é imprescindível que essa GU alcance um elevado nível de adestramento, aliando o elemento humano aos meios, ou seja, ser capaz de formar diversos agrupamentos de homens, com equipamentos e armamentos para a eventualidade de emprego, transformando-os em adequado instrumento de combate. Consequentemente, tornar-se-á uma das brigadas blindadas decisoras do campo de batalha.

Além disso, deve também estar em permanente estado de prontidão, necessário ao cumprimento de uma missão. Em um curto espaço de tempo, deve desdobrar força compatível, valendo-se de seus próprios meios orgânicos ou disponibilizados em qualquer época do ano.

Com o objetivo de aprimorar o adestramento conduzido na brigada e, consequentemente, sua prontidão, nos anos de 2019 e 2020, a 5^a Bda C Bld foi inserida no projeto-piloto do SISPRON. Assim, implementou, nesses anos, uma série de ações com fulcro no cumprimento das diretrizes recebidas do escalão superior.

Ao final do ano de 2020, e cumpridas duas (de três) das fases relacionadas ao primeiro ciclo da prontidão operacional, é mister verificar se o SISPRON, imple-

*Maj Cav (AMAN/2002, EsAO/2011, ECEME/2018). Foi oficial de operações na 5^a Bda C Bld 2019/2020. Atualmente, é instrutor na ECEME.

mentado no âmbito da brigada, contribui, de fato, para o atingimento de adestramentos mais realísticos e uma prontidão operacional responsiva às determinações, ameaças de toda ordem e defesas de interesses nacionais, capazes de dissuadir interesses adversos.

Cabe verificar se as ações da Bda frente ao SISPRON aprimoram o principal propósito das Forças Armadas: estar pronta para o combate e em condições de cumprir as missões especificadas em documentos legais que definem suas responsabilidades.

É nessa direção que este artigo buscará revelar como a brigada, após o processo de implementação do SISPRON, aperfeiçoou sua capacidade de cumprir missões de combate. Intenta constatar se o SISPRON é uma forma de conduzir a brigada blindada e de o Exército Brasileiro (EB) possuir forças em permanente estado de prontidão operacional com capacidade dissuasória, aptas, treinadas e preparadas para o cumprimento das missões constitucionais.

Desenvolvimento

Documentos de Defesa e a dissuasão

Segundo o *Glossário das Forças Armadas*, dissuasão ou deterrência é uma atitude estratégica que, por intermédio de meios de qualquer natureza, inclusive militares, tem por finalidade desaconselhar ou desviar adversários, reais ou potenciais, de possíveis ou presumíveis propósitos bélicos. É, também, a medida política que visa impedir hostilidades vindas de outros países.

Segundo Gonçalves & Silva (2018), a dissuasão visa deter o oponente, evitar que o outro se valha do recurso do uso da força, em uma ação hostil e revisionista, para perseguir seus objetivos. A dissuasão, portanto, é uma tentativa de manutenção do *status quo*, seja para negar o sucesso da ação do antagonista, seja para punir o antagonista de maneira que supere o ganho pretendido, a fim de influenciá-lo a não perseguir aquela linha de ação.

Por outro lado, o Brasil necessita de forças armadas capacitadas, treinadas e prontas para respostas que possibilitem uma defesa à altura de sua estatura político-estratégica. A própria Constituição da República do

Brasil de 1988, em seu artigo 142, estabelece uma força armada capaz de defender a Pátria, precípua mente, além de estar sempre em condições de manter a lei e a ordem, bem como cumprir as diversas ações subsidiárias determinadas em leis complementares. Possuir a capacidade de defender seu território e manter seus interesses nacionais enseja dissuasão.

Em outro aspecto, a Política Nacional de Defesa aborda que a nação concebe sua Defesa Nacional segundo pressupostos básicos, dos quais pode ser destacada a preparação das Forças Armadas, mantendo-as em permanente estado de prontidão para serem empregadas com o fim de cumprir sua destinação constitucional e capazes de prover a adequada capacidade de dissuasão. Tal afirmação leva a crer que o Exército Brasileiro deve buscar treinar, adestrar adequadamente, verificar o nível desse adestramento e encontrar-se sempre pronto para o cumprimento de missões. Dessa ações coordenadas advêm uma capacidade de dissuasão.

Outrossim, o *Livro Branco de Defesa Nacional* (LBDN) (2012) também aborda a necessidade de a nação possuir tropas em condições de pronta-resposta e capazes de reação célere às ameaças. Nele observa-se a necessidade de investimentos na construção e manutenção de capacidades nacionais de defesa que propiciem adequada efetividade à Defesa Nacional. Assim, verifica-se a necessidade de a Força Terrestre possuir tropas em permanente estado de prontidão para serem empregadas em sua destinação constitucional.

Ademais, a Estratégia Nacional de Defesa (END) (2016) estabelece as capacidades nacionais de defesa (CND), aqui destacadas três delas: *a capacidade de proteção, pronta-resposta e dissuasão*. A *capacidade de proteção* do território e da população brasileira exprime o mais relevante objetivo nacional: o de garantir a soberania, o patrimônio nacional e a integridade territorial. Intimamente relacionada à capacidade de proteção está a *capacidade de pronta-resposta*, que inclui diversos elementos do Poder Nacional e visa prevenir o agravamento de uma situação de crise ou encerrar, de forma célere, uma contenda já deflagrada, evitando o engajamento do País em um conflito armado prolongado.

Já a *capacidade de dissuasão*, por sua vez, configura-se como fundamental para a Segurança Nacional, na medida em que tem como propósito desestimular possíveis agressões. Sustenta-se nas condições que possui a nação de congregar e aplicar sua capacidade de proteção e de pronta-resposta, no caso de eventuais ações hostis contra a soberania e os legítimos interesses do Brasil. A capacidade de dissuasão, que consiste não só na disponibilidade e prontidão de meios militares adequados, mas também na capacitação do seu pessoal, é uma ferramenta da diplomacia.

No âmbito da Força Terrestre, outra assertiva é a *capacidade militar terrestre de pronta-resposta estratégica*, estabelecida no *Catálogo de Capacidades do Exército*. Segundo o documento, ela congrega a condição de projetar poder em qualquer local do território nacional em condições de combater, tendo como características: flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade (FAMES).

Nesse escopo, a *capacidade operacional da prontidão* pode ser definida como a qualidade de estar em condições de empregar uma força no cumprimento de missões em um curto espaço de tempo e utilizando seus próprios meios ou os que lhe forem disponibilizados.

Além disso, de acordo com a *Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre*, a missão do Exército é:

Contribuir para a garantia da soberania nacional, dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, salvaguardando os interesses nacionais, cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social. Para isso, preparar a Força Terrestre, mantendo-a em permanente estado de prontidão.

Isso faz entender a importância de alcançar e manter tropas em condições permanentes de resposta às intimidações e ser capaz de agir com dissuasão contra as ameaças aos interesses nacionais.

Abordadas essas ideias, verifica-se parcialmente que a busca pela capacidade de dissuasão resulta de ações em todos os níveis de decisão, desde o político ao tático. Para que a nação dissuada ações hostis, é necessário que as Forças Armadas possuam instrumentos militares capazes e em permanente estado de prontidão,

além de uma conjunção de ações de outras expressões do Poder Nacional.

A concepção geral e a implementação do SISPRON

Anteriormente à explanação sobre o SISPRON, cabe destaque uma abordagem abrangente do sistema, como se encontra e com quem se inter-relaciona no plano da Doutrina Militar terrestre.

O Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) é fundamentado no Sistema de Doutrina Militar Terrestre (SISDMT) e tem como órgão coordenador o COTER.

Por sua vez, o SISOMT tem como objetivo a integração das informações operacionais; a orientação, a coordenação e a execução do preparo, da prontidão operacional e do emprego de Força Terrestre (F Ter), e pode contar, também, com integrantes como Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) e os Comandos Militares de Área.

O SISOMT é composto por quatro subsistemas, assim definidos:

- Sistema de Preparo da Força Terrestre (SISPREPARO);
- Sistema de Emprego da Força Terrestre (SISEMP);
- Sistema de Informações Operacionais Terrestres (SINFOTER); e
- Sistema de Prontidão Operacional (SISPRON), encarregado de planejar, coordenar e controlar, em estreita ligação com o SISPREPARO e os C Mil A, a manutenção do nível de adestramento das FORPRON.

A **figura 1**, a seguir, apresenta um resumo da sistemática do SISOMT:

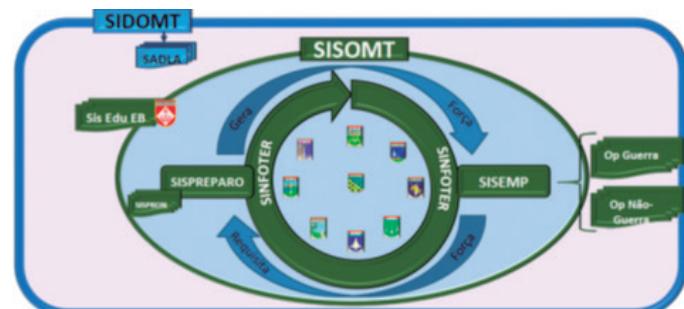


Figura 1 – Sistemática geral do SISOMT na Força Terrestre
Fonte: COTER

Sinteticamente, o SISPRON objetiva cooperar no planejamento, coordenação e controle das forças em situação de prontidão operacional, bem como na manutenção das capacidades por elas alcançadas, em estreita ligação com o Estado-Maior do Exército (EME), Comandos Militares de Área (C Mil A), Órgãos de Direção Setorial (ODS) e, mais intrinsecamente, com o Centro de Doutrina do Exército (C Dout Ex) e as chefias do COTER, também denominado Órgão de Direção Operacional (ODOp).

Já no âmbito desse ODOp, por meio da diretriz para o projeto-piloto do Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre, foram estabelecidas as diretrizes e as orientações gerais para a execução do SISPRON no ano de 2020.

Nesse documento ficou estabelecido o alinhamento com o Objetivo Estratégico do Exército 5 – Modernizar o SISOMT, e a Estratégia 5.1 – Aumento da capacidade de pronta-resposta da Força Terrestre. No âmbito do Exército Brasileiro, isso caracteriza a conjunção de estratégias e ações com o intuito de levar a cabo uma prontidão realmente capaz de intervir em favor dos interesses nacionais.

Outro aspecto a ser salientado na diretriz é que o SISPRON se destina à manutenção do nível de preparação completa a ser atingido pelas forças de prontidão (FORPRON), disponibilizando tropas com poder de combate e capacidade de geração de combate, avaliadas e certificadas em sua capacitação operacional, para uma requisição do SISEMP.

Na diretriz de implantação, ficou também definida a sistemática do ciclo da prontidão operacional. Esta se subdivide em três fases:

- a. Fase de Preparação, com duração aproximada de três meses;
 - b. Fase de Certificação, com duração aproximada de um mês;
 - c. Fase de Prontidão Operacional, com duração de oito meses, aproximadamente.

O **quadro 1**, a seguir, apresenta o dimensionamento das fases do ciclo da prontidão operacional, bem como

estabelece a continuidade do processo no âmbito das GU FEE ao longo dos próximos anos:

Quadro 1 – Planejamento geral dos ciclos de prontidão de uma GU EEE

Fonte: COTER

Na primeira fase, a da preparação, ocorrem atividades de levantamento e administração de pessoal no tocante à sua disponibilidade durante todo o ciclo da prontidão. Também é verificada toda a situação do material necessário ao adestramento e posterior prontidão. A alocação de recursos de toda ordem é recebida pelas OM durante essa fase, bem como recursos para o custeio das instruções, suprimentos de manutenção e recursos de investimento no processo.

O principal propósito da fase de preparação, contudo, é capacitar as FORPRON para a fase de certificação. Durante a preparação, são levantados todos os *objetivos individuais de instrução* (OII) e todos os *objetivos de adestramento* (OA), que serão revisados e executados ao longo da fase. Cabe à OM o atingimento dos padrões ideais, tanto individuais como coletivos, para o cumprimento das atividades e tarefas que são avaliadas posteriormente na fase da certificação.

Na fase de preparação, a responsabilidade da GU se detém na operacionalização e determinações das ações das OM FORPRON, na verificação dos níveis alcançados pela tropa, tanto de maneira individual quanto como comando enquadrado. Cabe à Bda também promover a interação entre as forças-tarefa (FT)³, o que em uma Bda Bld se torna fundamental.

Já a segunda fase, a de *certificação*, é a ocasião em que, por cerca de quatro semanas, são realizadas as simulações construtiva, virtual e viva⁴, todas dentro de um mesmo tema tático, e coerente com as missões prioritárias da GU, previstas nas hipóteses de emprego (HE). Nessa oportunidade, o comando da Bda FORPRON é avaliado na simulação construtiva, as OM FORPRON são avaliadas durante a simulação viva e as SU FORPRON durante a simulação virtual e viva. Nessas atividades, há participação ativa do Centro de Adestramento-Sul (CA-Sul). Ao final da fase de certificação, a brigada do SISPRON recebe o aval de tropa certificada e está pronta para o cumprimento de missões durante toda a fase de prontidão.



Figura 2 – Imagens da fase de certificação da 5^a Bda C Bld
Fonte: 5^a Bda C Bld

A última fase, a de *prontidão operacional*, é considerada como a prontidão propriamente dita. A partir dessa etapa, as tropas, já certificadas, ficarão à disposição para acionamento para emprego por iniciativa dos C Mil A ou por solicitação do COTER. Nesse período também, as tropas em prontidão operacional deverão passar por treinamentos e instruções visando a manutenção de padrões ou mesmo adestramentos visando adquirir níveis de treinamento satisfatórios em determinadas ações táticas.

A diretriz de implantação também estabeleceu a estrutura organizacional durante toda a fase da prontidão operacional. Determinou que, durante essa fase,

as GU deverão manter uma estrutura com o comando e o estado-maior da brigada, uma tropa valor unidade a até quatro subunidades (SU) da arma-base, além da SU de comando e apoio.

No âmbito da 5^a Divisão de Exército (5^a DE), no mês de março de 2020, foram emitidas as diretrizes para a organização e implantação do SISPRON no âmbito desse grande comando operacional (G Cmdo Op). Buscou-se implantar o sistema de forma a garantir o sequenciamento planejado pelo COTER e coordenado pelo Comando Militar do Sul (CMS), orientando suas GU durante as fases de preparação e certificação.

Essa DE engloba duas FEE, a 5^a Bda C Bld e a 15^a Brigada de Infantaria Mecanizada (15^a Bda Inf Mec). Dessa forma, a 5^a DE, sob os direcionamentos do CMS, ocupa posição de destaque nesse contexto, por constituir o comando de duas forças de prontidão operacional (FORPRON). Torna-se, assim, elo essencial para a implantação gradual, coordenada e corretamente conduzida do SISPRON.

Nesse sentido, a Diretriz de Planejamento (DIPLAN) do comandante da 5^a DE estabeleceu as normas e diretrizes para a implantação do SISPRON e das forças de prontidão operacional (FORPRON) no escopo desse G Cmdo Op. Na DIPLAN, foi estabelecida normatização de ações de seleção, preparo, manutenção e emprego das tropas integrantes das FORPRON, a definição de atribuições e responsabilidades concernentes aos Cmdo da 5^a Bda C Bld e da 15^a Bda Inf Mec.

Um aspecto que se observou como relevante na DIPLAN do comandante da 5^a DE foi o incremento da consciência da manutenção de forças em permanente estado de prontidão operacional, após o término da fase de certificação. Ficou evidente a intenção de caracterizar que um dos principais propósitos das FORPRON é manter meios e pessoal em estado contínuo de prontidão.

Para isso, foi necessário o planejamento estreito quanto aos afastamentos totais do serviço por parte dos integrantes das FORPRON, como férias, trânsito ou instalação. Para essas forças, é determinada a restrição aos afastamentos totais. Assim, as OM pertencentes às FORPRON planejaram a disponibilidade total dos militares ao longo de todo o período de prontidão opera-

cional, desde a fase de preparação, passando pela certificação e, por fim, os oito meses em que estarão prontos para qualquer acionamento.

Assim, a 5^a DE buscou definir a natureza dos elementos de manobra e a composição dos apoios da 5^a Bda C Bld que seriam introduzidas no projeto do SISPRON, compondo a FORPRON da 5^a Bda C Bld, Força-Tarefa (FT) Potyguara. Definiu-se, inicialmente, como tropas componentes de OM de manobra, apoio de fogo, apoio de engenharia, comando e controle e logística para comporem a FT e assim conduzirem a implantação do SISPRON na Bda.

Vale destaque, neste instante, que a prontidão operacional a qual se refere o presente artigo não é a prontidão tratada no Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (RISG), Da Prontidão, em seu artigo 464. A ordem de prontidão importa em ficar a unidade preparada para sair do quartel tão logo receba ordem, para desempenhar qualquer missão dentro da respectiva Gu ou à distância tal que permita sejam atendidas suas necessidades com os recursos da própria unidade e ainda ensejando medidas restritivas à tropa.

O SISPRON no Comando Militar do Sul (CMS) conta, também, com o CA-Sul para a execução da avaliação do nível de adestramento alcançado pela FORPRON da 5^a Bda C Bld e as demais FEE que possuem FORPRON. O CA-Sul é uma OM que contribui com o adestramento de tropas de qualquer natureza, preferencialmente blindadas e mecanizadas, para as operações no amplo espectro, por meio da imitação do combate. Enfatiza a utilização de meios de simulação. Vem se tornando referência nacional e internacional pela elevada qualidade profissional de seus integrantes e pela eficiente e eficaz contribuição para a preparação, certificação e prontidão de tropas blindadas e mecanizadas da Força Terrestre.

O CA-Sul agrupa imensa qualidade à verificação do nível de adestramento quando atua durante a fase de certificação, empregando seus meios de simulação e imitação do combate, coordenados pelo pessoal altamente especializado que compõe seus quadros. Durante essa fase, as GU componentes do SISPRON são

avaliadas em seu adestramento por intermédio das simulações construtiva, virtual e viva, numa duração de quatro semanas, aproximadamente.

No tocante à simulação construtiva, o CA-Sul atua como facilitador da avaliação do adestramento quando utiliza a principal ferramenta de simulação construtiva do Exército Brasileiro: o Sistema Combater. Esse sistema é utilizado para avaliar o desempenho do estado-maior da brigada FORPRON durante os jogos de guerra, oportunidade em que são empregados os EM Bda e de todas as suas organizações militares diretamente subordinadas (OMDS), verificando e quantificando a capacidade de planejamento do EM Bda. Verifica, também, o desempenho da Bda como instrumento integrado de emprego das Armas.

Quanto à simulação virtual, o CA-Sul contribui com a execução da avaliação do desempenho do planejamento e condução da tropa no nível SU por meio do sistema *Virtual Battlespace 3* (VBS3). As SU componentes das FORPRON executam a simulação virtual no VBS3, momento em que é verificada e quantificada a capacidade de planejamento do comandante da SU FORPRON que está sendo certificada, bem como o cumprimento de missões de combate de uma SU de acordo com os documentos doutrinários.

Já durante a simulação viva, o CA-Sul é o componente que agrupa expressivo realismo ao exercício de campanha pela utilização de seus dispositivos de simulação de engajamento tático (DSET) para homens a pé, armamentos individuais e coletivos e viaturas blindadas.

Expostos tais pontos de interesse, conclui-se de maneira parcial que há uma estrutura militar voltada ao planejamento, condução e fiscalização das FORPRON. Essas forças destinam-se a atender às HE em território nacional, em particular as que privilegiam a atuação preponderante da Força Terrestre em ações voltadas à defesa externa. Em uma segunda prioridade, deverão ter condições de atuar em situações de não guerra⁵. Esses são, portanto, os objetivos a serem atingidos pelas FORPRON, com foco no combate convencional e, em segunda ordem, a garantia da lei e da ordem (GLO).

A implementação da FORPRON na 5^a Bda C Bld

Sediada na cidade de Ponta Grossa/PR, a 5^a Bda C Bld foi criada no ano de 1934 como 9^a Brigada de Infantaria (9^a Bda Inf) na data de 24 de maio, com sede em Curitiba/PR. No ano de 1938, essa brigada foi extinta e criada a Infantaria Divisionária da 5^a Divisão de Infantaria (ID/5), com sede em Ponta Grossa/PR.

Passados 14 anos, em 1952, o Comando da ID/5 foi transferido de Ponta Grossa/PR para a cidade de Florianópolis/SC e, em 1956, a Infantaria Divisionária/5 retornou à Ponta Grossa/PR. Em 1971, após a reestruturação das forças blindadas no âmbito do Exército, a ID/5 foi transformada em 5^a Brigada de Infantaria Blindada.

No ano de 2000, a 5^a Brigada de Infantaria Blindada recebeu a denominação histórica “Brigada General Tertuliano de Albuquerque Potyguara”, em homenagem ao ilustre oficial que atuou de modo destacado na Guerra do Contestado e na Primeira Guerra Mundial.

Já no ano de 2004, o Exército Brasileiro novamente buscou reordenar e ampliar as capacidades das suas forças blindadas. Dessa forma, decidiu-se pela extinção da 5^a Bda C Bld com sede no Rio de Janeiro/RJ e sua recriação na cidade de Ponta Grossa/PR, transformando, assim, sua denominação de 5^a Brigada de Infantaria Blindada para em 5^a Brigada de Cavalaria Blindada.

Assim, após essa rearticulação, a 5^a Bda tornou-se uma grande unidade completa em meios e OMDS. Possui dois batalhões de infantaria blindados (BIB) e dois regimentos de carros de combate (RCC), todos quaternários a quatro subunidades (SU) de manobra, que, quando rearranjados entre si, formam o binômio carro de combate-fuzileiro no formato de forças-tarefa (FT).

A 5^a Bda C Bld conta, também, com um grupo de artilharia de campanha autopropulsado (GAC AP) a quatro SU obuses AP, um batalhão de engenharia de combate blindado com capacidade de apoio à mobilidade, contramobilidade e proteção (MCP) aos BIB, RCC e elementos de apoio ao combate, e um batalhão

logístico necessário à sustentação logística dos elementos da brigada.

A brigada possui, ainda, outras cinco OM valor subunidade (SU) e pelotão (Pel): um esquadrão de cavalaria mecanizado, uma companhia de comunicações blindada, uma bateria de artilharia antiaérea autopropulsada, um esquadrão de comando e um pelotão de polícia do exército mecanizado.

O *Glossário das Forças Armadas* caracteriza o termo “brigada” como sendo a GU básica de combinação de Armas, atuando de forma integrada num conjunto equilibrado por unidade de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuar independentemente e de durar na ação. Disso se verifica que a brigada deve conduzir a integração entre Armas. Durante o adestramento e a preparação, deve adotar medidas com o intuito de se atingir a capacidade de realização de trabalhos de forma conjunta e integrada entre todas as OMDS da 5^a Bda C Bld e, assim, ampliar capacidades isoladas e conduzir a brigada ao cumprimento de missões de combate de forma independente.

Assim, verifica-se que a 5^a Brigada de Cavalaria Blindada possui todos os elementos necessários à condução do combate. Os BIB, os RCC e o Esqd C Mec formam os elementos de manobra. As OMDS de artilharia, engenharia e comunicações conjugam os elementos de apoio ao combate. O 5º B Log volta-se à sustentação logística de toda a Bda. Como componente principal da integração desses elementos, cabe ao Cmdo da 5^a Brigada promover a coordenação do emprego constituído entre todas as suas OMDS, conduzindo-as a um nível de adestramento conjunto necessário ao cumprimento de missões constitucionais.

Essa é uma perspectiva que não possui nenhum aspecto inédito. O adestramento⁶, tanto no nível da organização militar (OM), chamado de *adestramento básico*, quanto no nível Bda, ou *adestramento avançado*, já é anual e contempla a preparação completa nessa GU.

O que se pode afirmar é que a implementação do SISPRON na 5^a Bda C Bld almeja agregar ainda mais qualidade à verificação do nível de adestramento atingido, bem como implementa, de maneira inédita, o sistema da prontidão operacional no nível dessa GU.

A partir de 2020, a Bda passa a contar com um número intermitente de militares na condição de prontidão operacional.

Por meio da DIPLAN 01-E3/5^a Bda C Bld, de 2020, o Cmdo da GU iniciou o processo de implantação do SISPRON, desenvolvendo as ações que deveriam ser tomadas pelas OM FORPRON. A DIPLAN definiu o sequenciamento das fases no tempo e no espaço. Para o ano de 2020, particularmente, a fase de preparação foi determinada entre os meses de julho e setembro. Nessa fase, foram definidos, previamente, todos os OII e OA que seriam revisados e executados.

Dessa forma, as OM FORPRON seguiram um programa de preparação desde um nível elementar de aptidões individuais até o adestramento no nível SU. Essas ações foram coordenadas e fiscalizadas pelo Cmdo Bda. Em resumo, a fase de preparação envolveu instruções desde o período de Instrução Individual Básica até o Programa de Adestramento Básico (PAB) das SU, dos RCC e dos BIB.

No âmbito do Comando e do Estado-Maior da 5^a Bda C Bld, foram diversas ações no intuito de proporcionar correta condução da implementação do processo nas OMDS. Ações como a verificação e definição de todos os militares que comporiam as FORPRON em cada OM e o planejamento dos afastamentos totais do serviço, períodos de férias e licenças. Definiu-se, também, pela participação exclusiva de militares do efetivo profissional⁷ (EP) nas FORPRON e, por fim, deliberou-se pelo efetivo total dos militares participantes da Bda. Cabe ressaltar que essas ações se estenderam a todas as OMDS envolvidas no projeto-piloto do SISPRON da 5^a Bda C Bld. Todas as funções de combate, portanto, foram permeadas no projeto de implementação.

No que coube à logística no âmbito da Bda, foram planejados todos os módulos logísticos necessários ao cumprimento de uma missão de combate, inclusive o módulo de saúde com os próprios meios existentes no batalhão logístico orgânico da Bda. Ademais, o projeto ampliou a preparação de todos os meios na função logística *manutenção*, voltada tanto para a fase de preparação quanto para a etapa da certificação. Também coube à logística o planejamento e a coordenação do transporte tanto de tropa quanto de todos os meios ne-

cessários à fase de certificação, que ocorreu no Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB), distante cerca de 1.200km da sede da Bda.

A seção de operações recebeu a incumbência de dar ação às diretrizes do escalão superior e do comandante (Cmt) Bda por meio de uma DIPLAN, a qual definiu os objetivos e padrões a serem atingidos ao longo do ano de instrução de implantação do SISPRON na Bda. A seção também estabeleceu quais OM participariam do projeto-piloto e com quais capacidades cada OM contribuiria para a formação da FT Potyguara.

Com relação ao sequenciamento do ciclo da prontidão operacional bem como suas fases respectivas, o **quadro 2** expõe o planejamento da 5^a Bda C Bld para as fases de preparação, certificação e prontidão operacional.



Quadro 2 – Planejamento do ciclo completo da prontidão operacional da 5^a Bda C Bld para o projeto-piloto. Fonte: O autor

No mês de outubro de 2020, ocorreu a fase de certificação da 5^a Bda C Bld. Por meio das capacidades do CA-Sul, a Bda foi avaliada e certificada, utilizando-se dos meios de simulação nas modalidades das simulações construtiva, virtual e viva.

A 5^a DE, como escalão avaliador da 5^a Bda C Bld, verificou a capacitação do Cmdo e do EM Bda em conduzir operações militares. A simulação construtiva foi executada em meio ao planejamento de operações ofensivas⁸ e com duração de cinco jornadas. Envolveu o planejamento de uma missão de combate e condução da operação planejada, enquadrada dentro de um quadro tático criado pela 5^a DE, órgão certificador. Para isso, foi utilizado o Sistema Combater para condução

da avaliação e certificação do EM Bda e suas OMDS. O Sistema Combater é um sistema de simulação para realizar jogos de guerra no treinamento dos comandantes e estados-maiores na resolução de problemas militares em ambiente de combate no amplo espectro dos conflitos.

Além do Sistema Combater, o escalão avaliador realizou a mensuração do desempenho por meio do emprego de *observadores e avaliadores do adestramento* (OCA) para todo o EM Bda. Durante toda a etapa do planejamento, os integrantes do EM Bda, desde o Cmt Bda ao chefe da Seção de Logística, eram acompanhados por militares OCA para observação e avaliação da capacitação do EM na execução do planejamento e condução da operação.

Ainda no mês de outubro, ocorreu também a avaliação da FT SU por meio do sistema VBS3, gerenciado pelo CA-Sul. Ao longo de seis jornadas, duas FT SU realizaram todo o sequenciamento do *Manual de Ensino Trabalho de Comando* e pelos *Cadernos de Certificação*, que quantificam, por fim, o desempenho da tropa adestrada.

Em uma última etapa, ocorreu o exercício de campanha (Exc Cmp), ao final das duas últimas semanas de outubro, ocasião em que foi realizado o tiro das viaturas blindadas de combate de todas as guarnições de carros de combate (CC) FORPRON da 5ª Bda C Bld. Nesse exercício de tiro, ocorreram as atividades de adestramento das guarnições CC e dos pelotões CC orgânicos dos RCC.

No Exc Cmp, ocorreu a avaliação do adestramento alcançado pelas tropas FORPRON. Essa avaliação se dá por meio da utilização dos meios de simulação do CA-Sul e da atuação ativa dos OCA para as frações componentes das FT SU Bld FORPRON. Ao final da certificação, o CA-Sul emitiu o relatório que expõe o nível atingido pelas tropas FORPRON adestradas.

Com tudo isso, verifica-se parcialmente que a 5ª Bda C Bld implementou as ações do SISPRON seguindo as ordens e diretrizes emanadas do COTER, CMS e 5ª DE. Tais ações se concentraram em designar objetivos a serem alcançados, ordens aos elementos subordinados e atividades a serem desenvolvidas para que a Bda obtivesse a proposição de tropa certificada e em condi-

ções de iniciar a prontidão operacional estipulada por documentos de destinação das Forças Armadas.

Discussão

A implantação do SISPRON no âmbito da Força Terrestre, destacadamente na 5ª Bda C Bld, possui como grande objetivo a formação de tropas treinadas, certificadas e em estado de prontidão operacional, em permanente condição de pronta-resposta e focadas sobretudo no combate convencional.

Analizados os aspectos mencionados, pode-se afirmar que o SISPRON incrementa a capacidade de dissuasão do Exército Brasileiro, das Forças Armadas e do Brasil na medida em que a F Ter possui tropas em condições de prontidão operacional, aptas e prontas para impedir quaisquer hostilidades à Defesa Nacional. Atualmente, a 5ª Bda C Bld mantém, e assim será subsequentemente, parte considerável de seus meios em material e pessoal em prontidão operacional.

Como observado no *Catálogo de Capacidades do Exército*, o SISPRON contribui para o aprimoramento da Capacidade Militar Terrestre da Pronta-Resposta Estratégica. Particularmente na 5ª Bda C Bld, a partir da implementação do SISPRON, a Bda aperfeiçoa a capacidade de projetar elementos operativos com apoio ao combate, comando e controle e apoio logístico dentro das características do FAMES, mesmo que ainda necessite de aperfeiçoamentos no sentido de dar ainda mais agilidade à mobilidade estratégica.

Com relação à concepção de preparo e emprego da F Ter, o SISPRON agrupa às FEE maior condição de dissuasão. A 5ª Bda C Bld implementou o sistema e realizou a certificação numa área fora de sua sede. Isso possibilita à Bda adestramento para o desdobramento de seus meios em toda parte do território nacional, ressaltando-se como capacidade militar terrestre a pronta-resposta estratégica. A despeito da Bda anteriormente ter realizado tais atividades, as FORPRON atuam, agora, no contexto da fase de certificação, o que fornece a verificação do nível de adestramento alcançado pela Bda FORPRON durante a preparação.

A END aborda a concepção de uma defesa nacional por meio tropas bem preparadas e em estado de prontidão, que resultam na capacidade de proteção, pronta-resposta e dissuasão. Por meio da implantação do SISPRON, a F Ter no ano de 2020 e no âmbito da 5ª Bda C Bld, contribui para essas condições, pois mantém tropa em prontidão operacional e, assim, capacitada para prevenir o agravamento de crises ou encerrar de forma célere uma contenda já deflagrada, caso ocorra.

Verifica-se que o SISPRON garante o respeito aos preceitos do LBDN, pois cumpre com a necessidade de a nação possuir tropas em permanente estado de prontidão. A 5ª Bda C Bld manterá a sistemática já abordada do SISPRON em seu cronograma anual, obtendo, assim, um ano de instrução caracterizado por um ciclo de preparação diferenciado em relação ao que normalmente é cumprido pelas demais OM da F Ter.

Na ocasião em que o EB iniciou o processo de implantação do SISPRON, verificou-se a real intenção em se obter tropas em condições plenas de emprego no momento em que se tornam certificadas e em estado de prontidão operacional. Todas as ações da 5ª Bda C Bld nos anos de 2019 e 2020 foram voltadas à melhor forma de cumprir o ciclo da prontidão operacional. Todas as OMDS FORPRON dedicaram-se a planejar as instruções necessárias.

Após cumprida a fase de certificação, a 5ª Bda C Bld passou a ter cerca de 700 militares em estado de prontidão operacional. Essa tropa permanecerá nessa condição até o mês de julho do ano de 2021, quando outra tropa passa a vivenciar a situação de pronta-resposta. Essa sistemática fará com que a Bda tenha a sua disposição tropas aptas, adestradas, certificadas e prontas para responder a qualquer necessidade.

Documentos de destinação das Forças Armadas, como verificado, salientam tropas em condições de pronta-resposta. Essa assertiva, a partir de agora, é verificada continuamente dentro da 5ª Bda C Bld. Concluída a fase de certificação das tropas FORPRON da 5ª Bda C Bld do primeiro ciclo da PO e iniciada a fase da prontidão operacional, a brigada, a 5ª DE, o CMS e, sobretudo, a Força Terrestre e o Brasil terão à dispo-

sição tropas aptas, adestradas, certificadas e prontas a cumprir quaisquer missões táticas.

A fase de preparação na 5ª Bda C Bld durou cerca de três meses. Durante esse período, a busca pela capacitação operacional de todas as OMDS componentes da FORPRON foi constatada e verificada pelo Cmdo Bda. A preparação priorizou o combate convencional e, em especial, quais missões lhes poderiam ser atribuídas.

Como abordado, o trabalho do CA-Sul foi essencial para a continuidade e qualidade do SISPRON. Só se obtém a outorga de tropa certificada quando a força adestrada passa pelo período de certificação especificado no SISPRON e sob os auspícios do CA-Sul. Somente o CA-Sul tem a autoridade para certificar tropas blindadas na F Ter. A 5ª Bda C Bld passou por esse processo no mês de outubro e assim pode manter em estado de prontidão parte considerável de seus meios.

Conclusão

Conforme constatado, o SISPRON vem sendo implementado com o propósito de proporcionar à nação maior força dissuasória contra interesses adversos. As ações incorporadas às OMDS da 5ª Bda C Bld concebem uma tropa blindada treinada e certificada em seu nível de adestramento, bem como pronta, em estado de prontidão operacional. Essas ações certamente contribuem para a manutenção de um *status quo*, seja para negar o sucesso de uma ação antagonista, seja para punir o antagonista de maneira que supere o ganho pretendido e, por fim, influenciá-lo a não perseguir determinada linha de ação.

Retomando Sun Tzu, o Estado forte e em condições de dissuasão perpassa todas as expressões do Poder Nacional. Uma das mais relevantes, contudo, pode-se dizer que seja a *expressão militar*, e desta surge a necessidade de possuir tropas aptas e capazes de serem empregadas de maneira determinante, cumprindo a missão. O SISPRON na 5ª Bda C Bld contribui para essa assertiva no momento em que mantém seus meios em prontas condições, adestradas, equipadas e certificadas.

No tocante à continuidade do SISPRON na 5ª Bda C Bld, atualmente isso já vem sendo efetivado em todas as OMDS da 5ª Bda C Bld. O entendimento do Cmdo da 5ª Bda C Bld é possuir uma FORPRON com capacidade de comando e controle do Cmt Bda, capacidade de empregar seus elementos de manobra, com os devidos apoios em fogos, engenharia, artilharia antiaérea, logísticos e demais meios a ela agregados. Além disso, a FORPRON deve possuir a capacidade de projetar sua força em qualquer lugar do território nacional ou entorno estratégico. Por meio dessas ações, será obtida uma capacidade dissuasória plena no âmbito de uma Bda Bld.

É certo que há aperfeiçoamentos a serem introduzidos e diversos óbices a serem superados para que a F Ter obtenha, integralmente, capacidade dissuasória

e um SISPRON autóctone, adequado, adaptado, característico do Exército Brasileiro e suas missões constitucionais. É também correto, contudo, afirmar que os primeiros e eficazes passos foram dados na direção correta. O Exército Brasileiro, seus órgãos de direção e comandos militares continuarão conduzindo o SISPRON de forma a criar-se uma consciência de manutenção de forças em permanente estado de prontidão operacional.

Por fim, o SISPRON proporciona maior capacidade de dissuasão à F Ter. O Exército Brasileiro trabalha para manter uma estrutura militar de credibilidade e cooperação, tanto nacional como internacional. Com esses fatores inter-relacionados, o Brasil fortalecerá sua política de defesa e sua política externa, mantendo-se à altura de sua condição político-estratégica. 

Referências

- BRASIL. **Constituição Federal do Brasil Artigo 142**. Senado Federal do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 nov 2020.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Diretriz para o Projeto-Piloto do Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre**, 2020.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Comando Militar do Sul. 5ª Divisão de Exército. **Diretriz de implantação do SISPRON**, mar 2020.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Comando Militar do Sul. 5ª Divisão de Exército. 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Diretriz de Planejamento para o SISPRON na Brigada**, mar 2020.
- BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Concepção Estratégica do Exército**. Brasília, DF, 2019.
- BRASIL. **Lei Complementar nº 97/1999**. Modificada pela Lei Complementar nº 117 e 136. 2008.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD33-M-02 – Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas**. 3. ed. Brasília, DF, 20.
- BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/livro_branco_congresso_nacional.pdf. Acesso em: 19 nov 2020.
- Brasil. **Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa**. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado_e_defesa/copy_of_pnd_e_end_2016.pdf. Acesso em: 19 nov 2020.
- BRASIL. **Ministério da Defesa**. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/copy_of_exercicios-e-operacoes. Acesso em: 19 nov 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD35-G-01 – Glossário das Forças Armadas.** 5. ed. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10-310. Brigada Blindada.** 1. ed., 2019.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Gabinete do Comandante. **Regulamento Interno e dos Serviços Gerais – R-1.** Artigo 464. Brasília, DF, 2003.

GONÇALVES, Alexandre; DA SILVA, Eduardo Sol Oliveira. **Coerção e guerra: quais os limites dos conceitos?**

TZU, Sun; PIN, Sun. **A arte da guerra.** WWF Martins Fontes, 2015.

Notas

- ¹ Forças de Emprego Estratégico (FEE): forças existentes desde o tempo de paz, com suficiente poder de combate para possibilitar o desequilíbrio estratégico pela execução da estratégia da ofensiva.
- ² Brigada pesada: as brigadas são divididas em três categorias de acordo com seus sistemas e materiais de emprego militar e suas capacidades operativas: brigadas leves, médias e pesadas.
- ³ Força-tarefa: grupamento temporário de forças, de valor unidade ou subunidade, sob um comando único, formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate em proporções adequadas.
- ⁴ As simulações de combate virtual, viva e construtiva: são as três modalidades de simulação de combate empregadas pelo Exército Brasileiro, fundamentados em equipamentos e ferramentas de tecnologia da informação.
- ⁵ Situação de não guerra: situação na qual o poder militar é empregado de forma limitada, no âmbito interno e externo, sem que envolva o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Normalmente, o poder militar será empregado em ambiente interagências, podendo não exercer o papel principal.
- ⁶ Adestramento: atividade final da instrução militar na tropa, que objetiva a formação dos diversos agrupamentos de homens, com equipamentos e armamentos (pequenas frações, frações, subunidades, unidades e grandes unidades), para a eventualidade de emprego, como instrumento de combate.
- ⁷ Efetivo profissional: universo de militares do Exército Brasileiro de carreira ou temporários, excluídos os soldados recrutas, chamados de efetivo variável.
- ⁸ Operações ofensivas: são operações terrestres agressivas nas quais predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque.

Biblioteca do Exército

Tradição e qualidade em publicações



Biblioteca do Exército (BIBLIEx) – Casa do Barão de Loreto é uma centenária instituição cultural do Exército Brasileiro que contribui para o provimento, a edição e a difusão de meios bibliográficos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura profissional-militar e geral.

SEJA NOSSO ASSINANTE

e receba em sua residência
nossos livros publicados.



Tel.: (21) 2519-5707

Praça Duque de Caxias, nº 25
Palácio Duque de Caxias
Ala Marcílio Dias – 3º Andar
Centro – CEP 20.221-260
Rio de Janeiro – RJ



Acesse:

www.bibliex.eb.mil.br

Contrate produtos da FHE POUPEX pela internet



Consórcio



Crédito com Garantia de Imóvel



Crédito para Bens Duráveis



Crédito Imobiliário Digital



Crédito Simples Digital



Plano Odontológico



Seguro Auto



Seguro Fiança Locatícia



Seguro Residência



Seguro Viagem

Mais comodidade e segurança para você!



Aponte sua câmera
para o código ao
lado ou acesse
www.fhe.org



Aponte sua câmera
para o código ao
lado ou acesse
poupex.com.br

Aplicativo POUPEX e Internet Banking (POUPEX Digital)



BAIXE O APP



- ✓ Realize o cadastro digital
- ✓ Atualize dados pessoais
- ✓ Faça consultas
- ✓ Emita extratos, boletos e demonstrativos do IRPF
- ✓ Simule e contrate o Crédito Imobiliário, o Consórcio, o Crédito Simples e o Plano Odontológico

Pexia
Especialista virtual
da POUPEX

FHE

POUPEX



Biblioteca do Exército

Tradição e qualidade em publicações

www.bibliex.eb.mil.br



ISSN 0011-7641

